

Revista do
INSTITUTO
HISTÓRICO *e*
GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. DO SUL

ANO XX —

III TRIMESTRE — SETEMBRO DE 1940

— N.º 79

SUMÁRIO

	Págs.
"Diário de uma excursão eleitoral" feita pelo Dr. Luiz Alves de Oliveira Belo — ao deixar a presidência da província do Rio Grande do Sul afim de candidatar-se para a deputação geral — agosto de 1856 — Inédito —	5
"Almanak da Vila de Porto Alegre" — com reflexões sobre o estado da capitania do Rio Grande do Sul — em 1808 — Por Manoel Antonio de Magalhães — Reimpressão —	51
"Tres Figuras da America" — Jean Jacques Dessaline, Gabriel Garcia Moreno e Oliveira Lima — por Richard Patee — tradução	73
"Floriano Peixoto" — Conferencia — por Otelo Rosa —	167
"Geografia Historica" — ensaio toponimico — Especial para a "Revista do Instituto" — por J. Tupy Caldas —	175
Catalogo Sumario dos Documentos de Administração da Fazenda — (1752-1859) com as rubricas de "Provedoria Real", Junta da Fazenda Real" e "Inspetoria da Fazenda" existentes no Serviço do Arquivo Historico do Estado	181

ATRAVÉZ DA IMPRENSA

As ambições políticas de D. ^a Carlota Joaquina de Bourbon — por Paulino Jacques ("Jornal do Brasil") — A elegancia do Conde de Porto Alegre — por Castilhos Goycochea ("Correio da Manhã") — No Rio Grande do Sul não ha populações estrangeiras — por J. P. Coelho de Souza ("Correio do Povo") — Os Toscaninis — por Mario de Andrade ("Revista do Brasil") — Os portugueses na America Boreal antes de Colombo — por Duarte Leite ("Primeiro de Janeiro" do Porto)	227
--	-----

NOTICIARIO

Oitavo Congresso Cientifico Americano de Washington — Eduardo Duarte — 4. ^o Centenario da Companhia de Jesus — Emilio A. Cony — 3. ^o Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geografia — Um estudo riograndense traduzido para o hespanhol — Posse do Presidente do Instituto Historico Brasileiro — Decimo aniversario do Instituto de Estudos Superiores de Montevideo —	241
--	-----

BIBLIOGRAFIA

por Olinto Sanmartin (O. S.) — Walter Spalding (W. Sp.) — Aldo Obino (A. O.) — Dante de Laytano (D. de L.)	257
--	-----

INDICES DE REVISTAS

Revista Brasileira de Geografia — Boletin de Filologia do Uruguay — Revista da Universidade Catolica Bolivariana — Revista das Academias de Letras — Boletin de Seleccion Bibliografia de Obras Alemanas, em traduccion Espanhola y Portuguesa — Revista do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo — Revista da Academia Paranaense de Letras — Revista do Ensino do R. G. do Sul — Estudos (Porto-Alegre) — Revista do Instituto Historico do Mato Grosso — Ibero Americanisches Archiv de Berlin — Boletin del Archivo General des Gobierno de Guatemala — Boletin del Archivo General de la nacion (Republica Dominicana) — Revista do Instituto de Engenharia Militar (Rio de Janeiro) — Boletin do Gabinete de Estudinhos de João Pessoa — Natural History (New-York) — Geographical Review (New-York) — Boletin da Academia Colombiana de Historia (Bogotá)	275
Outras publicações	286

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL**

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva.

Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza

Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa

Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte

2.º Secretário: Prof. Walter Spalding

Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro: Professor Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamento:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Prof. Jorge Bahlis

Dr. João C. Maia

História:

Cap. D. Paranhos Antunes

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Dr. Mario Teixeira de Carvalho

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:

Prof. A. G. Lima

Dr. Darcí Azambuja

Prof. Otelo Rosa

Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:

Prof. Angelo Guido

Dr. Armando Dias de Azevedo

Prof. J. A. L. Tupi Caldas

Prof. Jorge Bahlis

Folclore e línguas indígenas:

Prof. Angelo Guido

Sr. Dante de Laytano

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:

Dr. Armando Dias de Azevedo

Dr. Eduardo Duarte

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Estatutos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Cel. E. F. de Souza Docca.

Dr. Eduardo Duarte

Prof. Walter Spalding

**REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL**

(FUNDADA EM 1920)

—X—

- Registada de acôrdo com as exigências da lei.
- Órgão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- Reconhecido de utilidade pública por decreto n.º 4373 de 24 de novembro de 1921.

—X—

**DIRETOR
DANTE DE LAYTANO**

—X—

- Assinatura anual 20\$000
Cada número 6\$000
Números atrasados: preços especiais.
- A Revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos por seus colaboradores.
- Tõda a correspondência deverá ser remetida para a rua Duque de Caxias n.º 2131 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil
- Solicitamos permuta.

Archibald Macleish, grande poeta dos Estados Unidos e que atualmente dirige a Biblioteca do Congresso de sua pátria, dizia, ao inaugurar a Sala Hispânica daquela famosa casa de livros: "Houve tempo em que o trabalho dos artistas, dos poetas, dos sábios era sem possibilidade de contestação considerado como bom, e devia ser respeitado, e tinha de ser respeitado. Hoje, já não é mais possível garantir tais coisas. Hoje, e isso ainda nos custa a tomar como verdade — hoje, um tal ato de fé na vida do espírito humano como êste que estamos demonstrando aqui, um tal ato de respeito pelo trabalho dos poetas sábios, e de amor pelo que tem realizado, passa a ser discutível: já não fala por si ainda mesmo em uma sala tão bela, tão eloquente como esta. Faz-se necessário que digamos o que é que estamos fazendo e por que é que o fazemos."

Se esta é a atitude que um letrado, como o criador de "Streets in the Moon", toma diante das coisas de cultura, numa terra pródiga em universidades e fundações, o que poderemos dizer nós?

Aquí a iniciação científica, excluída uma ou outra, é feita com desesperado auto-didatismo, os estudos histórico — sociais se processam nas mais desabridas cópias, e os que se dedicam ao exame de todos êsses problemas não podem, quase sempre, passar de amadores, porque necessitam, para viver, empregar atividade em setores completamente estranhos.

Uma revista que chega, depois de vinte anos, ao número setenta e nove, como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, e que, portanto, resistiu à indiferença do meio, vencendo-o galhardamente, parece dispensar explicação sôbre os seus novos destinos; mas tôdas essas coisas de qualquer maneira exigem hoje amplas informações.

Nomes de relêvo no cenário intelectual da nação brasileira passaram por estas páginas. A revista teve abnegadas inteligências ao seu serviço e graças a essa dedicação, a magnífica aventura de uma publicação de história tornou-se realidade de dois decênios.

Continuar o que se tem feito, apenas isso — e cumprimos um esplêndido programa.

Introduzimos algumas modificações de ordem gráfica, modernizando-a ainda com novas secções; e pretendemos, de janeiro em diante, lançá-la de dois em dois meses.

Publicando memórias inéditas, peças de arquivo, reimpressão de obras esgotadas, tradução de livros sôbre a nossa terra, colaboração dos membros do Instituto e de todos os especialistas na matéria, a Revista se coloca com dignidade ao lado dos homens que pensam, estudam e trabalham em pleno momento de um mundo belicoso e apreensivo, neste Brasil admiravelmente americano, imenso e livre.

Procuraremos, com esforço e entusiasmo, honrar a confiança que em nós depositou o Instituto do Rio Grande do Sul, elegendo-nos para o alto cargo de diretor da sua revista, tribuna de uma geração.

A "REVISTA DO INSTITUTO", de acôrdo com a obra que se propõe realisar, divulga, nas suas paginas, o "Diario de uma viagem no Interior da Prov. de São Pedro em 1856" de Luiz Alves de Oliveira Belo.

Peca inedita, como a maioria das memorias, diarios, etc. dos nossos estadistas, observadores politicos, administradores e homens de espirito e hoje se publica esse interessante depoimento graças ao Snr. Aurelio Porto, notavel estudioso dos problemas brasileiros.

O brilhante diretor dos "Anaes do Ministerio do Exterior", e um dos mais argutos comentadores de textos historicos — pretendia escrever algumas notas para a presente edição do "Diario" mas não lhe foi possível deante dos imensos compromissos inteletuaes que assumiu.

Muito perde a "Revista do Instituto" em não esperar mais tempo para publicar o "Diario" de Oliveira Belo com anotações que naturalmente seriam de grande valor.

Entretanto o proprio Sr. Aurelio Porto é de opinião que se estampe quanto antes este documentario para conhecimento dos historiadores.

O "Diario" foi transcrito do original em posse de seu decendente Dr. Joaquim de Souza Breves pelo Dr. Jango Fischer.

Acrescentamos um "esboço biografico" de Oliveira Belo de autoria de Achilles Porto Alegre aparecido no numero de janeiro de 1873 da revista do "Partenon Literario", o mais famoso club de gente de letras do Rio Grande do Sul.

O retrato de Luiz Alves Leite de Oliveira Belo, bem como o seu autografo, foram reproduzidos ainda da mesma revista literaria que publicou seu esboço biografico.

Era um inteletual, com passagem pelos bancos da Faculdade de Direito de S. Paulo e de fina linhagem de militares e politicos.

De sentimentos filosoficos ao gosto da época, dotado de elegante cultura, Oliveira Belo pronunciava, no "Parthenon Literario", a 30 de janeiro de 1875, aplaudida conferencia sobre "A Instrução e o seculo", e dizia, referindo-se á escola que já tinha deixado de ser o que ele chamava de "mistificação secreta"; "é que a historia tem leis tão implacaveis como as que dirigem a ordem moral e a ordem physica, é que a logica dos acontecimentos, as deduições do progresso são irresistiveis, ora operando lenta e invisivelmente como o calor no mundo vegetal, ora subidas e estrepitosas como o vapor que arrasta, a electricidade que fulmina; é que as sociedades têmão de aproximar-se do ideal da civilização, carecião de batedores que lhes aplai nassem o caminho o eles surgirão, porque as grandes necessidades sociaes assim como os grandes principios se personificão na scena historica ao verbo poderoso do progresso, que é a gravitação da humanidade para a força infinita que a creou."

Um diario escrito por uma figura como a de Oliveira Belo tem de ser qualquer coisa de interessante, alem do sabôr de confição e o de testemunho num momento da vida gaucha.

DIARIO DE UMA EXCURSÃO ELEITORAL

feita pelo

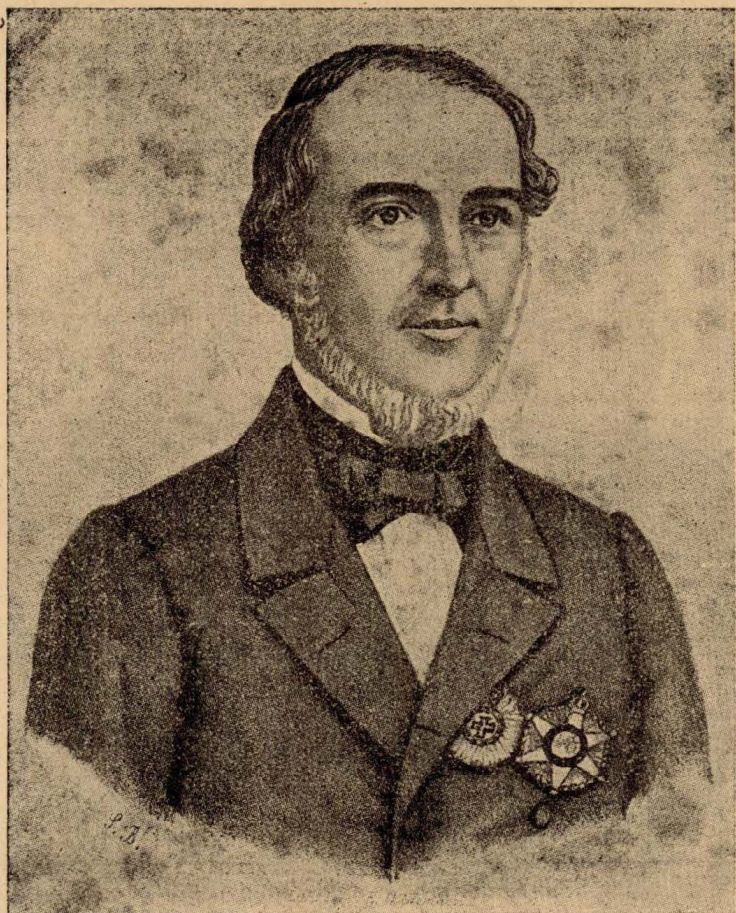
DR. LUIZ ALVES DE OLIVEIRA BELLO

**ao deixar a presidencia da Provincia do Rio Grande
do Sul afim de candidatar-se para a deputação geral.**



AGOSTO

1856



Lieut. Col. Lewis V. Hunt, B. Co.

só acabou em 1844, foi obrigado a dotar essa carreira, e encetou a magistratura no emprego de promotor publico da Comarca de Itaboraí na provincia do Rio de Janeiro, para o qual foi nomeado por portaria de 5 de março de 1842. No fim desse mesmo anno retirou-se para a provincia de seu nascimento, e ali exerceu com geral applauso por 4 annos o mesmo emprego de promotor publico da comarca da capital.

Em 1844 foi designado pelo presidente da provincia para a honrosa commissão, que dignamente desempenhou, de ir á côrte felicitar, por parte da população civil de sua provincia, o imperador, o senhor D. Pedro II, por motivo de seu casamento com a princeza, irmã do rei de Napoles D. Thereza Christina.

Em 1845 foi, quasi ao mesmo tempo, eleito eleitor da parochia de sua residencia na cidade de Porto Alegre, membro da assembléa legislativa da sua provincia, e deputado á assembléa geral legislativa do imperio.

Por decreto imperial de 2 de Dezembro do mesmo anno de 45 foi nomeado cavalleiro da ordem de Christo; e no anno seguinte juiz de direito da 1.^a vara criminal da comarca de Porto Alegre, por decreto de 29 de Agosto. Servio este cargo, como magistrado illustre e de severa probidade até o anno de 1858, em que á seu pedido foi aposentado por decreto de 21 de Agosto com as honras de desembargador, e ordenado correspondente ao tempo, que tinha de serviço na magistratura.

Casou na cidade de Nitheroy, capital da provincia do Rio de Janeiro, a 24 de Julho de 1846 com a Sra. D. Eulalia Pulquéria de Oliveira Bulhões, pertencendo á uma familia distincta por sua fortuna, honradez e nascimento, e deste consorcio teve 9 filhos, dos quaes 4 morreram.

Em 1850 foi agraciado como foro de fidalgo cavalleiro da casa imperial, por decreto de 31 de Maio, e por carta imperial de II de Setembro de 1851 foi nomeado 1.^o vice-presidente de sua provincia.

No mez seguinte tomou posse da administração della, na ausencia do respectivo presidente, o Marquez de Caxias e a exerceu até Dezembro de 1852 com superior discernimento e com muita rectidão, grandes vantagens para os seus subordinados, não obstante ser esse o seu tirocinio administrativo.

Por decreto de 2 de Agosto d'esse anno foi nomeado official da ordem da Rosa, em remuneração dos bons serviços por elle prestados n'essa administração.

Foi promovido ao gráo de Commendador d'essa mesma ordem por decreto de 14 de Março de 1855, e tendo prestado relevantes serviços no fim d'esse anno, e no principio de 1856, por occasião da epidemia do cholera-morbus, já como simples particular, já como chefe de policia interino e vice-presidente da provincia pela segunda

vez em exercicio, foi por isso agraciado com a comenda da ordem de Christo por decreto de 2 de Dezembro de 1858.

Foi nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro por carta imperial de 14 de Setembro de 1861; e servio por anno e meio na mais importante provincia do imperio esse elevado encargo, tanto mais difficil, quanto já então começavão a desenvolver-se os elementos da crise politica, que terminou com a dissolução da camara dos deputados á 12 de Maio de 1863, e com a retirada do poder do partido conservador.

Demittido por isso á 9 de Fevereiro d'esse anno, deixou a espinhosa comissão de presidente da provincia do Rio de Janeiro, e excluido da camara dos deputados, como todos os seus correligionarios politicos, recolheu-se á vida privada, residindo em uma fazenda que possuia na sua provincia o elegeu deputado á assembléa geral legislativa, e membro da assembléa provincial desde 1845 até 1863, e só deixou de ser reeleito quando as urnas forão trancadas em todo o imperio ao seu partido."

É-nos grato dar essas notas tanto mais quanto é sabido que nós não partilhamos as idéas que elle teve na administração e sustentou no parlamento. O nosso preito é pois uma homenagem quasi santa prestada á verdade.

Achylles Porto Alegre

Diario de uma viagem no interior da Prov.^a de São Pedro em 1856

Agosto—8. Sahi da cidade de Porto Alegre as 8 horas e meia no Vapor—Frecha, e ás 3 horas da tarde desembarquei na Villa do Triumpho, onde me devia demorar 3 dias, á fim de dar tempo á q.^a m.^a cavallhada chegasse á Faz.^{da} das Pombas, onde eu devia desembarcar para vizitar seo proprietario, o meo am.^o, Vasco Pinto Bandeira.

Hospedei-me em casa de meu Primo, e fiel am.^o, Luiz José Ribeiro Barreto, á q.^m eu queria tambem vizitar. A' noite fui obzequiado com uma serenata.

“ — 9 — Passei todo o dia a receber, e a fazer visitas, e a gozar da amavel companhia da Snr.^a do d.^o meu Primo, á q.^l consagro m^{ta}- amizade.

“ — 10 — Assisti de manhã á uma festa de Igreja, celebrada em acção de graças pela cessação da epidemia da cholera-morbus. A' tarde vi uma procissão q- fazia parte d'essa festa, e á noite assisti a um baile em casa de m^a-Comadre D. Margarida, o q.^l foi m.^{to} concorrido, e animado.

“ — 11 — Choveu todo o dia; p' isso não sahi de casa.

“ — 12 — Escrevi de manhã á m^a mulher; depois do almoço passei á Freguezia fronteira de São Jeronimo p^a fazer algumas visitas; voltei á Villa ao meio dia; fiz algumas despedidas, e ás 3 horas da tarde embarquei no Vapor—Correio do Rio Pardo, q-seguia para a cidade d'este nome, e cheguei á meia noite no porto da Faz.^{da} das Pombas, onde desembarquei, e ja me esperava com

cavallos o meo am^o Vasco. Segui para a sua casa, q- dista do porto meio quarto de legua, e onde ja encontrei meo companheiro de viagem, o Cap^m de G^{das}. N^{es}. Domingos José Ribeiro, e tres peães com a m^a cavalhada.

“ — 13 — Deixando na Fa^{da} das Pombas tres cavallos, e uma besta, q- não podiam fazer viagem, e acceitando dous cavallos, e duas boas bestas q- me offereceu o meo am^o Vasco, parti ao meio dia p^a a Cid.^e do R^o Pardo p^r terra, acompanhado pelo d^o meo am^o até o Passo particular do Arroio Capivary, q- dista da casa da Faz^{da} um quarto de legoa. Passei o Arroio em uma pequena canoa. Os cavallos atravessaram-o á nado. Este Arroio, tributario do Jacuhy, no q^l faz barra á 3 legoas da Cidade do R^o-Pardo; é estreito e baixo; mas enche m^{to}, transborda, e corre com impetuosidade com as aguas da chuva.

Meia legoa alem do Capivary encontrei de nado, sem o esperar, uma profunda sanga, p^r onde correm p^a aquelle Arroio as aguas de um banhado da Faz^{da} do Barão do Quaraim. Sendo-me necessario dar uma volta de mais de meia legoa á travez do banhado p^a des-pontar a sanga, só ás 5 horas e meia da tarde pude chegar ao Passo fronteiro á Cid^e do Rio Pardo no Rio Jacuhy. Passei-o logo eu só com o meo criado, deixando do outro lado do Rio a m^a comitiva, p^r ja ser tarde p^a passar a nado a cavalhada; e fui hospedar-me em casa de meo particular, e antigo am^o, o Dr. An^{to} Alves Guim^{es} d'Azambuja, q me recebeu, bem como sua estimavel Senhora com a costumada afabilidade.

“ — 14 — Tendo tomado um vaqueano, sahi do R^o Pardo ás 11 horas do dia com direcção á Caxoeira, q dista d'alli 10 legoas p^r terra. Ventava desabridam^{te} da parte do Oeste, q era o meo rumo; apanhei tres, ou quatro aguaceiros até ás 3 horas da tarde. Deixando á direita o Districto da Cruz-Alta, e a ponte do Butucarahy, segui a estrada denominada debaixo, q é mais curta, do q a das carretas, q passa p^r aquelle Districto, e pela d^a ponte. Depois de andar 6 legoas e meia, ou sete, cheguei ás 5 horas da tarde á casa de João Coelho Leal, onde dormi. João Coelho Leal é um velho de 60 annos, solteiro, de fortuna mediocre, e de prezença agradável: tratou-me com m^{to} agasalho. De sua casa á Villa da Cachoeira ha de 2 legoas e meia a tres.

“ — 15 — Ás 8 horas da manhã sahi da casa de João Coelho Leal, e deixando á direita a estrada geral, atravessei a varzea do Butucarahy p^r um atalho. Na distancia de uma legoa atravessei em canoa o Passo d'este rio chamado de Baixo. Os cavallos passaram á nado. O Butucarahy desagoa no Jacuhy; é estreito, mas tem as margens m^{to} altas, e so toma caudal em tempo de chuva. A varzea situada á sua margem esquerda é m^{to} alagadiça. Ao meio dia che-

guei á vizinha Villa da Cachoeira, e fui hospedar-me em casa do Comm^{or} Antonio Vicente da Fontoura, pessoa de m^a amiz^a, e de primeira influencia no lugar. A' noite despachei um proprio p^a a Faz^{da} do Dr. Borgès Fortes, e escrevi p^a Porto Alegre, e Alegrete.

“ — 16 — Recebi algumas vizitas de manhã. Depois do almoço sahi á pé com algumas pessoas p^a passear pela Villa. Percorri-a toda em duas horas; vi a Igreja, q—é máis espaçosa, do q a Cathedral de Porto Al^e; tem cinco altares, e duas capellas fundas, alem da Capella-mór; tem bons consistorios, e é m^{to} bem construida. Seo plano foi traçado pelo Cor^{el} Rossio, e sua construcção é de 1793. E' incontestavel^{te} um dos melhores templos da Prov^{ia}. As torres porem ainda estão p^r acabar; e todo o edificio necessita de retelho, e de reboques no exterior.

Vi o Imperio do Espirito Santo, q está proximo á Igreja, é um bello edificio no seu genero, q, depois de concluido, será o maior, e o melhor da Prov^a. E' feito á custa do festeiro d'este anno, o devoto Firminiano. Vi o Cemiterio, q ainda não está todo fechado á muro e q tem o defeito de estar m^{to} perto da povoação; e vi o Theatro, q se está construindo na Praça em frente á Igreja. E' pequeno, porem bem construido, e m^{to} proporcionado á população.

Esta Villa está m^{to} bem situada á margem esquerda do majestoso Jacuhy, sobre uma planicie elevada, e ligeiramente inclinada. Não tem bons edificios; mas é populosa; tem m^{to} commercio p^a a Serra do m^{mo} Municipio, e p^a S^{ta} Maria, São Martinho, e Cruz Alta. Sem contestação é a Villa da Cachoeira uma das povoações mais bonitas da Prov^a. Suas ruas são largas, e cortadas em angulos rectos. O porto sobre o Jacuhy é profundo, e commodo. Se as caxoeiras, q ha n'este rio da Cidade do Rio Pardo p^a Cima, não embaraçassem a navegação nos tempos da secca, seria a Villa da caxoeira, e não esta Cidade, o principal emporio do commercio da Capital com o interior da Prov^a.

Não tem Cadêa, e a Camara M^{al} celebra suas Sessões em uma casa particular. Entre as pessoas, q aqui me obzequiaram, m^{to} se distinguíu o Cor^l José Gomes Portinho, Comm^o-Superior da G^{da} N^{al}, que me deu m^{ts} cartas de recommendação p^a a Cruz Alta, Uruguayana, e Alegrete, e poz á m^a disposição toda a sua cavallhada, q está na Freguezia de São Martinho.

“ 17 — Ás 10 horas da manhã despedi-me da hospitaleira casa, e familia do Comm^{or} Fontoura, e sahi da Caxoeira, acompanhada pelo Cor^{el} Portinho, p^r um atalho, deixando á direita a estrada geral das carretas. A' pouca distancia da Villa encontrei o Tén-Cor^{el} Fontoura, q vinha de sua Faz^{da} p^a vizitar-me. Esta Faz^{da} dista da Villa 5 legoas, e está do outro lado do Jacuhy. Passa-se p^a ella pelo Passo de São Lourenço. Estes dous am^{os} acompanharam-me p^r duas legoas até a pequena ponte de madeira, q atravessa o pe-

queno Arroio dos Ferreiros. D'este passo tomamos a estrada geral, e, depois de andarmos tres legoas, chegamos no Passo do Jacuhy, q atravessamos em uma excellente barca, q accomoda bem trinta cavallos, ou duas carretas. Vi os formidaveis pegões da incantada ponte do Jacuhy. São 8, dos q^{es} seis ja estão na altura, em q devem receber os arcos, e dous ainda estão em meio. Parecem bem construidos; mas duvida-se da sua solidez, p^r causa da má qualid^e da pedra, da falta de cimento p^a ligal-as, e da fraqueza do solo, sobre q estão assentados dentro do rio. O proprio construtor, arrematante da obra da ponte, Firminiano duvida affiançar q elles possam supportar o pezo dos arcos de pedra, e do leito da ponte, sendo este tambem de pedra. Ha junto ao Passo na margem direita do rio uma porção de casas pequenas, alem das do arrematante da obra da ponte, e do arrematante do imposto do Passo, nas q^{as} moram os trabalhadores.

A situação presta-se a uma futura povoação, e nada poderá impedir q, depois de concluida a ponte se aglomere alli e se fixe maior população.

Depois de descansar meia hora em casa do arrematante Firminiano, e de acceitar um vaqueano, q elle me ofereceu, continuei m^a viagem, seguindo á esquerda da estrada geral o caminho particular da casa de João Bap^{ta} d'Aquino, onde eu devia pernoitar. Esta casa dista do Passo do Jacuhy 2 legoas e meia. Cheguei á ella depois de 6 horas da tarde, e fui m^{to} bem recebido. João Bap^{ta} d'Aquino é um Fazendeiro de mediana fortuna, casado com uma Prima, e afilhada do P^e M^a Sancta Barbara, sem filhos, e m^{to} industrioso; tem uma casa sofrivel, e maneiras m^{to} agradaveis. Sua Snr^a é m^{to} amavel, e espirituosa. O meo estimavel am^o P^e M^a Sancta Barbara, recommendou-me á esta excellente fam^a, bem como a alguns outros par^{es} seos do Municipio da Caxoeira, logo q soube de m^a viagem. Fui pois tratado p^r esta fam^a com a maior consideração, e obsequio. Achei nella habitos, maneiras, e commodidades proprias da Cidade.

O Sr. Baptista cultiva o café, a cana, o arroz, o trigo, a mandioca; fabrica aguardente, melado, e assucar; é em fim um dos nossos poucos lavradores, q dam desenvolvim^{to} á lavoura, libertando-se do jugo da estacionaria rotina.

“ — 18 — Sahi m^{to} cedo d'esta boa casa, e atravessando o campo da Faz^{da}, q se chama do Retiro, pelo logar denominado Potreiro, á uma legoa mais ou menos, entrei na estrada geral á distancia de 5 legoas do Passo do Jacuhy, e continuei m^a viagem p^a S^{ta} Maria da Bocca do Monte, levando sempre á esquerda o Rio Vaccacahy gr^e, e á dir^{ta} o Vaccacahy pequeno, ambos confluentes do Rio Jacuhy, o primeiro legoas abaixo, e o seg^{do} legoas á cima do Passo do Jacuhy.

Ao meio dia cheguei à Faz^{da} da Restinga Secca, distante 9 legoas do Passo do Jacuhy, e 4 e meia da casa do Sr. Baptista. Reside ahi o Sr. João Borges, filho mais velho da proprietaria da Faz^{da}, conhecida pelo nome de D. Anna da Restinga; é irmã do P^e M^a S^{ta} Barbara, e rezide na Villa da Cachoeira. Acceitei o almoço q me offereceu o Sr. João Borges, e ás 3 horas da tarde tornei a pôr-me a caminho prum atalho de mais de duas legoas, e ás 6 horas, tendo andado 3 legoas, cheguei á pequena casa do Sr. Prudencio situada na estrada, e ahi dormi. O Sr. Prudencio é um moço pobre de 22 annos de idade, casado de novo com uma formosa menina de 16 annos. A'pezar da sua probreza deu-me excellente agasalho.

“ 19 — Montei á cavallo m^{to} cedo, e caminhando mais quatro legoas, cheguei á Freguezia de S^{ta} Maria ao meio dia, e hospedei-me em casa do Sr. José Gomes Porto, Subdelegado da Freguezia, velho de 60 e tantos annos, pai do Cor^{el} Portinho, e de numerosa fam^a. Fez-me este bom velho um gr^e agasalho. Recebí á noite algumas vizitas e escrevi ao Ten^e Cor^{el} José Alves Valença, pedindo-lhe cavallos p^a poder continuar a viagem p^a a Cruz-Alta, visto como os meus já estavam fracos, p^r haverem feito 90 legoas de viagem desde a m^a Faz^{da}.

“ — 20 — Depois do almoço p^{assei} pela Freguezia. Terá 120 casas todas terreas, mas em geral espaçosas; metade pelo menos pertence a Allemães, aqui estabelecidos desde a fundação da Colonia de São Leopoldo, a maior parte dos q^{es} exercem as artes mecanicas. A' elles se deve a tal q^l prosperidade, de q goza esta povoação. Até o sacristão é um Allemão. Esta povoação é antiga; teve sua origem n'uma Guarda Portuguesa, ou Acampamento de tropas do tempo colonial commandadas pelo finado Marechal Manoel Carneiro da Fontoura, p^a a defeza da Serra contra a invasão dos Hespanhoes, q tiveram tambem p^r m^{to} tempo uma Guarda a meia legoa de distancia p^a o lado do campo alem do Arroio da Ferreira. A Igreja data d'essa m^a epoca; é espaçosa; mas m^{to} baixa, e de esteios. Com tudo pode ainda durar m^{tos} an^s, se lhe fizerem alguns reparos. Actualm^{te} necessita de alguns reboques, a caiação em todo o exterior; dentro faltam-lhe um coro, pintura no tecto da Capela mór; reboques e assoalho na Sachristia, e as m^{mas} cousas, e forro no consistorio do lado opposto á Sachristia. Ainda não tem torres, e está m^{to} pobre de paramentos: os poucos, q possui, vieram-lhe dos Povos das Missões, e estão m^{to} velhos. Alguns estão m^{mo} indecentes. Tem som^{te} dous missaes tão velhos, q é indecoroso pol-os sobre o altar. Tem dous altares, alem do altar mór. N. Snr^a da Conceição é a Padroeira.

Esta povoação está m^{to} mal situada sobre uma estreita colina, ladeada de duas formidaveis sangas; dista da Serra som^{te} algumas quadras; mas fica á 3 legoas do logar denominado Bocca do Monte,

de q tirou o sobrenome. Está a 20 legoas da Villa da Caxoeira, a vinte e quatro da Villa da Cruz-Alta, e a 4 da Freguezia de São Martinho, q é situada no campo do outro lado da Serra.

Faz muito commercio de sal, e de outros generos de importação para a Cruz-Alta, e p^a São Martinho. Os campos são m^{to} bons, e o solo é m^{to} fertil. Se se estabelecesse uma colonia, q alguns Alle-mães projectam fundar sobre a Serra, a pouca distancia da povoação, vir a ser esta Freguezia m^{to} farta, populosa e feliz.

Se se effectuar a abertura da navegação do Vaccacahy gr^e, terá um excellente porto n'esse Rio á 4 legoas de distancia no lugar, onde faz barra o Arroio do Arenal; e então tirará gr^e parte do commercio da Caxoeira; exportando p^a São Martinho e Cruz-Alta os generos, q estas povoações alli vão comprar. Com este porto, com o augmento da população, com a abertura da estrada do Pinhal, q conduz p^a o Municipio da Cruz-Alta, q ja está quasi concluida, e q, o q enfecha sobre ella, evitando a volta pela Freguezia de São Martinho; e finalmente com a cessação da profunda intriga local, q tem tornado celebre esta povoação; com estas condições terá a Freguezia de Santa Maria gr^e desenvolvim^{to}, e m^{ta} prosperidade. A estrada, q a communica com a Villa da Caxoeira é excellente.

“ — 21 — Chegou de manhã o Ten^eCor^{el} Valença, trazendome cavallos. O Sr. Valença é hoje o homem mais influente d'este lugar: tem uma estancia a 9 legoas da povoação; é Comm^e do Corpo de G^{das} Nes; tem m^{to} boas maneiras, e é obsequiador. Comigo o foi em extremo.

A' tarde fui vizitar a fam^a do meo par^e Jeronimo Per^a d'Oliveira, conhecido p^r Jeronimo Pavão p^r ser casado com D. Clemencia f^a do finado fazendeiro Pavão. Mora a duas legoas e meia da povoação em uma boa Chacara.

“ — 22 — Voltei de manhã p^a a povoação, esperando q chegasse n'este dia o Dr. Borges Fortes, á q^m eu havia escripto de Caxoeira, convidando-o a vir encontrar-se comigo em St^a Maria. A necessidade d'este meo encontro com o Dr. Borges Fortes foi a razão, q me obrigou a demorar-me tantos dias n'esta povoação. Chegou porem ao meio dia o proprio, q havia levado a m^a carta, trazendo-me a resposta, na qual me dizia o Dr. Borges Fortes q o proprio chegára á sua casa tão tarde, q elle não tinha tempo de vir encontrar-me, visto como eu lhe havia dito q o esperava som^{te} até hoje.

Preparei-me p^r tanto p^a continuar m^a viagem amanhã.

“ — 23 — Depois dos pequenos aguaceiros do dia 14 não choveu mais até a noite passada. Houve m^{mo} alguns dias de calor. Mas hontem começou a chover depois das 10 horas da noite, e tem continuado hoje todo o dia a cahir copiosa chuva. Não posso fazer

viagem; e queira Deus q eu não perca tambem o dia de amanhã. E' tão desagradavel ter preça, e não poder andar!

“ — 24 — Ainda estou em S^{ta} Maria! Choveu todo o dia. Tenho lido hoje mais de 6 horas, e ainda hei de ler esta noite até chegar o somno.

Tive noticia hoje de duas pessoas m^{to} velhas. Ha perto desta povoação um homem de 106 an^s, paralítico, e surdo; mas q-ainda tem m^{to} boa vista. Mora na Freguezia de São Martinho uma mulher, q-já conta seos 130 janeiros: perdeu a vista, ha alguns an^s; mas hoje vê perfeitam^{te}. Ambos estão caducos. E' m^{to} viver! Não desejo viver tanto.

P'ra que a vida seja um bem
E' preciso não durar
Mais que a mente, mais que o gozo.
Viver mais é perdurar.

Volte, ou dure embora a vista
De um velho centagenario;
Não passa a sua existencia
De ser bem imaginario.

Perdurar não é viver;
Viver é uma acção activa.
Quando perde o sizo, e o gozo,
Passa o homem p'ra passiva.

Se eu lá chegar,
Triste de mim!
E' cruel sorte
Mudar assim.

Star no mundo, e não viver,
Peior é do que morrer.

Municipio da Cruz-Alta.

“ — 25 — Ás 8 horas da manhã deixei a casa do Sr. José Gomes Porto, e sahi de S^{ta} Maria acompanhado p^r elle, pelo Ten^e Cor^l Valença, e por mais 10 pessoas das principaes do logar. A' poucas quadras de distancia da Freguezia entrei na picada da Serra, e a meia legoa encontrei a gr^e estrada do Pinhal, de cuja obra é inspector o Guarda-mor Fran^{co} de Paula e Silva. E' uma excellente estrada atravez da Serra, q-communica a Freguezia de S^{ta} Maria com a de São Martinho e consequentem^{te} com o Municipio da Cruz-Alta. Devera ter legoa e meia de extensão desde o campo de Cima da Serra até S^{ta} Maria, mas está aberta sômt^e na extensão de uma legoa, começando do d^o campo; tem duzentos palmos de largura; tem poucas voltas; atravessa um terreno tão pouco desigual, q-ser-

ve perfectam^{te} p^a transito de carros; e seos trabalhos teem sido m^{to} bem executados. Ha sóm^{te} no meio, pouco mais, ou menos, de sua extensão total um pequeno barranco (vulgo taimbé) de meia quadra de extensão, onde será necessario construir-se um forte paredão de pedra, e fazer algum aterro. Esta estrada, q- ficará magnifica depois de calçada, tirará m^{ta} importancia á São Martinho p^r q- atrahirá toda a gr^e communicacão do Município da Cruz-Alta com a Caxoeira, e S^{ta} Maria, a q^l se fazia p^r aquella Freguezia. As carretas irão optimamente até Santa Maria, e pouparão algumas legoas de caminho.

Antes de deixar as divizas de S^{ta} Maria, devo mencionar q-vi n'esta povoação alguns tecidos de linho m^{to} finos fabricados pela familia — Pavão — Vi toalhas de rosto, e de meza de linho m^{to} puro plantado, fiado, e tecido p^r essa familia. Quanta vantagem se poderia colher d'esta industria, se a desenvolvessem mais! Entretanto ninguem mais a cultiva, alem de duas Snr^{as} d'aquella fam^a; e essas m^{mas} apenas o fazem p^r distração.

Na bocca da Estrada do Pinhal ao sahir aos campos de Cima da Serra, na casa, e engenho de serrar do impertinente velho Manoel Alves despedi-me das pessoas, q-me haviam acompanhado desde S^{ta} Maria. Conservarei sempre em lembrança este obzequio, de q- foram principais motores o officioso Ten^{te} Cor^{el} Valença, seo f^o, o sympathico jovem J^e Alves Valença J^o, e o bom, e obzequiesissimo velho J^e Gomes Porto, q- já tanto me havia penhorado p^r sua desvellada hospedagem de 5 dias.

A' tres quartos de legoas alem da serra p^a o lado da Cruz-Alta ha na estrada, q- é sempre boa, um pequeno Passo, onde, como complem^{to} da Estrada do Pinhal, se deve q^{to} antes fazer uma ponte, q-, sendo de madeira, poderá custar de 200 a 300 mil reis.

Cheguei ao meio dia á casa do Ten^e Cor^{el} João Bap^{ta} d'Oliveira Mello, com q^m almocei. Esta casa dista 3 legoas de S^{ta} Maria, e pertence ao Districto da Freguezia de São Martinho, q- lhe fica á 3 legoas de distancia. Encontrei alli o Guardo Mór Fran^{co} de Paula e Silva, q- logo reconheci p^r ser m^{to} parecido com seo irmão, o Barão de Antonina. Depois de aceitar 4 cavallos, q- me offereceu o Ten^e Cor^{el} Mello, parti com elle, e com o Guarda Mór p^a casa d'este na q^l eu devia dormir. Ha uma legua e quarto de distancia entre uma, e outra casa. Fui recebido com m^{ta} distincção, e boas maneiras pela fam^a do Guarda Mór. Este é um homem de 60 an^s, robusto ainda, rico; tem m^{tos} filhos, e é m^{to} agradável, e cavalheiro, tanto pelo menos, q^{to} o foi p^a comigo o Ten^e Cor^{el} Mello. Um, e outro mostraram-se m^{to} interessados na m^a candidatura, e me asseguraram de q- ella é abraçada fervorosam^{te} em todo o Municipio.

“ — 26 — Sahi ás 7 horas da casa do Guarda-Mór acompanhado p^r elle, e pelo Ten^e Cor^{el} Mello até a distancia de uma legoa,

e ás 3 horas cheguei á casa do Sr. Fran^{co} Ferr^a de Castilhos; 8 legoas distante da casa do G^{da} Mór.

Este Sr. Castilhos é genro do Cap-Fidelles de São Gabriel; terá 42 an^s de idade; tem bastante fortuna, e acolheu-me com o maior agrado. Como ainda era cedo, eu quiz continuar a viagem, depois de haver descansado, e conversado p^r espaço de uma hora; mas taes foram as instancias do Sr. Castilhos p^a q-eu acceitasse sua hospedagem, q-me vi forçado a condescender.

Fiquei assim desviado da estrada geral umas 3, ou 4 legoas. Foi da casa do Guarda Mór, q tomei o caminho da do Sr. Castilhos, deixando á esquerda a estrada geral.

“ — 27 — Puz-me á caminho antes de 7 horas da manhã, e o Sr. Castilhos acompanhou-me até duas legoas; elle offereceu-me os cavallos, q me devem levar até São Borja conjunctam^{te} com alguns do Cor^{el} Portinho, q estão em sua Faz^a; e sua Snr^a fez-me presente de um bom fiambre, pão, Gallinhas assadas, e de doce p^a a m^a sesteada d'este dia.

Atravessando pelo fundo do campo do Sr. Castilhos, tomei o caminho da Cruz-Alta; á quatro legoas passei o arroio Vahy, q estava cheio, de sorte q me foi necessario passar em uma má canoa. O Arroio Vahy é tributario do Jacuhy cá em cima da Serra; terá umas dez braças de largura, corre sobre pedras, formando pequenas caxoeiras, e corre com rapidez, e fica de nado, q^{do} tem havido chuvas.

Sesteci p^r espaço de uma hora na margem esquerda d'este Arroio; e a uma hora da tarde tornei a montar a cavallo. Trovejava fortem^{te}, e ameaçava m^{ta} chuva. Apanhei alguns pequenos aguaceiros, e depois de andar 3 legoas cheguei á casa do velho An^{lo} Reiz. Per^a, geralmen^{te} conhecido pela antonomazia de — Apiahy —, e ahi me abriguei da chuva, e passei o resto da tarde, e a noite. O velho Apiahy é m^{to} agradável, mostrou prazer em conhecer-me, e esmerou-se a tratar-me bem, apezar de ter poucos meios p^a uma boa hospedagem. E' viuvo, não tem fam^a alguma consigo, e vive em gr^e parcimonia. Foi casado com uma filha do fallecido Vidal, e portanto concunhado do Cor^{el} Mello Albuquerque.

“ — 28 — Da casa do Sr. Apiahy á Villa da Cruz Alta ha 5 legoas. Sahi d'essa casa ás 7 horas da manhã, estando o tempo m^{to} arruinado, e chegando á Villa ao meio dia com m^{ta} chuva, fui hospedar-me na casa do Sr. José Lucas Annes, sogro do Delegado de Policia — Diniz Dias. Choveu todo o resto do dia, mas não obstante fui logo vizitado por m^{tas} das pessoas principais do logar, como sejam o Dr. Abram dos S^{tos}. Sá. Juiz M^{al} do Termo, Diniz Dias, Delegado da Policia, o Major Thomaz Bandeira, e Pe An^{to} d'Almeida Leite Penteado, os Cap^s Martins França e Jango, o Escr^{am} Malachias, e seu filho Ovidio, e o Ten^e Athayde, Com^{te} do Destacam^{to} da Policia. N'este m^{mo} dia tive as maiores seguranças de q — a mi-

nha Candidatura era abraçada sinceramente pelos dous partidos, em q este Municipio está dividido.

“ — 29 — Antes de almoçar sahi p^a passear pela povoação. E' uma Villa m^{to} pequena, q terá ao todo umas cem casas pouco mais, ou menos, quasi todas em uma só rua. N'um dos extremos d'esta rua ha uma pequena praça, onde está a Igreja, e onde foram construidas as pri^{as} casas da povoação. Ha um unico sobrado, pertencente á fam^a do finado Vidal, o fundador da povoação.

A situação da Villa é m^{to} bonita; é uma coxilha alta, espaçosa, e plana, onde a povoação se pode estender até ás proporções de uma gr^e cidade.

Vizitei a Igreja, q é extremamente pequena. O corpo d'ella foi construido, ha pouco tempo, e está em m^{to} bom estado; mas a Capella-mór, e a sacristia, q são de construcção mais antiga, e fragil, são m^{to} acanhadas, e ameação imminente ruina. E' extremam^{te} pobre de decoração esta Igreja: tem um só altar feito de sarrafos, cobertos de ligeiras tellas de algodão amarello, encarnado, azul, e branco. Tem som^{te} duas imagens mediocres, e o simbolo do Divino Espirito Santo, q é o Padroeiro da Igreja, é pequeno, de páo, m^{to} mal pintado de amarello, e tão velho q ja lhe faltam alguns raios do resplendor. E' admiravel tanta pobreza perto de tão gr^e riqueza d'outros objectos, como a q ainda se encontra nos destroçados Povos das Missões. O corpo da Igreja foi assoalhado este anno de taboas á custa das esmollas tiradas entre o povo pelo Festeiro do Espirito Santo.

Sahindo da Igreja fui á casa do Vigario, o P^e Massa, não só p^a vizital-o, como p^a ver os param^{tos} da Igreja, q alli estão guardados, p^r não haver na Igreja commodos p^a isso. O P^e Massa é moço esclarecido; tem boas maneiras; rezide aqui, ha anno e meio; tem-se comportado m^{to} bem, e goza ainda da geral estima do povo.

Os param^{tos} da Igreja são poucos; quasi todos pertenceram aos Povos das Missões, e estão tão velhos, e com os fórros tão dilacerados, q tocam o limiar da indecencia. Justei com o Vigario p^a q —, de combinação com duas, ou tres das pessoas principaes do lugar, promovesse uma subscrição entre todo o povo da Freguezia p^a construção de uma nova, mais espaçosa, e decente Capella-mór, offerecendo-lhe 50\$ rs. de contribuição pela m^a parte, e meos esforços ju^{nto} á Presidencia da Prov^a, ou na Assembleia Prov^{al}, á fim de obter-se alguma consignação dos cofres Provinciaes p^a auxiliar essa obra. Fallei n'este m^{mo} sentido á outras pessoas. Todas acceitaram a idéia, q achavam facil de realizar-se, e ficaram certos de promover com empenho a sua realisação. Creio q tratarão d'isto depois das eleições, q ja estão m^{to} proximas, e q actualm^{te} prendem as attensões de todos.

ESBOÇO BIOGRAFICO

DESEMBARGADOR LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

Vamos hoje stereotipar um dos caracteres illustres da — galeria rio-grandense — o desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

Sua vida publica tem duas faces bem distintas, — a magistratura e a politica.

Foi nestas duas carreiras onde sempre se destacou, circundando de respeito e veneração, o vulto saudoso do finado Dr. Bello.

Magistrado imparcial e de nobreza de caracter inflexivel, já-mais sobre a sua toga se descobriu a mais leve nodoa.

A magistratura para elle tornou-se uma crença, um templo, onde a imagem da justiça enthronisada sobre a égide da lei, sempre teve altares e férvidas adorações.

Character rijo, altivo e independente, alma rica de nobres sentimentos nunca soffreu a voz de sua consciencia, ante as exigencias d'aquelles que o rodeavão, nem fez a concha da balança da justiça pender sob a influencia magnetica do dinheiro.

Hoje que vemos descarrilhada a magistratura, a lei calcada aos pés da ignorancia e da leviandade, a justiça distribuida ao influxo das imposições de influencias poderosas dos partidos militantes do paiz e muitas vezes vencida á peso de ouro, é justo, que a mocidade que ainda não apodreceu no meio dos vai-vens sociaes, vá contristada chorar e prestar uma homenagem de amor e veneração, debruçada sobre o tumulto dos grandes homens que ennobrecerão pelas suas virtudes a terra que os vio nascer.

Exhumando o cadaver do chorado Dr. Bello temos dois fins: — prestar um testemunho de respeito á virtude e ao talento em si personificados e legarmos ás gerações porvindas um modelo vivo de concentração ao trabalho, de independencia de character e de acrysolado patriotismo.

Como politico symbolisava a lealdade, as convicções puras e a dedicação; alegre nos dias de victoria, vimo-lo firme e resignado tambem nos momentos de revezes, nos dias de ostracismo.

Athleta denodado do partido conservador, desde que encetára a sua carreira publica, ahi o vimos expirar, abraçado ao hastil da bandeira que sempre defendera com nobre pujança.

Noticiando a sua morte inesperada disse a ORDEM, órgão do seu partido: "A bandeira conservadora desapareceu, ella desceu á sepultura envolvendo o corpo do finado Dr. Bello."

E disse uma verdade.

Com a morte do Dr. Bello os conservadores levantarão as suas tendas de guerra e deixarão a arena livre aos liberaes e progressistas.

O golpe de estado de 16 de Julho, as violencias e os abusos que se succederão levantarão de novo o partido conservador na provincia. Vimos então n'esta epocha liberaes e progressistas esquecidos do seu passado, de suas gloriosas tradições, agrupados ao de redor do estandarte que havia desaparecido da arena politica com a morte do Dr. Bello, levados muitos pela descrença e desgostos, e maior numero pela volubidade de character, por promessas menos confessaveis e pelo aceno magnetico d'aquelles que tem comsigo — o cofre inextinguivel das graças reaes.

Se a morte o não tivesse tão cedo arrebatado d'entre nós o Dr. Bello estaria hoje occupando um lugar distincto no senado por seus talentos e virtudes.

II

O desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello nasceu aos 21 de Abril de 1817 na cidade de Porto Alegre, capital da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul. E' filho legitimo dos já fallecidos Marechal de Campo Wencesláu de Oliveira Bello e D. Anna Flora de Oliveira Bello; netto pela parte paterna do Coronel Luiz Alves de Freitas Bello e de D. Anna Quiteria de Oliveira Bello, e pela parte materna, do Sargento-Mór André Alves Pereira Vianna e de D. Florinda Flora de Oliveira Salgado.

Fez os seus primeiros estudos preparatorios na mesma cidade de Porto Alegre, e seguindo em 1836 para a de São Paulo, capital da Provincia do mesmo nome, alli concluiu seus estudos, matriculou-se na faculdade de direito, e á 8 de Novembro de 1841 recebeu o gráo. Passou sempre por estudante de talento e de notavel applicação. Entre os seus condiscipulos e mestres e entre todas as pessoas, que alli o conhecerão, e com quem entreteve relações, gozou sempre de muita estima, e dos creditos de moço grave e de muito boa educação.

Não se destinava á carreira da vida publica, mas, tendo a sua familia perdido a modesta fortuna que possuia, em consequencia da guerra civil, que rebentou em sua provincia no anno de 1835, e que

A casa da Camara é o maior edificio da povoação, e a cadeia faz parte d'esse edificio, q foi construido pelo C^{el} Ant^o de Mello Albuquerque p^a residencia da sua familia, e p^r elle vendido á Faz^{da} Prov^{al} p^r 10:000\$000 rs., p^a o fim á q- hoje é destinado. Ha na cadeia, alem de 3 outros prezos, 11 bugres, e 10 bugras implicados no assassinato do Ten^e Clementino dos S^{tos} Pacheco.

Tem esta Villa um Cemiterio novo, bem construido; mas ainda se não fazem enterram^{tos} n'elle, nem se farão talvez em tempo algum, p^r estar m^{to} perto da povoação, e precisam^{te} no logar p^a onde esta mais se deverá estender.

Depois do almoço recebi a vizita do C^{el} Mello, do Vigario, do José Gabriel, dos Snrs. Monteiro, Augusto Leitão, e de outras pessoas mais. Não estava na Villa o Dr. Ant^o Gomes Pinheiro Machado, chefe do partido adversario ao do C^{el} Mello, p^r ter ido á Villa de São Borja tratar de negocios forenses. Fui na tarde d'este dia vizitar sua familia, e deliberei-me a demorar-me mais dous, ou tres dias p^a esperar o seo regresso. Seos am^{os} o esperavam á cada mom^{to}, e eu tinha interesse de fallar-lhe.

Eu soube hoje q a velha de 130 an^s de idade, q ainda vive na Freguezia de São Martinho pertence á um dos casaes, q vieram das Ilhas de Portugal p^a povoar a Cidade de Porto Alegre: era menina, q^{do} chegou á esta Provincia. Soube mais q ha n'este Municipio, junto aos campos de Salvador Martins uma formosa, e gr^e cascata formada no Jacuhy, q p^r cá tem suas nascentes. A cascata tem 60 palmos de altura, e 900 de largura.

“ — 30 — Estive todo o dia m^{to} acompanhado p^r algumas das pessoas, q ja me haviam vizitado, principalm^{te} pelos Snr^s Dr. Abram Diniz Dias, Ten^e Athayde, Major Bandeira, e P^e Penteado. Como não tivesse chegado ainda o Dr. Pinheiro, e me dicessem q seguindo p^a São Borja pela estrada denominada da Conceição, era provavel, sinão certo encontral-o, preparei-me p^a partir no dia seg^{te}, se p^r ventura chegassem, como eu esperava, os cavallos, q me deviam vir do Sr. Castilhos.

Farei aqui a descripção do importante Municipio da Cruz-Alta, seg^{do} o q eu proprio pude observar até hoje, e seg^{do} as informações q obtive de diversas pessoas. E' um municipio m^{to} extenso, q tem 60 a 70 legoas de territorio de Norte a Sul, e outras tantas pouco mais, ou menos de Leste á Oeste. A Villa está situada bem no centro — Divide-se em 8 Districtos, a saber: o da Villa, o de Passo Fundo, o de São Martinho, o da Palmeira, o de S^{to} Angelo, o de Butucarahy, o de São Xavier, e o de São Miguel. Tem duas Freguezias alem da da Villa, as q^{es} são São Martinho, e Passo Fundo, e tres Capellas, q são a da Soledade no Districto de Butucarahy, a de N^a S^a da Lapa no Districto de São Miguel, e a da Mãe de Deos no Districto da Palmeira.

Da Villa ha 26 legoas ao Passo Fundo, 20 á São Martinho, 32 á Lapa, 24 á Soledade, 18 á S^{to} Angelo, 20 á Palmeira, e 19 á São Xavier. A Capella de N^a S^a da Lapa é situada na Costa do Uruguay sobre o Rio Juhý-Gr^e, perto do Povo de São Nicoláu no Districto de São Miguel.

Sua população, composta em gr^e parte de naturaes das Prov^{as} de São Paulo, e Paraná, tem sido estimada em cerca de 22 mil habitantes. E' rico de campos m^{to} formozos, de mattos com m^{to} boas madeiras, e de extensissimos hervaes. Seos campos differem m^{to} dos de todos os outros Municipios da Prov^a: são todos de pequenas coxilhas altas, m^{to} unidas, separando-se por pequenas canhadas; são matisadas de m^{tos}, e extensos capões, e todos divididos em rincões p^r uma plebe immensa de corregos, e riachos, q fertilizam duas terras.

Ha m^{tas} estancias, q são inteiram^{te} fechadas p^r divisas naturaes. Talvez não haja uma só, q não tenha alguns rincões, á q chamam aqui invernadas, igual^{te} fechados p^r divizas naturaes. São de mais bello aspecto possivel estes campos; mas seos pastos são de pessima qualidade, e tão fracos, q não criam, senão metade dos animaes, q podem criar os campos de Serra á baixo em extensões iguaes. E, ainda sendo assim devidam^{te} lotados, esses campos, é necessario dar-se sal á todos os animais ao menos duas vezes p^r anno. Os Fazendeiros, q querem ter melhor gado, dam-lhes sal tres, e quatro vezes.

Os animaes, principalm^{te} o gado, á q se não dá sal, nunca engordam, e definham, e morrem do mal denominado — Tocar, precedido talvez da falta de saes, q devem entrar na composição dos vegetaes. Os habitantes d'estes logares, e creio q os de toda a Prov^a chamam a esta molestia do gado — Topete, p^r ser symptoma infalivel d'ella no gado vaccum, alem da extrema magreza, uma extensa crina, q- este gado cria, especiam^{te} sobre a cabeça. Tenho visto algumas vaccas de topete tão crescido, q lhes cobre os olhos; o gado não engorda, em q^{to} não se lhe corta o topete. Ha com tudo, graças ao m^{to} sal, q gastam os Fazendeiros, gr^e q^{de} de gado nos campos d'este Municipio. Porem o q mais abunda n'elles, são manadas de egoas p^a criação de bestas, e tropas de bestas, compradas em outras partes, e aqui invernadas, p^a serem levadas á feira de Sorocaba, ou vendidas aqui m^{mo} aos negociantes da Prov^a de São Paulo. Passam d'este Municipio p^a a d^a Prov^a mais de 50 mil bestas anualm^{te}. Este anno ellas teem subido ao preço extraordinario de 45 a 50 mil reis cada uma, conforme a idade.

Os gr^{es} capões, e principalm^{te} as grandes mattas da costa do Uruguay são m^{to} abundantes de herva Matte: fabrica-se hoje gr^e q^{de} d'este rico producto, cuja exportação excede de 300 mil arrobas annualm^{te}. Aqui custa hoje 5\$000 rs. cada arroba; em São Borja

custa 6\$000 rs; e em Itaquy, q é o principal porto de exportação d'este producto, custa 7\$000 rs.

As terras em geral são ferteis, e produzem bem o algodão, o fumo, a cana de assucar, e todo o genero de cereaes; mas planta-se m^{to} pouco, e ha sempre carestia de tudo, p^r q a população se occupa de preferencia na criação de bestas, e no fabrico da herva Matte.

Na noite d'este m^{mo} dia recebi a vizita do Ten^e Cor^{el} Joaq^m Pacheco da S^a Rezende, e de seo Sobr^o Mⁱ Pacheco de Carv^o, ambos do Passo Fundo, os q^{es} me asseguraram os votos dos habitantes d'aquella Parochia, p^r serem elles as pr^{as} influencias d'esse logar. Escrevi algumas cartas, e preparei-me p^a partir no dia seg^{te}.

“ — 31 — Não chegaram os cavallos, q me deviam vir da Faz^{da} do Sr. Castilhos. As abundantes chuvas, q p^r esse lado tinham havido, depois de m^a passagem, impedirão o transito para a Villa. Perdi pois este dia, e não querendo arriscar-me a perder tambem o seg^{te}, acceitei os cavallos, e as bestas de carga, q me offereceram os S^{rs} Diniz Dias, e Thomaz Bandeira, e dispuz-me a partir amanhã.

O Dr. Abram fez-me presente de um lindo cavallo, e o Major Thomaz Bandeira mandou-me uma bandeija de doces.

Setembro — 1.^o — Sahi da Villa da Cruz-Alta ás 7 horas da manhã acompanhado p^r oito pessoas das principaes, q se despediram de mim á uma legoa de distancia da Villa. O Major Bandeira porem, o Ten^e Athayde, e um cunhado do Dr. Pinheiro, de nome Gabriel, acompanharam-me aind p^r todo o dia, e pousaram comigo em caza de Luiz Bapt^{ta} Alves Braga distante da Villa 7 legoas na bocca da Picada da Conceição. Preferi esta estrada da Conceição á estrada geral denominada das carretas, ou da Coxilha, q é m^{to} melhor, mais povoada, e mais secca, p^r tres razões: primeiro p^rq é a estrada q conduz aos Povos das antigas Missões, q eu desejava ver; em seg^{do} logar p^r ser dez, ou doze legoas mais curta; e ultimam^{te} p^r q me diziam q eu poderia encontrar n'ella o Dr. Pinheiro, visto ser tambem a estrada, q conduz á sua Faz^{da}, q é situada á uma legoa do Passo de São Luiz.

Ceguei ás 3 horas e meia da tarde á casa do S^r Braga com intenção de andar mais tres, ou quatro legoas depois de descansar alli algum tempo. Mas elle ja me esperava, e obrigou-me a acceitar sua hospedagem. Este S^r Braga é um Portuguez pouco amavel; porem m^{to} obsequioso: tratou-me no ermo em q vive, com um luxo correspondente á boa vontade, com q elle tem dissipado a gr^e fortuna, q possuia uma viuva de dous maridos, com q^m casou, ha annos.

“ — 2 — Ás 7 horas da manhã despedi-me do Major Bandeira, e do Ten^e Athayde, e entrei na picada da Conceição acompanhado do S^r Braga. Tem duas legoas esta picada, q seria uma boa estrada, se tivesse a conveniente largura: actualmente só tem um trilho de 10, ou 12 palmos. No fim d'ella corre o rio da Conceição, cujo passo

é m^{to} perigoso, e fica de nado com q^l q^r chuva. Á legoa e meia de distancia d'este Passo está a casa do S^r Ayres, cunhado do Dr. Pinheiro. Almocei ahi, e aceitando um bom cavallo marchador, q o S^r Ayres me quiz emprestar, continuei a viagem a 1 hora da tarde acompanhado do outro cunhado do Dr. Pinheiro, o S^r Gabriel, q comigo sahira da Villa, e q quiz ser meo vaqueano até a Faz^{da} de seo cunhado, se me fosse necessario chegar até lá p^a o encontrar. O Sr. Braga dezpeditu-se de mim no Passo da Conceição. Á tres legoas da casa do Sr. Ayres passei o Juyzinho n'uma boa balsa, onde couberam os meos dous cargueiros, e todos os cavallo, q iam ensilhados: os outros passaram a nado. Tenho viajado sempre com dez, ou doze cavallo p^r diante.

O rio Juyzinho é estreito; porem m^{to} fundo; tem suas nascentes perto da estrada da coxilha, e desagua no Juy-gr^e.

Pouco me demorei p^r tanto n'este Passo, e cheguei depois das 6 horas da tarde no Passo de São João Bap^{ta}, q dista 2 legoas do Juyzinho.

E' o pr^o Povo, q se encontra, vindo da Cruz-Alta p^a São Borja. Com difficuld^e obtive de umas chinás, q aqui moram, permissão p^a abrir um dos poucos quartos, q- ainda restão dos edificios do Povo, e q estavam fechados, p^r estarem auz^{es} seos moradores a fim de recolher-me, e passar a noite. Esse quarto estava limpo, e bem fechado; era espaçoso, e tinha um catre velho, vindo do tempo dos Jesuítas. Fiz a m^a cama com os arreios n'este catre secular, onde sem duvida dormiram alguns Padres da antiga Companhia de Jezus; a m^a comitiva alojou-se na varanda do immenso, e derrocado edificio; comemos algumas cousas do meo fardel de viagem, e passamos uma noite excellente debaixo do tecto dos Jesuítas.

“ — 3 — Antes de montar á cavallo vizitei o Povo. E' um montão de ruínas! Do magnifico Templo só existem os alicerces. Ao lado direito d'estes estão os alicerces, e alguns pedaços de paredes do Collegio, deliciosa habitação dos Padres, e á esquerda as paredes do extenso, e sumptuoso Cemiterio. São dignos de ver-se os restos d'estes edificios; e p^r elles pode-se julgar da magnificencia do destruido Templo. Do Cemiterio só existem as quatro paredes, o magestoso frontespicio, e no fundo as paredes, e a porta da capella. Nesta, como no frontespicio existe ainda inteiro o famoso escudo d'armas da Companhia de Jesus primorosam^{te} aberto á buiril em gr^{es} massas de pedra de cantaria, adornado de frizos, e figuras da m^a materia. Jazem espalhadas pelo chão, umas quebradas, e outras ainda inteiras, m^{tas} columnas, e pilastras lisas, ou de frizos, q- pertenciam ao Templo, ou ás varandas do Collegio. A um lado d'este veem-se ainda os eternos muros, q cercavam a quinta, da q^l ainda restam algumas laranjeiras, limoeiros, e figueiras, q produzem deliciosos fructos.

Na frente, e nos lados d'esta linha de ruínas, formando uma praça quadrangular estão os restos dos lanços de casas simetricam^{te} repartidos em quarteirões, nas q moravam os indios. D'estas cazas apenas estão inteiras, e são habitaveis umas 8, ou —, onde moram 5 pequenas familias de indios descendentes dos antigos moradores. Vivem na miseria. N'uma d'estas casas estão recolhidas 18 imagens, todas m^{to} gr^{es}, e m^{to} bem feitas; mas quasi todas quebradas. Ha uma do Senhor pregado na Cruz, q é formosissima, da altura de um homem, e ainda está perfeita.

As 8 horas da manhã sahi d'estas ruínas, q tantas reflexões me suggeriram sobre a grandeza, e decadencia do poder humano á tres legoas entrei no Povo de São Miguel, o principal dos sete Povos do lado Oriental do Uruguay; a patria, e a rezidencia do valente José Tyarayu, conhecido na historia pelo apellido de Sepé; theatro das machinações, e do poder do P^e Cura Lourenço Balda; berço da insurreição, e rezistencia dos indios das Missões contra as ordens, e os exercitos dos Reis de Hespanha, e Portugal; e p^r tudo isto tambem o mais destruido de todos os Sete Povos, q cahiram na dominação d'essas nações. Excepto a vistosa balaustrada do vasto alpendre, q precede o Templo, excepto o formoso frontespicio, a torre, e as paredes principaes do vasto, e magnificentissimo Templo; excepto algumas varandas do elegante Collegio, tudo o mais é um montão de magestosas ruínas.

O q-existe, parece haver-se conservado de si m^{mo}, á despeito da acção devoradora do incendio, da destruição dos homens, e do tempo, p^a attestar o poder, a riqueza, a ambição, e a magnificencia dos seos industriosos fundadores.

Esta Igreja era de 3 naves, de 350 palmos de comprido, e de 120 de largo, com 5 altares. O alpendre era de 5 arcos ja destruidos sustentados p^r enormes colunas de pedra, e rematado p^r uma balaustrada, tambem de pedra, q ainda existe, com uma soberba gradaria, frizos, cornijas, e figuras da m^{ma} materia, e do mais primoroso trabalho. As varandas do Collegio se appoiam sobre grossas pilastras, e columnas, quasi todas de uma só pedra, e de vinte e cinco, a trinta palmos de compr^{to}, adornadas de frizos, e relevos mui bonitos.

E eis tudo, q^{to} existe, e ainda se pode apreciar d'este Povo magnifico!

Ha uma porção de perfeitissimas imagens, todas m^{to} gr^{es}, recolhidas a um pequeno quarto de taboas grosseiram^{te} construido na varanda do Collegio, o q^l é coberto p^r um meio milheiro de telhas, unicas q restam n'este Povo; p^r q todas as mais teem sido aproveitadas pelos moradores vizinhos p^a cobrirem suas mesquinhas habitações. A maior parte das casas levantadas n'este seculo nos campos vizinhos d'este, e dos outros Povos, teem sido construidas com os ma-

teriais extrahidos de suas ruinas. A telha, e o tijollo são ainda tão limpos, e tão fortes, como se ainda não tivessem, como teem, mais de um seculo de existencia.

Só ha neste Povo uma china velha, q vive só n'um pequeno rancho coberto de palha, á esmollas de alguns vizinhos.

A supposição de q os Jezuitas, antes de retirarem-se das Missões, esconderam nas entranhas da terra as riquezas, q não poderam levar comsigo, e não quizeram abandonar á cobiça dos seos perseguidores, tem induzido alguns aventureiros a procurarem essas riquezas, fazendo profundas excavações dentro, e em derredor dos Templos, nos cubiculos dos Padres, e em m^{tos} outros logares. Especialmente n'este Povo de São Miguel acham-se vestigios de taes explorações p^r toda a parte. Actualm^{te} m^{mo} aqui está, ha mais de 6 mezes, um velho Cap^m Per^a, rezidente nas vizinhanças de Porto Alegre, q-, tendo dissipado p^r desleixo, e inaptidão, alguma fortuna, q possuia, esforça-se p^r descobrir essas riquezas, q não perdeu, nem guardou, q em fim não lhe pertencem, e q provavelm^{te} nunca achará. Eu vi dous escravos seos fossando no fundo de uma excavação, q ja tem mais de cem palmos de profundidade, junto á uma das paredes interiores do derrocado Templo.

Depois de uma boa hora de observação entre estas ruinas magestosas, continuei m^a viagem, e fui almoçar a legoa e meia d'alli, em casa do S^r An^o Antunes, conhecido pela antonomasia de Dunga. Não estava em casa o Sr. Dunga; mas seo velho pai recebeu-me com bondade, offereceu-me e á m^a comitiva um bom almoço, e emprestou-me 4 cavallo, com os q^{es} reforcei a m^a cavallhada.

D'aqui a legoa e meia cheguei ao Povo de São Lourenço, q, como os precedentes, jaz quasi todo p^r terra. O Templo, q parece ter sido menor, do q o de São Miguel, e não ter sido concluido, p^rq-lhe faltavam as torres, está quasi todo destruido: apenas estão em pé algumas paredes, o frontespicio, e parte do alpendre. As columnas do frontespicio são de grossa madeira, m^{to} bem torneadas, e cheias de frizos, e relevos. Do Collegio só existem as varandas sustentadas p^r formosas columnas de pedra, e alguns cubiculos já m^{to} arruinados, em um dos q^{es} estão recolhidas m^{tas} imagens de S^{tos}, e dos Apostolos. Sobre todas são notaveis p^r sua grandeza, e extrema perfeição 4 formozas imagens; a saber a de São Lourenço, a da Snr^a S^{ta} Anna, a de São Miguel pizando, e ferindo com uma lança a um enorme demonio revestido das formas mais extravagantes: é todo negro, tem o busto de homem com cauda de serpente; tem chifres de cabra, orelhas de jumento, nariz de bico de aguia, dentes de javali, e enorme lingua farpada; a do S^r morto, e estendido no atauda. Esta principalm^{te} é de extrema perfeição, e ainda está bem conservada. Ha um bom sino de 4 ½ palmos de alto, e na praça do Collegio uma enorme pedra quadrangular, sobre cuja face superior

está traçado, e ainda se conserva em bom estado um meridiano. Só vive n'este Povo uma china já velha com um filho, q trabalha p^d dar-lhe de comer, e de vestir. Esta mulher tem dedicado o resto de seos dias á guarda, e conservação das S^{tas} imagens. Mas o quarto, em q estas se acham, está tão arruinado, q bem de pressa a chuva consummará a obra de destruição, q o tempo vai fazendo n'estes formosos symbolos da Religião de Christo.

Depois de dar uma esmola á religiosa china tornei a por-me a caminho, e d'ahi a tres legoas cheguei á casa de um pobre homem pardo, de nome Figueiró, onde fiz pouso, p^r serem já 6 horas da tarde. Pessima era a casa, e m^{to} escassos os meios de seos donos; mas tinham boa vontade, e trataram-me o melhor, q puderam. Eu soube aqui q o Dr. Pinheiro hoje m^{mo} havia sahido de sua Faz^{da} q dista d'aqui duas legoas, p^a recolher-se á Cruz-Alta, tomando um máo caminho, p^r onde se não supunha, q elle quizesse passar: este caminho abrevia um pouco a distancia. Assim frustou-se o meo intento de encontral-o, e desisti de passar p^r sua Faz^{da} q fica duas legoas distante da estrada.

“ — 4 — Sahi m^{to} cedo da casa do Sr. Figueró, onde separou-se de mim o S^r Gabriel, cunhado do Dr. Pinheiro, p^a regressar á V^a da Cruz-Alta.

Depois de andar duas legoas cheguei ao Povo de São Luiz. E' de todos o menos destruido, e aquelle onde se pode hoje ver melhor, e admirar a riqueza dos templos das Missões, e a grandeza, e commodidades dos apoentos dos Padres, e das casas dos indios. Tambem a Igreja d'este Povo está em ruinas; toda aberta, com o tecto abatido no centro. Do tecto só lhe restam duas pequenas porções na frente, e no fundo. Tem 300 palmos de comprido sobre 100 de largo. E' de 3 naves; e a sua vasta Capella-mór de forma circular conserva ainda o lindissimo zimbório de pinturas tão formosas, e tão finas, q ainda parecem frescas, e o riquissimo altar todo dourado, e da mais primorosa obra de talha: o dourado é tão perfeito, q parece novo. No corpo da Igreja conservam-se ainda em parte o assualho de pedra, e algumas pinturas nas paredes. A Sachristia do lado esquerdo ainda está inteira. E' admiravel a regularidade das proporções d'este formoso templo. A parede da frente d'este templo, bem como a da fachada, e a torre da Igreja de São Miguel, são pelo exterior de pedra de cantaria, cortada com tal igualdade, q parecem ter todas a m^{ma} dimensão.

Tambem aqui no corpo da Igreja, na Capella-mór, e na Sachristia notei vestigios de sacrilegas, e modernas excavações.

Só o espirito obcecado da mais desordenada cobiça pôde conceber n'este seculo a esperanza de encontrar riquezas, q p^r mera supposição dizem os novellistas terem os Jezuitas enterrado nos seos templos.

Sua expulsão dos Povos, em q habitavam, não foi obra de um dia. Tiveram pois m^{to} tempo p^a retirarem todas as riquezas, q podiam ser transportadas p^a os paizes, á q se recolheram, ou pretenderam retirar-se. E sem duvida o fizeram com bastante antecipação, p^rq-, desde q-viram os formidaveis aprestos ordenados pelos Reis de Hespanha, e Portugal p^a fazerem effectiva a sua expulsão, e a conquista dos seus dominios, deviam estes homens tão judiciosos, tão previdentes, e astuciosos comprehender q teriam de ser vencidos. A resistencia, q- fizeram, não pode ter nascido de uma esperança segura de conjurarem o seu total aniquilamento. Os paramentos, alfaia, e ricos adornos dos templos, bem como m^{tos} objectos valiosos de seu uso particular, estes Religiosos Regulares ou os entregaram ás chamas, antes de se retirarem, ou os abandonaram ao saque dos conquistadores.

Nos 32 an^s de dominação hespanhola, ou os governadores, e outros empregados das Missões, ou os proprios indios, senhores, ou desconfiados do segredo das riquezas de seus Padres, teriam achado logo, ou procurado, e á final descoberto essas riquezas. Ao tempo da nossa conquista ja não havia aqui Jezuitas, nem outras riquezas alem dos ricos param^{to}se, alfaia das Igrejas, q em parte foram perdidos pelo saque, e em parte arrecadados p^r ordem do Gov^o, e distribuidos p^r algumas Igrejas novas da Prov^a onde ainda os vemos hoje, e os admiramos.

Que mais riquezas pois poder-se-hão hoje achar?

Todo o Collegio d'este Povo, ou a vasta galeria das habitações dos Padres, e uma parte das dos indios estão em pé, e em soffrivel estado. Moram ali umas trinta e tantas pessoas, pela maior parte indios descendentes dos antigos moradores do tempo dos Padres. Mora tambem nos melhores commodos do Collegio o Cap^m Alexandre com sua decente familia; e ha uma boa casa com fazendas seccas, e molhados pertencentes á um allemão.

N'um espaçoso salão do Collegio junto á Igreja recolheram o retabulo de um rico altar todo dourado, o qⁱ ainda está em bom estado, uma gr^e q^{de} de magnificas imagens de varios Santos, e dos Apostolos, e alguns bustos perfeitissimos de alguns Papas, e de Geraes da ordem de Jezus. Assim serve de Capella este salão, onde se celebrão missa, casam^{to}s, e baptisados, q^{do} p^r alli passa algum Vigario. Entre as imagens d'este Povo são notaveis p^r sua extrema perfeição, e pelo bom estado, em q ainda se acham, a de São Luiz Gonzaga, e a de São Fran^{co} das Chagas. Vi na casa de uma china velha um pequeno Oratorio m^{to} bem adornado de fitas, e de papeis pintados, de pedaços de rendas velhas, e de folhas bentas, com algumas imagens pequeninas.

Ja nos outros Povos eu havia procurado obter algum objecto pertencente aos Jezuitas, q eu pudesse conduzir na m^a viagem esco-

teira, e q me servisse de memoria da m^a passagem por estes logares, e de reliquia de uma antiguidade tão celebre. Mas procurei em vão: nada, absolutamente nada pude encontrar.

Fiquei pois contentissimo ao ver as pequeninas imagens de oratorio da china velha d'este Povo, e logo pedi-lhe q me desse, ou me trocasse alguma d'ellas. Abanando a cabeça; e suspirando, respondeu-me prompta, e seccam^{te} — não. Disse-lhe eu q queria uma d'aquellas imagens p^a levar de prez^e á minha mulher, q era m^{to} religiosa, e q eu a trataria m^{to} bem. Tornou a pobre china a dar-me a m^{ma} resposta; e depois accrescentou q eram santinhos alli da sua Igreja, apontando p^a o velho templo. Recorri á intervenção do Cap^m Alexandre, e do Negociante alemão, dos q^{es} a velha missioneira é m^{to} am^a; mas foi tudo inutil. Ja eu queria retirar-me desanimado á vista de tão firme, e reiterada negativa, q^{do} se lembrou o Cap^m Alexandre, de q havia no Povo um indio velho, tão velho como a china, o qⁱ p^r gozar alli de m^{to} credito, poderia talvez resolver sua coeva a ceder-me alguma imagem. Chamou-se o indio; e elle foi meo redemptor. Prometti-lhe boa esportula; elle disse algumas palavras á velha em guarani, e ella tirou do Oratorio, e entregou-me uma bonita imagem pequenina de N^a S^a da Incarnação, q pretendo offerecer á m^a mulher. Gratifiquei o melhor, q pude tanto á china, como ao indio, e fui ver o resto das ruinas.

O cemiterio, e a quinta estão complet^{te} destruidos. Encontram-se ainda inteiras m^{tas} columnas, e pilastras de pedra com frizos, e relevos cahidas, e abandonadas entre as sarças, e os espinhos, q cobrem o solo d'este Povo em derredor da Praça.

Ha aqui uma obra curiosa: a porta principal da galeria das habitações dos Padres, q é a porta do salão, q serve hoje de Capella, tem a umbreira, e as portadas de rija madeira toda marchetada de lindas pedras de cristal branco, amarello, e rocho (SIC) de varias formas, e tamanhos, taes quaes se encontram algumas ainda hoje nas pedregosas coxilhas de nossa campanha.

Como já fica dito, este Povo de São Luiz é de todos o q está menos destruido, e o que tem mais habitantes.

Ja acontecia isto m^{mo} na epocha da conquista Portugueza. Por isso, e p^r ser o mais central dos sete Povos, foi erecto em Villa com a denominação de São Luiz da Leal Bragança p^r Alvará de 6 de Sbr^o de 1817. Mas não se tendo podido realizar a sua inauguração, p^r causa da progressiva decadencia d'este Povo, foi erecta em 1834, em logar d'ella, a Villa de São Borja, q se lhe havia vantajado em população, e cuja posição sobre a fronteira, e á margem do Uruguay é m^{to} superior.

Este Povo fica um pouco afastado da estrada, e dista 3 legoas do rio Piratiny. Cheguei ao Passo d'este rio denominado do Pedrinho á 1 hora da tarde, e passei-o logo em uma boa barca, em q

cabe uma carreta, e do outro lado fiz descarregar os cargueiros, e me demorei uma hora p^a almoçar.

O rio Piratiny tem vinte braças de largura pouco mais, ou menos, é caudeloso, tem sua origem nas canchadas de S^{ta} Tecla, e desagua no Uruguay: presta-se á navegação por mais de 15 legoas de seu pequeno curso. S^{ta} Tecla é um lugar junto á Coxilha geral onde os Jesuitas tinham uma Capella. A coxilha grande é o ponto, de onde partem as nascentes de todos os rios, que confluem no Uruguay pelo territorio dos Municipios da Cruz-Alta, e São Borja. Pela excellente estrada, q corre p^r esta coxilha, dizem os praticos, pode-se ir desde a Cruz-Alta até Montevideo sem passar um só rio.

(Municipio de São Borja)

O rio Piratiny é a divisa do Municipio da Cruz-Alta com o de São Borja. Depois de descansar uma hora á margem d'este formoso rio, e de almoçar á sombra de um frondoso bosque de taquarussús segui pela estrada de São Borja, e á 5 legoas do rio cheguei á Faz^{da} de Itarequem pelas 5 horas e meia da tarde, p^a dormir ahi. Esta Faz^{da} pertence ao Estado, p^r ter sido propriedade dos Jesuitas, q aqui tinham uma Capella, de q ainda ha vestigios, e com cujos materiaes foi construido, ha pouco tempo, no m^{mo} lugar um Cemiterio.

A Faz^{da} de Itarequem era toda cercada na frente com um muro de pedra secca, do q^l só ha hoje alguns vestigios, tem 3 legoas de fundo, e 1 de frente. Por consentim^{to} do Gov^o Pro^{al} em 1845, em 1846 estabeleceu-se aqui o Cor^{el} J^e Correa da S^a, p^a criar seos gados; construir pequenos ranchos p^a sua residencia temporaria, e foi no melhor d'esses ranchos, q me hospedou o seu capataz.

Desde q passei o rio Piratini, e entrei p^tanto no territorio do Municipio de São Borja, notei facil^{te} gr^e differença no aspecto, e qualidade dos campos; nas aguas, e ños mattos. Os campos de São Borja são de altas e, extensas planicies, interrompidas a longos espaços p^r algumas coxilhas pouco elevadas, e m^{to} compridas. O pasto é curto, quasi todo de gramma, e de m^{to} boa qualidade. Nutre m^{to} os gados, sem q seja necessario dar-se-lhes sal. As aguas, q-não são m^{to} abundantes são salobras; os capões são raros.

Os campos da Cruz-Alta, como já fica dito, são m^{to} dobrados, sem varzeas, de coxilhas m^{to} altas, e curtas, cortadas p^r pequenas canchadas; são regados de uma infinidade de riachos, q correm em todas as direcções, e os fecham em gr^{es}, e pequenos rincões, e dam a quasi todas as Faz^{das} m^{to} boas divisas naturaes, e subdividem as m^{mas} Faz^{das} em rincões, ou invernadas fechadas. As aguas são excellentes; mas os pastos são macegosos, asperos, e fracos; não servem, senão em q^{to} estão novos, pelas frequentes queimadas; mas ainda assim não

teem força p^a nutrir os gados. Os campos de São Borja são demais a mais m^{to} abertos, e faltos de encosto p^a os animaes, e de divisas naturaes p^a as Fazendas.

“ — 5 — Por não haver potreiro na Faz^{da} de Itoroquem, fugiram-me á noite alguns cavallo. Foi-me necessario p^tanto retardar a partida em q^{to} meos piães os procuravam. As 9 horas da manhã voltaram os piães sem os cavallo. Deixei ali o vaqueano, q me acompanhava desde a Villa da Cruz-Alta p^a tornar a procurar os cavallo, e ali m^{mo} aguardar a passagem dos q eu devia fazer voltar da Villa de São Borja, e puz-me a caminho.

A' 1 hora da tarde sestei n'um pequeno capão da Faz^{da} da Palmeira junto á casa do seo proprietario, o Cap^m Cunha; e tornando á montar ás 2 horas, vim apear-me as 7 na Faz^{da} de São Matheus pertencente á D. Jacintha, viuva do Cor^{el} Lago, e mãe do meo antigo condiscipulo, e am^o Joaq^m da S^a Lago, hoje Com^{de} Superior da G^{da} N^{al} d'este Municipio. Tanto a Snr^a D. Jacintha, como sua f^a, a Snr^a Mauricia fizeram-me o mais obsequioso acolhimento, logo q souberam meo nome.

Andei hoje dez (corrigido em 11) legoas. Por toda a estrada desde o Piratini até aqui vim encontrando gr^e numero de veados do campo, tão mansos, q pouco se afastavam de nós, q^{do} d'elles nos aproximavamos. Q^{to} me fizeram elles arreperder de não ter trazido comigo uma boa espingarda, e um bom galgo!

“ — 6 — Encontrei-me aqui, em casa da Snr^a D. Jacintha (com) o Cap^m J^e Innocencio Dutra, meo antigo conhecido de São Paulo, e m^{to} meo affeioado, o q^l rezide hoje n'este Municipio em umas terras, q possui na costa do Piratini. Depois de 9 horas, tendo já almoçado, despedi-me de D. Jacintha, e de sua filha, e puz-me á caminho p^a a Villa de São Borja, q dista d'alli 3 legoas, acompanhado pelo Cap^m J^e Innocencio. A' legoa e meia passei o rio Camacoan no Passo Geral, demorando-me na passagem mais de uma hora, p^r não haver ali balsa, mas som^{te} pequenas canoas. Este rio, q tem sua origem aquem da coxilha geral, nos campos denominados — Tunas (?); é mais largo, e mais caudaloso, do q o Piratini, e desagua no Uruguay. No tempo da secca dá váo n'este Passo; mas q^{do} chove, cresce m^{to}, e transborda pelas varzeas, q acompanham todo o seo curso. Então torna-se penosa a sua passagem. E' arrematante d'este Passo o meo antigo conhecido J^e Amaro de Vilhena, q se mostrou m^{to} satisfeito de ver-me, e quiz p^r força q eu tomasse um mate no rancho, onde tem sua fam^a. E' irmão de m^a Com^e, a viuva do Dezbor^{or} Loureiro. N'este Passo do Camacoam, p^r onde transita m^{ta} gente, e passam m^{tos} animaes, é indispensavel uma barca gr^e, ou balsa, em q passem carretas, cargas, e viandantes, sem o incommodo de porem seos cavallo á nado, em q^{to} ao menos se não

construe uã ponte, q deverá ser gr^e, e m^{to} dispendiosa, p^r ser o rio m^{to} largo, e ter as margens m^{to} esbarrancadas.

A uma legoa d'este rio p^a o lado da Villa de São Borja corre o arroio denominado Estiva, cujo Passo é mão, m^{to} enlameado, e atoladissimo. No inverno impede o transito. Precisa de uma ponte, cuja construcção já está orçada em 1:800\$ rs. Actualm^{te} se está preparando a madeira p^a esta ponte, com cuja construcção foi a Camara M^{al} autorisada a despende um conto de rs. do saldo de suas rendas. Deve ser auctorisada a gastar com esta obra mais 800 mil rs.

D'aqui a uma legoa está a Villa de São Borja, onde cheguei ás 2 horas da tarde, e fui hospedar-me na casa do abastado Negociante Candido I^o Guim^{es}. Era a vespera do anniversario da Independencia Politica do Imperio, e das eleições de Vereadores, e Juizes de Paz. Havia p^r tanto m^{ta} gente na Villa.

Da Villa da Cruz-Alta á esta ha de 48 a 50 legoas pela estrada chamada dos — Povos, p^r onde vim. Com excepção da picada da Conceição, e de alguns Passos, é toda ella m^{to} boa em tempo de secca. A estrada da coxilha donominada das — Carretas, seg^{do} dizem é m^{to} melhor, e de bom transito em todas as estações p^r não atravessar rio, ou correjo algum; mas é mais longa de 10 a 12 legoas.

N'essa m^{ma} tarde, e á noite fui logo vizitado pelos Cor^{eis} Ozorio, Lago, e J^o dos S^{tos} Loureiro, pelo irmão d'este An^{to} dos S^{tos} Loureiro, e p^r mais tres, ou quatro pessoas.

Gastei 5 dias e meio de viagem da Villa da Cruz-Alta á de São Borja.

“ — 7 — Depois do almoço, em q^{to} na Villa o povo concorria á Igreja p^a a eleição de Vereadores, e de Juizes de Paz, fui á margem oriental do magestoso Uruguay tanto p^a ver este rio, q marca uma de nossas principaes fronteiras, como p^a ver uma parada, q fazia o Cor^{el} Ozorio com a sua Brigada de 600 homens das 3 Armas do exercito.

A parada effectuou-se no logar denominado — Passo de São Borja. Este logar é sobre a margem oriental do Uruguay, e ha ali uma povoaçãozinha de umas 30, ou 40 casas: dista da Villa $\frac{3}{4}$ de legoa. Creio terá tanto e mais metade da largura do Jacuhy perto de Porto Alegre: suas margens são pouco guarnecidas de mattos, e em alguns logares são inteiram^{te} descobertas. Este logar é m^{to} pestifero.

Salve, ó rio majestoso!
Salve, ó dilecto dos mares!
Abraça-te ao rei do Norte,
Assegura os nossos lares.

Quando as aguas, que conduzes
Pelo Prata ao mar em fóra,
Ligadas ás do Amazonas
Por laço ideal, embora,

Signalarem os dominios
D'este Imperio Brasileiro,
Abrangendo o territorio
Usurpado p'lo estrangeiro;

Paz externa, e duradoura
Terá então a minha terra,
E fruirá todos os bens,
Que aquella palavra encerra.

Salve, oh! salve, ó rio immenso!
Salve, oh! salve, ó mensageiro
De um futuro, que o Destino
Deu ao Povo — Brasileiro.

Na margem occidental d'este rio, em frente da povoação do Passo de São Borja, ha uma pequena povoação da Prov^a Argentina de Corrientes denominada — Formigueiro —, a q^l terá menos de 20 miseraveis ranchos de palha, onde habitam outras tantas miseraveis fam^{as}, algumas das q^{es} são Brasileiras.

Alli haviam os Jesuitas fundado um Povo com a denominação de São Thomé, o q^l teve a m^{ma} sorte, q deram aos demais Povos e conquista, e a dominação dos Hespanhoes. Foi copletam^{te} destruido. Mas sobre as suas ruinas tinham os Correntinos, e alguns Brasileiros levantado uma outra pequena povoação, q continha algumas casas de telha, e espaçosas. Em 1849 occupou-a o exercito Parag^{uayo}, e, q^{do} se vio forçado á evacual-a, deitou-lhe fogo no dia 6 de 7br^o d'esse m^{mo} anno, e reduziu-a toda a sinzas (sic).

A pequena povoação actual tem sido formada d'essa epocha p^a cá.

Depois q voltei do Passo, d'onde vim em companhia do Cor^{el} Ozorio, recebi a visita dos Snr^s Tristão de Araujo Nobrega, Silvano J^o Monteiro, Braga J^{or}, J^o Ferr^a Guim^s — (1.^o Juiz de Paz), do Vigario (o P^o Gai), dos Snr^s Virgilio (Tabelião), Cap^m João Luiz, Serafim Joaq^m dos S^{tos}, e de mais 3, ou 4 pessoas. Recebi tambem um convite p^a o baile, q a officialidade do 2.^o Regm^{to} de Cavallaria havia preparado p^a o dia 8.

A' noite fui ao Theatro, q esteve m^{to} bom, apesar de ser m^{to} pequeno o salão de uma casa particular, onde o armaram alguns moços, q deram a representação.

“ — 8 — Sahi cedo p^a ver a Villa: está m^{to} bem situada, como todas as povoações fundadas pelos Jesuitas, em uma alta planície á $\frac{3}{4}$ de legoa do Uruguay. Suas ruas são largas, rectas, e longas, p^r serem as casas m^{to} separadas; terá umas duzentas casas, incluídos alguns ranchos de palha. Não tem cadêa, nem casa de Camara. A Municipalidade celebra suas sessões em uma casa particular; e os prezos são recolhidos n'um edificio nacional pequeno, e pouco seguro; mas q com alguns reparos poderá ser uma boa cadêa p^a este logar. O Estado possui ainda um bom terreno de 100 e tantos palmos de frente contiguo á este edificio, no q^l se pode bem edificar uma boa cadêa com casa de Camara aproveitando-se aquelle edificio, ou ao menos os seos materiaes.

Tambem possui aqui o Estado com o destino de servir p^a quartéis a galeria do antigo Collegio dos Jesuitas ao lado da Igreja nova. Está m^{to} arruinado este edificio, e é pequeno p^a quartéis: não accomoda um batalhão. Todavia com alguma despeza em reparos, e com algum accrescentam^{to} p^a o fundo poderá vir a ser um bom quartel. Pertence igualmente ao Estado um espaçoso, e velho telheiro, q serve actualm^{te} de templo provisório: foi uma antiga Capella dos Jesuitas; serviu posteriorm^e de hospital de tropas: hoje é o templo! Está m^{to} arruinado, e até indecente. Todos estes proprios nacionaes estão na praça da povoação, q é a antiga praça do Povo dos Jesuitas.

A Igreja nova ainda não está acabada; ainda lhe falta m^{mo} mais da metade da obra: é de pedra, e barro, como eram os grandiosos templos das Missões, e suas dimensões são m^{to} proporcionadas á população da Villa. E' necessario acabal-a. Para continuar suas obras se está promovendo uma subscrição pelo povo, q montará a 4 ou 5 contos de r^s: subscrevi com 50\$000 r^s. A Assembleia Prov^{al} deve consignar alguns fundos p^a conclusão da Capella Mor d'este templo.

A aula publica de pr^{as} letras p^a o sexo masculino está vaga, ha alguns an^s, apesar de haver uma contribuição de varios moradores p^a dar-se um conto de reis p^r anno á q^l q^r professor publico, ou particular, q aqui venha estabelecer-se.

Este Municipio é rico de gados, unicos productos, q exporta; é um dos mais populosos da Fronteira; tem de trinta a 40 legoas de extensão quadrada; comprehende duas Freguezias, a de São Fran^{co} de Borja, q é a da Villa, e a de Itaqui; a primeira tem 2 Districtos, o de São Borja, e o de Camacoan; a seg^{da} tem 3, a saber—, o da Cruz, o de São Fran^{co}, e o de São Xavier. Extrema com o da Cruz-Alta pelo rio Piratini; com o de São Gabriel pelo rio Jaguari-mirim; e pelos de Alegrete, e Uruguayana pelo rio Ibicuhy. O povo se queixa contra a ultima divisão d'este Municipio, pela q^l perdeu m^{to} territorio p^a os da Cruz-Alta, e São Gabriel.

Tambem é geral aqui, como na Cruz-Alta a queixa contra a morosidade do correio: nunca chegam as malas nos dias designados. Alem de chegar a correspondencia m^{to} retardada com mais de 15 dias de retardam^{to}, soffre m^{tos} extravios, e chega 3 e 4 dias depois das epochas fixadas no contracto.

Como Povo, ou Missão dos Jesuítas, é a povoação de São Borja uma das mais arruinadas. Só restam os 3 edificios hoje nacionaes, de q ja fallei; algumas imagens m^{to} estragadas; 4 sinos, dos q^{es} um tem 6 palmos de alto, e está m^{to} perfeito; e alguns paramentos riquissimos, porem m^{to} velhos, e alfaías de prata ainda bem conservadas. E' digna de especial menção uma gr^e, e rica Custodia de prata dourada, cheia de adornos do m^{mo} metal com esmaltes finissimos, e pedras preciosas.

Foi este o ultimo Povo, ou Missão, q visitei. Dá pena verem-se perdidos estabelecim^{tos}, e riquezas tão grandiosas. Onde poderiamos admirar Cidades opulentas, e magnificas, só vemos hoje majestosas ruínas cobertas de sarças, e de espinhos!

O desleixado Gov^o d'este paiz, onde tudo está p^r fazer, não soube conservar tão magnificas povoações ja feitas, e nem ao menos tem querido aproveitar tantos e tão uteis materiaes, q ora jazem confundidos no pó, expostos á acção corrosiva das intemperies, ou são preza da cobiça dos particulares, q- de poucos se utilizam, e estragam a maior parte.

Q^{do} as mesquinhas igrejas das povoações modernas da nossa campanha, e até m^{mo} as de nossas Cidades, não apresentam, se não a maior singeleza de architectura, e decoração, e a maior pobreza de adornos, ficam esquecidas, e entregues á destruição, e expostos aos uzos mais improprios as ricas columnas, pilastras, e outros m^{tos} adornos de pedra, e de madeira nos destroçados Povos das Missões! permanecem no mais sacrilego abandono as mais ricas Imagens, q no Brazil se podem encontrar! Não valeria a pena gastarem-se dous, ou tres contos de reis com a conducção de mais de 60, ou 80 d'estas Imagens, q ainda estão perfeitas, p^a um deposito decente, de onde poderiam ser distribuidas pelas Igrejas, q d'ellas necessitassem, ou onde ao menos pudessem ser conservadas, como um sublime monum^{to} de antiguidade, de riqueza, e de perfeição?

Alem d'estes 5 Povos, q visitei, á saber — o de São João Bap^{ta}, o de São Miguel, o de São Lourenço, o de São Luiz Gonzaga, e o de São Fran^{co} de Borja, ha ainda n'esta Prov^a os de São Nicoláu, e S^{to} Angelo. O de São Borja está situado entre os rios Camacoan, e Butuhy á duas legoas de primeiro, e a 7 do seg^{do}; os outros são situados entre os rios Piratini, e Ijuhy-Gr^e: todos mais, ou menos proximos á margem oriental do Uruguay. A' excepção do de São Borja, todos pertencem hoje ao Municipio da Cruz-Alta. O de São Borja foi formado dos ferozes indios charruas catechizados d'esde

1610 pelos Jesuitas Marcello de Lorenzana, e Fran^{co} de São Martin; os outros de indios Tapes, e Guaranyes.

Alem d'estes 7 Povos, q foram conquistados pelos Portuguezes aos Hespanhoes em 1801, fundaram os Jesuitas mais 23; 13 no territorio da actual Republica do Paraguay, e 10 nas Provincias Argentinas de Corrientes, e Entre-rios; todos mais, ou meños proximos á margem occidental do m^{mo} Uruguay.

O anno de 1610 parece ter sido a data das pr^{as} reduções. Mas em 1631 ja os Jesuitas tinham fundado 20 aldêas, e um seculo depois ja possuiam 30 Povos com mais de cem mil almas. O Guarany era a lingua geral de todos estes Povos, da q^l os Jesuitas compuzeram vocabularios, e grammaticas, e na q^l escreveram sermões, e memorias. Depois de banidos de Portugal, e Hespanha, e de todos os dominios d'estes dous Estados, em consequencia da opposição, e resistencia, q- n'estes m^{os} logares fizeram ás Commissões demarcadoras dos limites dos dominios d'estes Estados na America Meridional, e em consequencia tambem de outros motivos anteriores, os Jesuitas evacuaram os Povos em 1768, deixando-os cahir no dominio da Hespanha, á q pertenceram todos até q os Portuguezes em 1801 conquistaram os 7 da margem oriental do Uruguay.

Durou seculo e meio o dominio dos Jesuitas.

No tempo do exterminio dos Padres orçavam-se em 30 mil os habitantes d'estes 7 povos. Mas ja em 1814 o seo censo deu som^{to} 7.000 e tantos habitantes, sendo mais populosos os de São Borja, São Nicoláu, e São Luiz.

O abandono da parte do Gov^o, bem como as duas invasões da parte do Estado Oriental do Uruguay, a de Artigas em 1819, e a de Rivera em 1828, foram progressivam^{te} diminuindo a população, e augmentando a destruição.

Em 1824 o 1.^o Presidente d'esta Prov^a, J^e Feliciano Ferz- (isto é Fernandes) Pinheiro, depois Visconde de São Leopoldo, tentou estabelecer uma Colonia de Alemães no Povo de São João; mas nem uma só fam^a d'estes estrangeiros quiz alli permanecer.

Em 1835 finalm^{te} estava reduzida essa população a 370 e tantos individuos, e o seu rico patrimonio a 20 e tantas mil rezes, e a cerca de 2.000 animaes cavallares. População, gados, e cavallo tudo desapareceu no vortice da guerra civil de 20 de 7br^o. Só restam as ruinas, e os campos pertencentes á estes Povos, que constituiam o principal patrimonio dos indios, e q-constavam de 5 estancias, 9 po-treiros, 2 invernadas, 8 chacaras, e 31 rincões.

Hoje são bens nacionaes; mas como, e em poder de q^m estão?

Direi ainda á resp^{to} dos Povos q, depois da expulsão dos Jesuitas em 1768, o Gov^o da Hespanha reuniu todos os 30 debaixo de um só Gov^o especial, como Prov^a sua, com a denominação de Prov^a das Missões, sendo esse Gov^o especial subordinado ao Gov^o Geral,

de Buenos-Ayres, e ao Bispado do Paraguay. O Governador d'esta Prov^a residia no importante, e mais central Povo da Candelaria no Paraguay, q tambem fôra a sede do Provincial dos Jesuitas. Esta Prov^a tinha cem legoas de extensão, e ficou subdividida pela conquista dos 7 Povos, q pertencem hoje á esta Prov^a; depois foi extinta pela independencia, e separação do Paraguay, e das Prov^{as} da Confederação Argentina.

Todas as povoações dos Jesuitas eram da m^{ma} planta com as unicas differenças de serem umas maiores, do q as outras, e mais elegantes, ou mais ricas em obras, e decoração. N'uma das faces de uma espaçosa praça quadrilatera estava o templo sempre magnifico de 3 naves, ou de 5, com elegante alpendre, com capacid^{de} p^a conter m^{tas} mil pessoas, e com decentes adornos, e alfaias de prata. A' um lado do templo amplo cemiterio com Capella no fundo; do outro lado o Collegio, habitação dos Padres com escollas, officinas, e armazens, tudo fechado em uma seg^{da} praça menor, no centro da q^l estava collocado um relógio de sol, ou meridiano. Por de traz espaçosa quinta cercada de alto muro de pedra secca, com arvoredos fructifero de todas as qualidad^{es}.

Os outros tres lados da praça principal eram formados de lanços, ou galerias simetricam^{te} repartidas em quarteirões, cobertas de telhas, e com varandas p^r todo o ambito. Tambem as casas da praça do Collegio tinham varandas na frente. Alli moravam os indios; e p^a uma familia era destinado um só aposento sem mais repartim^{tos}; n'elle dormiam em redes, ou macas, e ahi m^{mo} cosinhavam. Estes apozentos não eram forrados de taboas; mas sobre os caibros havia uma grade de tacoaruçus rachados á meio, e entre ella, e as telhas uma espêça camada de barro.

Eram da mais feliz escolha todos os logares, onde os Jesuitas assentavam suas povoações; altos, e planos; mas affastados dos rios. Parece q de proposito evitavam os inconvenientes das inundações, e humidad^{es} das margens.

Em a noite d'este m^{mo} dia 8 fui ao baile da distincta officialidade do 2.^o Regm^{to}. Não suppuz encontrar n'este lugar um concurso tão brilhante de Snr^{as}, algumas elegantem^{te} vestidas, m^{to} desembaraçadas, e sabendo dansar perfeitam^{te} todas as dansas, usadas na Capital da Prov^a. E' q o exercito tem civilisado as povoações da nossa campanha, tantas vezes frequentadas p^r seos Batalhões, e Regim^{tos}.

“ — 9 — Descancei de manhã, e á tarde fiz algumas vizitas. Passei a noite em casa do Cor^{el} Ozorio.

“ — 10 — Fiz de manhã o resto de m^{as} vizitas; á tarde fui com os Cor^{es} Ozorio, e Lago passear de cavallo ao Cemiterio, q é amplo e bem situado, e ao aquartelam^{to} do 2.^o Regim^{to}, q igualm^e está bem collocado á uma distancia conveniente da povoação. Os contingentes

de Infantaria e Artilharia estão aquartellados nos casebres do antigo Collegio dos Jesuitas.

A' noite escrevi á m^a mulher, e preparei-me p^a seguir viagem p^a o Itaquy no dia seg^{te}. Tenho escripto á m^a mulher em todas as povoações, onde me tenho demorado; e só uma vez recebi noticia de m^a prezada fam^a; foi no dia 12 do mez passado á bordo do Vapor-Correio de R^o Pardo em viagem da V^a do Triumpho p^a esta Cid^{de}. Não me surprehende esta falta, p^r q só nesta V^a de São Borja, e pelo correio, q devia chegar hoje, é q poderiam alcançar-me as cartas de m^a mulher, e de meos am^{os}.

Ja nos seios d'alma oppressa
Sinto pungir-me a saudade,
Effeito puro da auzencia,
Puro effeito da amizade.

Da fiel Esposa adorada,
Dos meos queridos filhinhos,
Dos seos afagos, e rizados,
Dos seos brincos, e carinhos;

De um só irmão, que me resta,
Dos meos amigos dilectos,
Do seo zelo, e seos cuidados,
Dos seos sinceros affectos;

De tudo recorde idéas,
Que fundem no coração
Agro-doce sentimento,
Da saudade emanação.

Sahi de São Borja satisfeito com as demonstracções de consideração, e de estima, q geralm^{te} tenho recebido; e leve a bem fundada esperanza de q a maioria dos Eleitores d'este Collegio me não recusará seos votos p^a a m^a quarta reeleição de Deputado Geral. Se vencer o partido do Cor^{el} Lago, eu terei sem duvida os votos todos; se vencer porem o partido dos S^{rs} Loureiros, não serei tão feliz: obterei q^{do} m^{to} a maioria. M^{as} relações de amiz^e com os Cor^{es} Lago e Ozorio me teem alienado a confiança de alguns membros do outro partido.

“ — 11 — Ainda uma falha p^r causa da cavalhada!

O S^r Candido J^e Guim^{es} quiz q eu fizesse a viagem d'esta V^a á Freguezia de Itaquy em cavallos seos; mandou-os buscar á sua ivernada desde ante-hontem; mas não chegaram hontem, como eu esperava, nem hoje até o meio dia. Seguirei p^r tanto amanhã, sem esperar mais pelo correio.

“ — 12 — Sahi da Villa de São Borja ás 9 horas da manhã, acompanhado dos Cor^{es} Ozorio, e Lago, do Major Dias, Cap^m Pedro Ozorio, Candido J^e Guim^{es}, seo irmão Tristão de Ar^o Nobrega, e de mais um off^{al}, concunhado do Cor^{el} Lago. Andei 6 legoas, e pousei na casa do Fazendeiro Rufino Rodrigues dos Sanctos, distante uma legoa do arroio Butuhy.

Não andei mais, p^r chover copiosam^{te}.

O S^r Rufino, q é cunhado dos S^{rs} Loureiros, estava em Itaquy: fui hospedado obzequiosam^{te} p^r uma sua enteada, q ficára na casa com seo marido, e fam^a.

“ — 13 — Montei á cavallo m^{to} cedo, e passei o Butuhy em um excellente bote. Este arroio é estreito, e conflue no Uruguay; dá váo no verão; mas enche m^{to} no inverno. Andando mais tres legoas, cheguei á Faz^{da}, e casa do S^r Cor^{el} de G^{das} N^{es} J^e dos S^{tos} Loureiro, situada no rincão da Cruz. Chovia m^{to} e erão horas de almoçar. Apeei-me pois, posto q não estivesse o dono da casa. E p^r q continuasse a chover abundantem^{te} aqui dormi.

“ — 14 — Choveu toda a noite, e tem chovido todo o dia, q apezar de eu ja ter pressa, não me tem sido possivel emprehender viagem. E' a seg^{da} vez, em q sou retido pela chuva, como ja duas vezes o fui p^r demora de cavallos.

Diminuei a chuva ao meio dia; e logo me puz a caminho, antes q as varzeas, e banhados enchessem mais. Foi bem incommoda a viagem d'este dia: atravessei 4 longos banhados com agua pela aba do lombillo, e cheguei ja de noite á margem direita do arroio — Cambuhy, q estava de nado, no logar justam^{te} em q elle faz barra no Uruguay.

Com difficuldade obtive q de umas embarcações q estavam atracadas na margem opposta, viesse um bote com dous pessimos remeiros dar-me passagem, e a toda a m^a comitiva, e cavallos. Durou mais de duas horas esta operação. As 8 horas e meia estava eu na Freguezia de Itaquy, e me hospedava em casa do S^r Manoel Moreira, Administrador da Meza de Rendas.

De São Borja a Itaquy ha 14 legoas; e a fazenda do S^r Cor^{el} J^e Loureiro dista 5 legoas desta Freguezia. O Cambuhy está a 3, ou 4 quadras. Este arroio tem sua origem n'uns banhados m^{to} proximos e seo curso é de 2 legoas som^{te}. Na sua fóz é o ancoradouro das embarcações, q pelo Uruguay á cima vem á Itaquy.

Dava-se n'esta noite um seg^{do} baile ao anniversario da Independencia; e as 10 horas eu dançava uma contradança com a Snr^a do Major José da Luz Cunha.

Aqui tambem, como em São Borja, fiquei surprehendido de ver reunidas em dous soffríveis salões da excellente casa de sobrado do Major José Joaq^m d'Assumpção, trinta e tantas Snr^{as} vestidas com gosto, m^{to} desembaraçadas, e dansando tão bem como as da Capital.

O contacto com os m^{tos} commerciantes, e algumas familias do Estado Oriental, q frequentão esta povoação, tem imprimido em seos habitantes, especialm^{te} do sexo feminino alguns habitos, e certo ar de civilização.

“ — 15 — Gastei toda a manhã em percorrer a povoação, q terá umas 40 casas de telha, e 50, ou 60 cobertas de palha. E' situada em uma pequena planicie bem sobre a margem do Uruguay. A povoação não é bonita; mas é m^{to} vantajosa ao commercio, q ja entremem em gr^e escala com Montevideo, e Buenos-Ayres, e Corrientes; tem no Uruguay um excellente porto, e outro no arroio Cambuhy. As ruas são largas, e direitas; a praça é espaçosa, e n'ella está a Igreja, q não passa de um simples telheiro, ou galpão, m^{to} mal construido com paredes de pedra secca, e sem asoalho, nem forro. Esta Igreja é a mais pobre, e indecente, q tenho visto; tem dous altares m^{to} ridiculos com 4 imagens m^{to} feias, excepto a do Padroeiro, São Patricio, q é regular; nos altares ha quatro castiçaes ordinarios de metal bronzeado, como os de q^lq^r sala de gente pobre; não tem sachristia; e seos param^{tos} são m^{to} poucos, muito velhos, e quasi indecentes.

Algumas pessoas influentes da Freguezia se empenham pela construcção de uma nova Igreja; e á instancias m^{as} comprometteram-se a promover uma subscrição p^a essa obra. Designamos o lugar na m^{ma} praça, e prometti-lhes mandar uma planta da Igreja, e obter algum auxilio dos cofres provinciaes. O principal, encarregado da subscrição é o prestante Major Assumpção.

O Cemiterio está m^{to} perto da povoação, e em terreno, p^a onde esta se deve estender. Como ainda não está cercado, aconselhei á q o removessen, empregando em cercar de muro o novo Cemiterio a q^{ta} de 1:200\$ r^s p^a isto consignados pela Assembleia Prov^{al} na lei do Orçam^{to} actual. Nesta povoação não ha cadea alguma. O porto foi removido, ha pouca tempo, do Uruguay p^a a foz do Cambuhy, p^r estarem aqui as embarcações mais ao abrigo dos ventos; os commerciantes porem, o proprio Administrador da Meza de Rendas, e em geral todo o povo deseja q seja restabelecido o antigo, p^r ficar mais perto da povoação, p^r ser ahi mais commodo o embarque e o desembarque das mercadorias, e mais directa, e efficaz a fiscalisação. Concordo d'esta opinião, até m^op^rq-, sendo m^{to} perto a foz do Cambuhy (dista 2, ou 3 quadras) podem as embarcações, depois de descarregadas, abrigarem-se alli de q^lq^r temporal, q as possa ameaçar no Uruguay, onde aliás podem estar tambem e em toda a segurança, p^r q- podem atracar e amarrar á margem.

A Meza de Rendas está m^{to} amesquinhada no seo pessoal, e não tem boa casa, nem os moveis mais indispensaveis. Alem do Administrador, tem som^{te} um Escr^m, e dous Guardas, todos m^{to} mal pagos: precisa indispensavelm^{te} de uma balança, na q^l possa pesar a

herva, q despacha; precisa de mais empregados, de uma boa casa, e de um destacam^{to} de 60 homens p^a cima, a fim de poder guardar a margem do Uruguay, e evitar o contrabando, q é facilimo de fazer-se em q^lq^r ponte proximo da povoação, p^a este m^{mo} fim precisa tambem de um bom escaller, q ainda não tem. Esta Repartição está hoje m^{to} importante: no anno financeiro de 1855 a 1856 despachou 116,143 ar^s de herva mate na importancia de 509:811\$190 r^s, dos q^{es} cobrou 25:490\$559 r^s liquidos de direitos.

O commercio de herva mate, unico genero de exportação n'este lugar, de dia em dia se desenvolve mais, e dará gr^e increm^{to}, e importancia á florescente povoação de Itaquy, q em poucos an^s será uma das maiores d'esta fronteira: actualm^{te} se estão construindo 7 boas casas, e mais de 8 Fazendeiros pretendem tambem edificar ahi m^{to} cedo. Os seos moradores querem q ella seja já elevada á cathegoria de Villa. Esta povoação cresce rapidam^{to}; entretanto q a Villa de São Borja está estacionaria. Os obstaculos q offerece a navegação do Uruguay em tempo de secca de São Borja até o Itaquy, affecta d'alli a maior parte da exportação do producto dos ricos hervaes d'esta Villa, e dos do Municipio da Cruz-Alta. A Meza de rendas de São Borja não arrecada nem a terça parte do rendim^{to}, q tem a de Itaquy. O Municipio, e especialm^{te} a Parochia de São Borja terá mais alguma prosperidade, se se estabelecer uma Colonia agricola no Povo de São Nicoláo, a q^l aproveite as ferteis terras banhadas pelo Piratiny, p^r cujas aguas podem descer os productos da Colonia até o Uruguay.

E' m^{to} sensivel na Freguezia de Itaquy a falta de professores publicos da instrucção primaria p^a os dous sexos: estão vagas, ha m^{to} tempo, estas duas cadeiras, p^r falta de concurrentes á ellas, p^r ser insufficiente o ordenado de 600\$000 á vista da carestia de todos os generos de pr^a necessidade n'este lugar, como acontece em São Borja. Ha todavia uma escolla particular p^a o sexo masculino. A maior parte da população d'esta Freguezia é de estrangeiros, Orientaes, Correntinos, e Italianos vindos de Montevideo, e q aqui exercem ou o commercio, ou as artes mecanicas, inclusive a de construir embarcações. Actualm^{te} estão duas embarcações no estaleiro; e ancoradas no porto á receberem carga estão dez; a saber duas sumacas, seis chalanas de dous mastros, e duas de um mastro só.

Recebi n'este dia m^{tas} visitas, sendo a pr^a a do Cor^{el} J^e dos S^{tos} Loureiro, q ja me havia visitado em São Borja. Depois recebi as dos S^{rs} Major J^e Joaq^m d'Assumpção, Ten^e Nunes com^{te} de um destacam^{to} de 40 praças do 2^o Regim^{to} de Cavallaria, do Major J^e da Luz Cunha, do Ten^e Cor^{el} An^{to} Fernandes Lima, do Ten^e , do Alferes Fialho, do Snr. Ignacio dos S^{tos} Belmonte, Juiz de Paz, do abastado negociante Oriental Carlos Huergos, do S^r Cirurgião J^e Joaq^m d'Oliv^a Gomide, e de mais 3, ou 4 pessoas . Estando de cama o S^r J^e

Maria Fontella, Subdelegado da Freguezia, e pessoa m^{te} estimavel, e influente, fui visital-o, bem como ao S^r Fran^{co} J^o da Cruz, em cuja casa tomei chá na noite antecedente depois do baile. Tambem me visitaram os S^{rs} Porfirio Gl^z Cabral, e Rufino Ruiz dos S^{tos}.

A' noite escrevi p^a São Borja, e ao Ten^o Cor^o1 Joaq^m Reiz-Lima, fazendeiro de Itaquy.

“ — 16 — De manhã tornei a passear pela povoação acompanhado dos Majores Assumpção, e Luz, do Ten^o Nunes, e do Alferes Fialho. Vi a pequenina povoação Correntina, q ha na margem dir^{ta} do Uruguay em frente á de Itaquy; consta de uns 8, ou 10 ranchos de palha. Houve ali outra povoação maior, q em 1849 os Paraguayos occuparam, e incendiaram, como a do Formigueiro defronte de São Borja. Os Paraguayos queriam então apoderar-se do territorio contestado do Aguapehy á cima. Este rio desagua no Uruguay uma legoa abaixo de Itaquy. O Uruguay é estreito em frente á esta povoação.

A' noite assisti á um baile com q quizeram me obzequiar na casa do Major Assumpção. Fui recebido com m^{as} atenções. Mais, do q da pr^a vez, eu admirei o numero, a elegancia, e a civilização das Sn^{as} de Itaquy: pareceu-me estar á um baile de Porto Al^e. Dan-saram sempre 50 bons pares; e o baile durou até 3 horas da manhã, estando sempre m^{to} animado.

“ — 17 — Depois de fazer m^{as} despedidas, embarquei ao meio dia n'uma boa chalana, a fim de seguir viagem p^a Uruguayana.

Cheguei á Itaquy quasi certo de obter m^{to} pouco á favor de m^a eleição, p^r ser aqui mais preponderante o partido do Cor^o1 Loureiro, do Ten^o Cor^o1 Ferz—, e do Major Luz, q me eram hostis, p^r causa da questão Lago, e Ozorio; e sahi mais satisfeito ainda, do q de São Borja, e Cruz-Alta. Depois de algumas ligeiras explicações com o Ten^o Cor^o1 Ferz—, e de haver conversado com todos os outros; depois em fim de me haverem communicado, e comprehendido melhor, todos estes homens mostraram-se e confessaram-se dispostos á appoiarem a m^a Candidatura. Creio q me não faltarão.

De Itaquy á Uruguayana ja 14 legoas p^r terra, e 18 pelo Uruguay. O bom vento leste, com q sahi d'aquella povoação, cessou ás 2 horas da tarde; pelo q, podendo ser de 6, ou 7 horas a m^a viagem, só cheguei ao porto de Uruguayana depois da meia noite.

A' uma legoa abaixo de Itaquy começa o Uruguay a alargar m^{to}, desde a foz do rio Aguapehy, q corre pelo territorio de Corrientes. Defronte da foz d'este rio está a pequena ilha do m^{mo} nome, e logo abaixo esta a da Chapada. A' duas legoas da m^{ma} Freguezia está o arroio da Cruz, q corre pelo nosso territorio; ha defronte algumas pequenas ilhas. Um pouco acima está postada uma pequena guarda nossa com o fim de evitar o contrabando, e defronte o Povo

da Cruz pertencente á Corrientes: foi uma antiga Missão dos Jesuítas, q está inteirament^e destruída; hoje tem alguns ranchos, e poucos habitantes. A' 9 legoas desagua o caudaloso Ibicuhy, q divide os Municipios de São Borja, e Uruguayana; é um rio magestoso, q terá a largura do Jacuhy em toda a extensão, q pude avistar pela sua foz acima. Pouco abaixo está a ilha de Japejú á meio do Uruguay, e em frente a povoação Correntina do m^{mo} nome com 200, ou 300 habitantes. Segue-se depois a ilha denominada a Grande, q tem 3 legoas de comprim^{to}, e cuja extremidade inferior dista som^{te} uma legoa, pouco mais ou menos, da Villa Uruguayana. Ha n'esta ilha m^{tos} habitantes Brasileiros, e Correntinos: ela é considerada de facto como propriedade do Brazil; mas de Dir^{to} ainda não está dividida a sua nacionalid^e, bem como a de m^{tas} outras, q ha no meio do Uruguay, e q servem de couto dos criminosos, e dos soldados dezertores dos Estados ribeirinhos.

“ — 18 — Dezenbarquei ás 6 horas da manhã no magnifico porto de Uruguayana. Havia ja dous dias q eu era esperado; e á essa m^{ma} hora encontrei no porto o S^r Manoel Doria da Luz, q alli me aguardava p^a receber-me. Logo depois chegaram o obzequioso S^r Feliciano Ribeiro d'Alm^{da}, e outros, q me conduziram á proxima casa do S^r Doria, e d'alli á do Vigario, onde haviam preparado a m^a hospedagem. Durante todo este dia occupei-me som^{te} em receber visitas. Visitaram-me o Insp^{or} d'Alfd^a, o intelligente, e amavel S^r Caetano de Sz^a Pinto; o Escr^m da m^{ma} Repartição, o S^r Marcellino An^{to} da Silva; o Collector Marcos d'Azambuja Cidade, e seo Esc^m Fernando Vieira de Carv^o, o Cap. M^{el} J^e d'Alencastro, Com^{de} da Guarnição, e dous Alferes da m^{ma} corporação; a nova Camara M^{al} em corporação, composta dos Snr^s Cap^m Feliciano Ribeiro d'Alm^{da} como Prezid^e, e dos Snr^s Florentino J^e d'Abreo, Pedro Luiz de Sz^a, Joaq^m J^e da S^a Leal, Victor Per^a da S^a, Fernando Vieira de Carv^o, e Ignacio M^{el} da Fonseca; Vizitaram-me mais os Snr^s Ten^e Cor^{el} Carlos Augusto d'Oliv^a, ex-Delegado da Policia, e ex-Com^{de} da Guarnição, An^{to} J^e d'Azevedo Castro, Juiz de Paz, Dom Zeferino Baltar, e João Gross, abastados Negociantes, João Marcos d'Azambuja, An^{to} J^e Soares Braga, Vice-Consul de Portugal, Zeferino Nolasco, Reiz-Paes, Benicio Montezuma, Cap. Fidencio Cezar de Paim, Delegado de Policia, Narcizo An^{to} Peixoto, J^e Machado Leão, e o Cap. João Henriques de Lima.

Todas estas pessoas mostraram a maior satisfação de conhecer-me.

Logo q fui reconhecido no porto, e durante todo o dia atiraram-se foguetes do ar em diversos pontos da Villa, e principalm^{te} em casa do Vigario. Fiquei satisfeitiissimo com tão obzequioso recebim^{to}.

A' noite fui tomar chá em casa do S^r Caetano de Sz^a Pinto.

“ — 19 — Depois do almoço percorri toda a povoação.

A Villa Uruguayana é a mais bonita, e a mais bem situada de nossas povoações, depois da Cid^e de Porto Alegre. A' margem de um rio, q tem ahi milha e meia de largura; sobre uma vasta, e vistosa collina ligeiram^{te} inclinada p^a o rio; com um solo argiloso, e secco, recamado de pedreiros; com suas ruas largas, todas cortadas em angulos rectos, e formadas p^r 300 e tantas casas, tendo quasi todas extensos, e frondosos quintaes; com tres espaçosas praças; e regada no seu centro p^r dous delgados veios de excellente agua potavel, é a Villa Uruguayana, como fica dito, a mais bonita, e a mais bem situada das povoações d'esta Prov^a depois da Capital.

Seo excellente porto, e sua posição sobre as fronteiras do Estado Oriental, e de Corrientes promettem-lhe, ou antes lhe asseguram um brilhante futuro de prosperidade, e de grandeza pelo desenvolvim^{to} da navegação, e commercio.

Nota do dr. Jango Fischer:

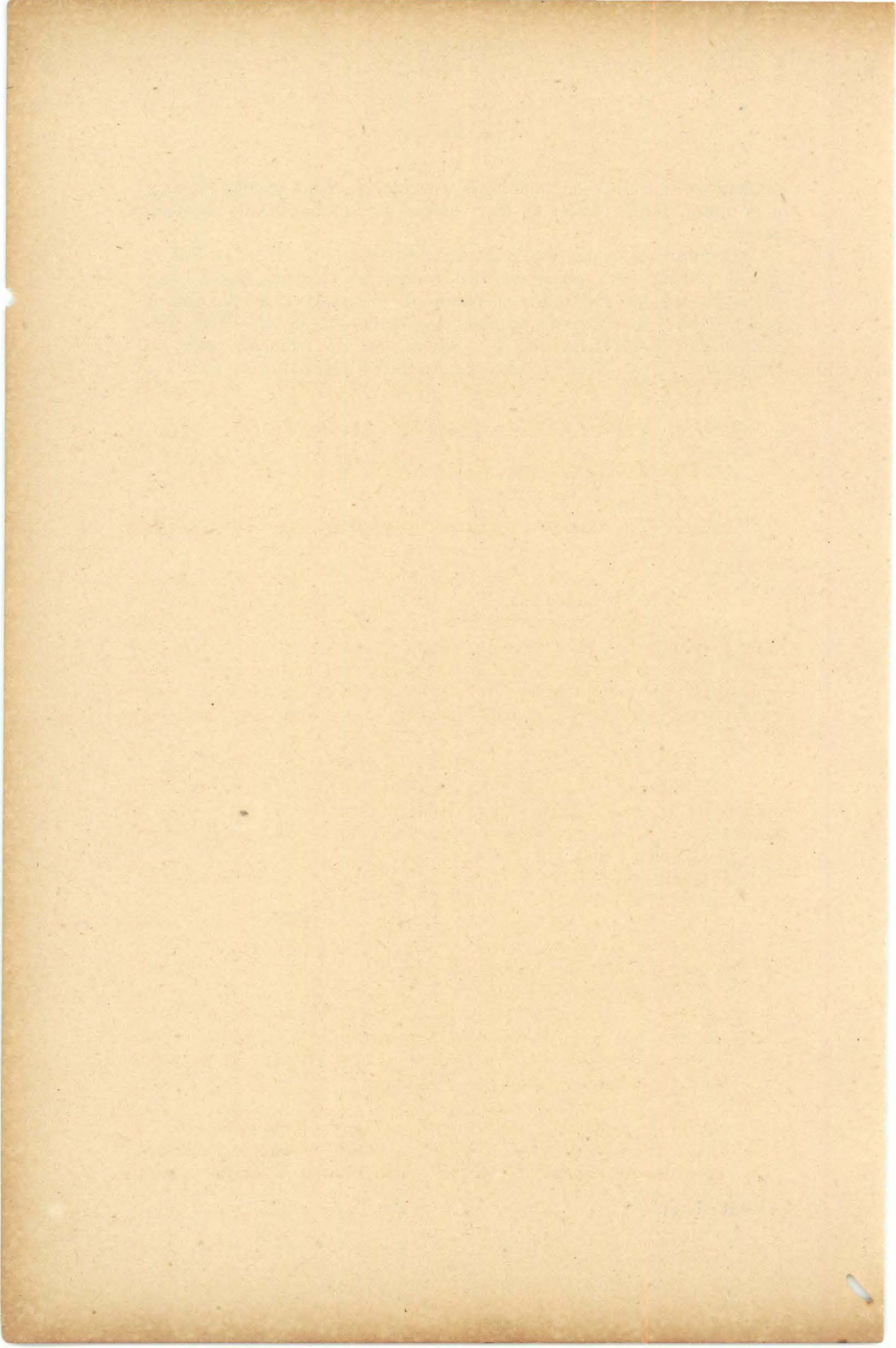
Termina assim o Diario da excursão eleitoral do Dr.^o Luiz Alves de Oliveira Bello. Talvez em outros papeis, guardados pelo seu descendente, se poderá descobrir o motivo que o impedio de continual-o. A descripção de Uruguayana não foi completada pela sua vizita á Igreja, a fundação da Villa, a falta de escolas publicas, as condições do Municipio, etc., etc., como sempre faz por onde passa. Alem disso não terminou ahi a sua viagem, pois que devia ainda ir ao Alegrete para onde levava cartas de recommendação, que lhe foram dadas, em Caxoeira, pelo Coronel José Gomes Portinho.

O que ahi fica, ora salvo do esquecimento e da destruição dos manuscriptos ainda guardados com maior ou menor pouco caso pelos seus detentores, é assaz interessante pelo estudo comparativo que nos permite fazer do que foram outr'óra povoações que se tornaram grandes cidades ou ficaram, com pouca differença, no estacionamento em que se encontravam em 1856.

A notavel descripção dos Povos das Missões, bem como as considerações que elle faz tanto sobre a sua destruição como sobre a sua fundação, constituem rico subsidio para a Historia do Rio Grande. Diga-se o mesmo pelas informações que elle nos dá sobre a cultura do café, do trigo e do linho. Hoje, bebemos o peor café do mundo, quando poderíamos ter excellente e barato para o nosso uso; o trigo recem resurge e o linho (cultivado apenas onde jamais o fora, jus-

tamente em São Borja) ainda não é tecido em ricas toalhas de rosto e de meza, como faziam as duas moças da família Pavão de Santa Maria.

Documentos como este existem innumerados de Norte a Sul do Brasil. Nesta nova phase de real occupação e preocupação pelos interesses do paiz em todos os planos do progresso, não poderia alguem lembrar ao Governo de pedir aos detentores do PAPEIS VELHOS DE FAMILIA que os confiem, por determinado prazo, ao Itamaraty, p. ex., afim de serem convenientemente estudados?...



Almanak da Villa de Porto Alegre, com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul

por Manoel Antonio de Magalhães

Illm. e Exm. Sr. — Se é permitido a um rustico, que habita n'este recanto do mundo, dar a V. Ex. os parabens e mostrar a sua alegria e satisfação por tornar a ver na America a V. Ex., e saber que o seu augusto principe e real familia se acham a salvo n'essa cidade, livres de perigos de que foram ameaçados no seu antigo reino, eu assim o faço; igualmente felicito os povos americanos por terem à frente do ministerio um principe da real casa de Bragança com V. Ex.

Permitta-me V. Ex. a confiança que tomo de offerter a V. Ex. o Almanak d'esta villa, e as reflexões que faço no presente papel sobre o estado d'esta capitania, sem mais interesse do que, os grandes desejos que me assistem de poder de algum modo ser util ao meu augusto soberano e ao paiz em que habito.

O chanceller Torres, o marechal Corado e o conselheiro Montenegro, bem me conhecem, dirão de mim.

Queira V. Ex. disfarçar a um rude e grosseiro trasmontano a confiança que toma, e as fracas, mas sinceras expressões com que se explica, que são igualmente nascidas do meu coração e do meu affeto. Deus felicite e guarde a V. Ex. por muitos anos do seu louvavel desejo. Beijo as mãos de V. Ex. com o mais profundo respeito, seu fiel servo e muito attento admirador. — Illm. e Exm. Sr. D. Fernando José de Portugal. — Porto Alegre, 20 de Julho de 1808. — Manoel Antonio de Magalhães.

Reflexões politicas e interessantes sobre o estado actual da capitania do Rio Grande de S. Pedro, seu clima, producções, commercio, agricultura, navegação, povos; magistratura e outras muitas

cousas interessantes ao nosso augusto principe e aos povos, por um vassalo fiel.

Permitta-me V. Ex. pôr na sua respeitavel presença algumas reflexões sobre o estado actual da capitania em que habito, e sobre os interesses de S. A. R. e dos povos da mesma e supposto não mereçam conceito por serem parto de um homem grosseiro e inteiramente alheias da minha profissão, contudo, talvez, não sejam ao todo de desprezar; e como me persuado que não será crime o dizer cada um o que sente e julga ser util ao seu soberano e aos seus concidadãos, nem d'este meu pequeno trabalho quero premio, me satisfaço com que algumas das minhas reflexões possam ser uteis ao meu augusto principe e aos povos.

A grande experiencia que em seis anos colhi na administração dos contratos do quinto e dizimo, e municio da tropa de toda a capitania, em que igualmente fui socio, logar de muita laboriação e dependencia, com um genio especulador e de bom patriota, amigo dos interesses do principe e da nação, me fez conhecer algumas cousas, que vou expôr a V. Ex.

Ninguém jámais podia duvidar que, existindo os tratados de paz de 1668, no provisional de 1681, no do congresso geral de Utrecht em 1715, no tratado de limites de 1777, jurados solenemente pelos monarchas portuguez e hespanhol, era inviolavel a prohibição sobre os contrabandos d'estas fronteiras, e que os fautores deviam ser castigados asperamente por quererem transgredir o sagrado dos mesmos, mas tambem jámais ninguém duvidará que depois que os francezes e hespanhoes, contra o sagrado dos mesmos e de outros particulares, entraram em Portugal, roubando e assolando tudo, tratando aquelle reino como conquista sua, obrigando ao nosso augusto principe e real familia a passar ás suas Americas, que logo ficaram todos rotos e abandonados aquelles tratados, e, por consequencia, S. A. R. desligado e livre para obrar conforme os seus proprios interesses e de seus vassallos; logo, parece que já não pôde existir contrabando algum n'esta fronteira, senão aquelles que possam prejudicar os interesses de S. A. R. e dos povos; a este, geralmente fallando, faz-lhe muita conta a entrada dos gados de fóra, porque esses botam de dezesseis até vinte arrobas, e os d'aqui de oito até dez, e o mesmo acontece com os machos e mulas, de fóрма que quem quer alguma parelha boa, a manda vir de fóra; é verdade que aqui já vai havendo algumas estancias com bellissimas crias.

Fallei em mullas, mas não para que estas entrem na classe do gado, porque d'estas não temos maior necessidade, pela abundancia que ha na capitania, e sim dos gados, porque para a compra d'elles não sò despendemos dinheiro, mas sim varios generos que temos de mais na nossa America, como fumo, assucar, arroz aguardente, algodões, tecidos e outros muitos generos de modo que, nem só po-

demos dar sahida ao que temos superfluo, mas recebemos os gados, de que se tira o couro, sebo, carne e chifres, e o interesse das cargas para as nossas embarcações, havendo algumas occasiões em que tambem trazemos alguma prata: é bem verdade que tambem ha occasiões em que os sobreditos gados se comporam igualmente a dinheiro, mas com esta differença, por exemplo: se a troco de fazenda uma rez custa mil e e duzentos réis, á dinheiro se vende por oito ou nove tostões; além d'isto estou persuadido que os povos ficarão satisfeitos que os sobreditos gados entrem na classe dos generos prohibidos, segundo o decreto passado na Bahia em... e que paguem os vinte e quatro por cento de entrada a S. A. R., que, com vinte do quinto que já pagavam, são quarenta e quatro por cento, e por este modo me parece se deve consentir na entrada dos sobreditos gados, logo que paguem o que fica mostrado.

E' bem verdade que pôde haver alguma fraude na entrada, por exemplo: em lugar de cincoenta entrarem cem e não pagar senão cincoenta, por serem os campos largos, e os homens que n'isto traficam, pela maior parte pouco escrupulosos; mas como o meu Exm. governador, com a experiencia de tantos anos os conhece bem, e sabe de quem ha de confiar, é muito provavel que se não possam aproveitar das suas astucias, e quando algum o faça, havendo exemplo, tudo se remedia.

Não ha duvida que esta capitania pôde pelo tempo adiante ter gados para toda a America, e ainda para exportar muitas carnes salgadas para fóra, mas é preciso que o governo, munido de ordens superiores, obrigue todos os fazendeiros a fazerem nas suas fazendas os precisos rodeios nos seus gados, e apezar de grandes despesas que se precisam fazer, os façam amansar e chegar todas as semanas aos curraes, porque ha muitas fazendas, todas alçadas, e a maior parte dos fazendeiros, ainda os mais ricos, apenas têm a quarta parte do gado manso, e ainda vem aos curraes e rodeios, que se costumam fazer; todo o mais é tão bravo como os touros de Portugal que vêm aos curros: o meu Exm. governador tem dado sobre isto alguns passos, mas como não tem ordens positivas para os poder obrigar, muito pouco tem adiantado.

Os estancieros ricos muito bem podiam fazer amansar todos os seus gados mas como para isso é preciso grandes despesas e trabalho, todos fogem de o fazer, e os pobres na verdade não podem por si só fazê-lo pelas grandes despesas que se faz em piões e cavallos, e ser preciso annos continuados para se concluir, mas logo que o ministerio sobre isto lance suas vistas, tudo se poderá arrumar.

Seja-me licito, já que tenho fallado sobre os interesses do principe e dos povos n'esta capitania, tocar tambem sobre a rigorosa prohibição que deve haver para não passarem aos dominios hespanhóes, varios generos que prejudicam a nação em geral, sem fal-

larmos n'aquelle que todo o mundo sabe, como são o dos artigos de guerra: pólvora, bala, armas, chumbo, ferro, cobre, aço, estanho, salitre e toda a qualidade de massames nauticos; jámais se deverá consentir á exportação ao dominio de toda a America portugueza escravo algum, pois não só é enfraquecer as nossas colonias, por engrossar quatro homens que n'ellas commerciam, mas dar forças ao inimigo, ao mesmo tempo que todas as nossas capitánias se acham na maior necessidade d'elles, como é constante, e o alto galarim a que elles tem chegado com a exportação que ha mais de vinte annos se faz para Montevidéo, faz com que no decurso d'este tempo por uma boa conta, passem de sessenta mil, que para alli se têm transportado, e não só faz que a pobreza jámais possa comprar um escravo, mas porque todos estes têm passado por contrabando, sem pagarem os competentes direitos a S. A. R.; só n'isto tem tido uns poucos de milhões de prejuizo, fóra o atrazo da agricultura na capitania onde elles ficassem; e quando por algum motivo ou razão particular, se consentisse n'aquelle exportação, parece que deveriam pagar os direitos dobrados.

Todo o mundo sabe, que ha vinte e cinco annos a esta parte, antes que para Montevidéo laborassem semelhantes negociações, se vendiam os escravos na America por metade do que hoje correm, e comprando-se quatro a dinheiro, o mesmo vendedor confiava outros quatro por tempo de um anno ao agricultor, o que era de uma grande vantagem, mas depois que a ambição dos homens fez laborar aquellas negociações clandestinas para os dominios hespanhóes, jámais o pobre agricultor pôde conseguir um escravo fiado, além de terem subido cento por cento do antigo preço.

Além do ponderado, é bem sabido a grande falta que na côsta de lêste vai havendo de escravos e, a longitude d'onde vêm, assim, como também é publico que em todas as colonias e mais paizes adjacentes do Brazil, se não pôde passar sem escravos, e não obstante a voz geral que corre, e seja muito provavel se realize, de sermos em breves tempo senhores de Montevidéo, contudo eu fallo no caso presente e não no futuro.

Seja-me igualmente licito dizer o que sinto sobre a exportação que presentemente se está fazendo de Montevidéo para todas as nossas colonias da America, e principalmente para a côrte do Rio de Janeiro; fallo tão sómente no artigo de carne salgada, que tudo o mais se pôde consentir. Todos sabem que uma arroba de carne salgada n'esta capitania custa mais barata 440, a 480, nem os charqueadores podem dar por menos paga de fretes e direitos 280, por consequencia para se não perder deve dar n'essa cidade 720, mas chegando todos os dias barcos de Montevidéo, que pela necessidade que tem de botar aquele genero para fóra o vendem n'essa a 400, e 480, poem em precipicio todo o commercio d'esta capitania,

que bem se sabe ser a maior força d'elle a carne, por isso parece que a exportação d'este genero de um paiz estrangeiro deve ser prohibida, a querer salvar esta capitania do abysmo em que se vai precipitar, continuando a entrar n'essa a sobredita carne; parece que S. A. R. cheio de piedade para com seus vassallos, e melhor informado do que tenho ponderado, não convirá em que por vinte ou trinta mil cruzados, que se pôdem lucrar nos direitos das carnes de Montevidéo se perca e atraze um commercio de tanta ponderação como é o d'esta capitania, a ponto de ser mais facil acrescentar os direitos á sobredita carne d'aqui do que consentir a exportação da estrangeira.

Póde bem soffrer-se a exportação do trigo, sebo e couros e todos os mais effeitos que d'alli costumam vir á excepção do sobredito, porque a continuar seguro a V. Ex. com toda a verdade, que ou pára de todo aqui a exportação d'elle, ou se perde a maior parte, dos negociantes d'esta, que n'ella negociarem.

Todas as pessoas de bom senso sabem, que esta capitania é, principiada á muitos poucos anos, não tem casa, não só de commercio, mas ainda de fazendeiros que tenha de fundo proprio cem mil cruzados, e por consequencia precisa muito que S. A. R. lance sobre ella suas grandes vistas, de modo que ao diante lhe seja de grande utilidade.

O tributo que S. A. R. foi servido mandar que pagasse cada uma das rezes abatidas, seguro a V. Ex, que parece honerosissimo aos povos, ao mesmo tempo que pelo tempo adiante se poderia conseguir, quando não n'aquelle genero, em outras muitas cousas; mas olhando para os fundos da capitania e para o estado presente d'ella a junta de fazenda sabiamente deu contadas razões que se lhe offereceram para suspender n'aquelle tributo, esperando todos que o mesmo senhor, haja de assentir ás justas razões, que a mesma junta lhe ponderou.

Todos os açougues publicos da capitania podem matar cousa de trinta mil rezes por anno; n'este sem vexame se póde bem botar 320 rs. por cada rez; mas em geral nos de toda a capitania é segundo o meu intender impossivel, porque passa annualmente de duzentos mil cruzados com que os povos certamente não pôdem em um paiz pobre; e que apenas vai principiando a florescer.

E' bem certo que o sobredito imposto nos açougues da capitania com vinte e quatro por cem que pagaram por entrada os gados de fóra, quando S. A. R. o haja assim por bem, já fará um fundo que assaz poderá ajudar as grandes despezas que esta capitania tem, visto que annualmente poderão entrar dos sobreditos gados de sessenta a oitenta mil rezes.

Emquanto esta capitania não tem rendas sufficientes para sustentar uma mitra, é de toda a necessidade uma camara ecclesiastica

com um vigario capitular ou geral, para organizar e pôr em bôa ordem muita cousa tendente á bôa disciplina da igreja, que por esta falta se acha cheia de abusos e em bastante relaxação, como vou mostrar. As quatro principaes freguezias d'esta capitania todos os seus vigarios são igualmente vigarios da vara, não só das suas freguezias mas igualmente das outras mais pequenas que ficam nos seus competentes distritos. A freguezia do Rio Grande de S. Pedro é a maior da capitania, hoje excede a dois mil fogos e nove mil almas; rende de dez para onze mil cruzados. Esta da villa de Porto Alegre sóbe de mil e duzentos fogos, e seis mil almas, e rende annualmente de seis a sete mil cruzados. A do povo do Rio Pardo não tenho a certeza dos povos nem das almas que tem; e só que o seu rendimento anda de cinco a seis mil cruzados. A do Bom Jesus do Triumpho tambem ignoro os povos que tem a sua renda annual anda de um conto a tres mil cruzados. Estes quatro vigarios, attentas as circumstancias da chegada de S. A. R. e real familia á America, é muito natural se lembrarem de lhe offerecer como um dom gratuito o rendimento de dois ou tres annos, lembrando-se de que tudo o que possuem o devem ao mesmo Sr.; mas estou certo que nenhum d'elles o faria.

A freguezia do Rio Grande e d'este Porto Alegre por commodidade dos povos parece deveria ser dividida em duas, tendo já esta villa para uma segunda matriz uma boa capella que se está fazendo em paragem propria, e prompta que seja serve muito bem. Um coronel na sua praça passa com a decencia precisa com menos de oitocentos mil réis; e um vigario d'estes com semelhante renda cuida em levar vida regalada, enriquecer os seus parentes, entesourar o que póde, e muitas vezes esquecendo-se das suas obrigações, sem se lembrar da pobreza da sua freguezia, e de ser grato ao seu augusto soberano de quem mana tudo o que possue.

Cada um vigario d'estes nas suas freguezias dispensam mais que os bispos nas suas dioceses; um sapateiro n'esta villa estando concubinado, havia annos, com uma mulher em artigo de morte chamou o seu parochio para confessar-se e casar com a mesma o 1.º concedeu-se, o 2.º não se consentiu sem que o doente dêsse 51\$200, que com effeito deu e casou; a mim me contou o mesmo sapateiro: cada pessoa, de communhão seja branca, ou preta paga 160 rs. de desobriga; quem quer casar sem banhos para ao depois se correrem, pagam um tanto e ao mesmo acontece em todas as dispensas de primos, cunhados, etc. Nos domingos e dias santos á excepção de molestia, não é admitida a confissão pessoa alguma por desobriga; n'estes mesmos dias, quando são dez horas está a missa conventual dita. Em uma freguezia, que tem freguezes d'aqui a uma legua, vindo com suas familias muitas vezes acham já ditas; não fallo em enterros, festas e baptisados, irmandades e

outros dinheiros de offertas que cahem nas mãos dos respectivos vigarios, sem haver quem d'elles lhes peça conta, nem elles as dêm.

Estes e outros muitos são os abusos de que fallo para a vinda de um vigario geral, ou capitular. Todas as mais freguezias da capitania são menos rendosas, não passando a maior de 500, a 600\$000.

D'esta capitania pôdem ir annualmente por S. Paulo todos os cavallos e bestas precisas, não só para o serviço do paço, mas para remonte de todas as tropas de cavallaria d'essa côrte, Minas e S. Paulo em que assaz se faz uma grande despeza.

Como na situação presente se deve lançar mão de todos os meios habeis para ajudar as grandes despezas que a fazenda real tanto precisa fazer, lembro que ha muitos annos o contrato das cartas n'esta capitania anda muito mal administrado, umas vezes não ha cartas de qualidade alguma no mesmo contracto, outras vezes não tem sortimento preciso, deixando vender-se publicamente as chamadas falsas feitas na America e vindas de Hespanha; ao mesmo tempo que estando os estanques sortidos das principaes povoações da capitania, podia bem render este pequeno contracto a S. A. R. de vinte e cinco a trinta mil cruzados e em todas as freguezias sei que ha pessoas muito capazes que se offerecem a vendê-las gratuitamente, só pelo interesse do privilegio.

Uma das cousas em que o ministerio deve lançar suas vistas, é em providenciar o preciso sal, não só para o consumo de toda a America e minas mas d'esta capitania, que gasta anualmente acima de duzentos mil alqueires, e segundo vejo já se vai experimentando alguma falta de que se seguirão gravissimos prejuizos não só ao commercio e navegação da mesma mas tambem aos interesses de S. A. R. no contracto do quinto, nos direitos de todas as alfandegas, no contracto das passagens das minas e em outras muitas cousas. Em Cabo-Frio, concertadas as salinas, pôde haver muito sal, na costa de léste pôdem carregar muitas embarcações. Na Parahyba, em Pernambuco, no Assú e de outras muitas partes da America pôde vir muito sal, dando-se logo as providencias precisas. O abuso que ha n'esta capitania de terem alguns moradores tomado tres, quatro sesmarias com dez, doze e mais léguas de terras, é prejudicialissimo não só a S. A. R. mas aos povos em geral; ao mesmo tempo que ha familias que não possuem um palmo, e tudo isto com falsos enganos feitos a S. A. R., e aos seus delegados. Um homem que tinha a proteção tirava uma sesmaria em seu nome, outra em nome do filho mais velho, outras em nome da filha e filho que ainda estavam no berço, e d'este modo ha casa de quatro e mais sesmarias: este pernicioso abuso parece se deveria evitar. Seguro com toda a verdade que com o presente governador não acon-

tecem semelhantes factos por estar muito bem informado n'esta qualidade de trapassas.

A tropa miliciania d'esta capitania é seguramente a melhor do mundo para o paiz em que estamos, muito valente e desembaraçada; S. A. R. d'ella póde confiar tudo; a maior parte dos soldados são pobres e casados, e no seio das suas familias tratam das suas agriculturas, ou d'aquelle modo de vida que cada um tem; se ha guerra elles promptamente e com gosto marcham ás fronteiras, ou aonde os superiores lhes determinam; mas não havendo guerra, elles se affligem que os incommodem por mil modos, havendo muita tropa de linha que em tempo de paz façam o serviço preciso da capitania. S. A. R. que é cheio de bondade e de grande humanidade para com os seus povos bem poderá attendêl-os, de modo que na paz sejam isentos do serviço: salvo nas revistas do costume: isto será de muita vantagem e gloria para o mesmo senhor.

A organização do tres regimentos de cavallaria miliciania com seus competentes officiaes é da maior necessidade, pela lassidão e desordem em que se acham os mesmos corpos.

Attendendo a grande extensão da capitania e da pouca tropa de linha que tem, parece de toda a necessidade se complete o batalhão de infantaria e artilheria em regimento, e a legião do mesmo modo, e, supposto que parece impossivel a não vir em algumas recrutas de fóra, comtudo pelo tempo adiante, tudo se poderá conseguir, sem bolir nos milicianos; porque se S. A. R. os têm promptos a servir sem paga, parece desnecessario constrangêl-os; parece acertado que todos os soldados filhos de agricultor se devem licenciar no tempo das plantações e colheitas, não só para ajudar seus pais e parentes, mas para ganharem com que se possam melhor tratar, e o serviço de tresentos ou quatrocentos homens licenciados n'aquelle tempo, por força deve adiantar muito a agricultura da capitania, ficando a cuidado dos chefes o mandar averiguar exatamente os que são vadios e preguiçosos.

Direi agora o que sinto, sobre a beleza d'esta capitania, suas produções presentes, e as que pelo tempo adiante póde vir a produzir. O clima é o melhor do mundo, ares muito puros e sadios, de modo que, morrendo immensos animaes continuadamente pelos campos e estradas, ficando estes sempre ao tempo, até o mesmo tempo e as aves os consumirem, sem se sepultarem, jámais têm havido epidemias algumas das que pelo mesmo caso costumam haver em outras partes. O terreno é muito fertil; não só produz quasi todas as frutas da Europa, supposto que mais inferiores em qualidade, mas toda a casta de grãos, a bellissima hortaliça, sem escapar a couve-flôr, bròcos, murciana, repolhos, chicalora, almeirão, alface, etc. Produz tudo quanto dão as mais capitancias, sem escapar o bellissimo e precioso ouro, que a falta de ordem, não se tem posto publico;

eu mesmo no anno de 1801, remmetti ao chanceller que então era Luiz Beltrão, uma palheta que me haviam dado de algumas que foram achadas nas margens do rio Vacacay; há pouco me foi mostrado uma amostra em pó de excellente qualidade, pedindo-se-me o quizesse eu participar a alguma pessoa d'essa côrte para o pôr na presença de S. A. R.

Tem esta capitania de mais a mais o que não têm as outras, a vantagem do muito trigo, couros e carnes que produz.

Ha muitos leites de vaccas, cabras e ovelhas, e d'estas ultimas se não faz caso, mas, ou seja dos pastos ou de o não saberem fazer os queijos e manteiga, jámais chegam a fazer-se como os da Irlanda, ao mesmo tempo que tenho visto alguns como os nossos do Alemtejo; mas como os braços são poucos e muito a que se appliquem, cada uma usa do que se faz com mais facilidade e julga dar-lhe mais conveniencia. Ha varias pessoas na capitania que têm algum rebanho de ovelhas e carneiros; mas como se não faz caso da lã, chegando a dal-a em algumas partes de graça, e de meias a quem lhe tosqueie, andam a maior parte dos rebanhos amontados e seu pastor dormindo no campo, aonde as feras e os mesmos cachorros brancos os desbastam.

Tenho noticia que alguns rebanhos ha que vêm ao curral, e os seus pastores são cachorros capados, acostumados de pequenos com as suas ovelhas, sem conhecerem outras mais: com effeito estes pastores as trazem e levam ao campo, defendem, das feras, e d'elles me têm contado cousas admiraveis. Este grande ramo de commercio, pôde vir a ser muito grande se S. A. R. ordenar se recolham os rebanhos, se lhes córte a lã em tempo proprio e os façam guardar com pastores como na Europa. O algodão produz em tal abundancia, que se podiam exportar milhares de arrobas, obrigando aos fazendeiros a plantal-o e cultivar-o á maneira das mais capitancias. Produzem muito bem os linhos canhamo e gallego, escolhendo terrenos proprios para aquella cultivação.

Algumas pessoas criam porções de porcos, e eu mesmo comprei um, que só os toucinhos pezaram oito arrobas e sete libras, e podendo d'isto tirar-se grandes vantagens pelos muitos milhos e aboboras, e outros muitos legumes que produz o paiz para se poderem engordar, ainda muito pouca gente tem olhado para isto.

A canna de assucar é de dez e mais palmos de altura, mas como não tem engenhos proprios, o assucar não é do melhor, mas as aguardentes não fazem differença das de Paraty. O arroz é muito bom e de excellente gosto, produz muito bem, mas, não se cuida d'elle e antes se compra o de fóra. Tem varias madeiras de construcção, mas não são tão boas como as do norte do Brazil.

Sei que ha seis ou sete pés de oliveira na capitania e que se dão muito bem se as plantassem. Em um pé vi eu mesmo azeito-

nas maduras sem differença das nossas de Portugal; mas como leva annos, a formar-se, e ha muita preguiça e falta de industria, não se cuida d'este grande ramo de commercio que ao diante seria de muitas vantagens. Ha quatro ou cinco cantanheiros de que já comi castanhas sem differença de Portugal. Ha muita parreira, e se pôde fazer grandes vinhas, por que produzem muito; mas o vinho, ou seja da vasilha em que se faz por não haver lugar proprio, ou por outro qualquer motivo, ainda o não vi capaz, mas d'elle se faz vinagre soffrivel, e aguardente sem differença da da Europa. O anil dá pelo campo sem se plantar e, ninguém cuida d'este interessante ramo de commercio. Produz muita farinha de mandioca, aipim, batata de toda a qualidade, até das do norte. Dá café perfeito, mas a geada sendo grande damnifica bastante os seus arbustos. Houve na capitania já algumas amoreiras, e me consta produzem muito bem e o mesmo o bicho da seda; mas por desmazelo se deixaram de todo d'este ramo de commercio. Vi alguns pés de cacaos novos muitos viçosos, e me dizem produzirão muito bem se a geada no tempo lhe não fizer damno. Não sei se algumas plantas da Azia produzirão aqui, porque não tenho noticias que haja algumas, mas é muito provavel produzam aqui as mesmas que dão na Europa, visto ser o clima quasi igual.

Ha muitos mineraes de diversas qualidades, e varias tintas, como, gesso, almagre, ocre e outras diversas cores, sal de glauber, cal e carvão de pedra, e certificam que o cirurgião Vicente morador no povo do Rio Pardo, não tem duvida fazer todo o salitre que se precisar, de que já mandou amostras ao meu Exmo. governador.

Ha pedra ferrea para fazer ferro. Ha muito couro de toda a qualidade para botas e sapatos, de que ha algumas pequenas fabricas de os cortir e surrar tambem, como na Europa, e igualmente a sola. Tem duas fabricas de salgar carne, que annualmente botam tres mil barris de oito a nove arrobas cada um; devendo-se este tão grande e interessante estabelecimento a João Rodrigues Pereira d'Almeida & Companhia, que apezar de grandes ordenados e despesas mandou vir á sua custa mestres da Irlanda.

Os homens do campo vivem muito, principalmente dos antigos casaes que vieram das ilhas. Ha muita gente de oitenta a noventa e mais annos; e nos suburbios d'esta villa ha um velho chamado Antonio Muniz, que me disse ter nascido no reinado do Senhor D. João V., no anno de 1697 ainda vive esse homem e sua mulher, tendo tido uma numerosissima geração: se S. A. R. mandasse vir das ilhas alguns centos de casaes d'aquella gente agricultora, mandando aqui dar-lhes terras e as competentes ferramentas no primeiro anno para as cultivar seria de uma grande vantagem, não só para o adiantamento da capitania como da real fazenda; porque a experiencia tem mostrado que esta gente sendo muito habil e in-

telligente na agricultura, em poucos annos teria S. A. R. muitos milhares de vassallos, interessantes e uteis ao Estado, porque uns se applicavam a plantação dos linhos canhamo e gallego, em que são peritos, outros a plantação das amoreiras e cultivação dos bichos de seda, outros á plantação de trigos e toda a qualidade de grão, outros a criação de porcos, tão facil n'esta capitania, outros á criação de rebanhos de carneiros, e tosqueação das lãs, de que aqui se não faz caso, outros ás plantações dos algodões e fiações dos mesmos, e á cultivação do anil, outros a plantar vinhas e oliveas, outros na plantação do arroz, assucar e aguardentes, mandiocas e toda a qualidade de batatas; finalmente cada um n'aquilo que visse lhe era de maior proveito: estes homens animados pelo governo assim como todos os mais promettendo-lhes até premios em dinheiro áquelles que mais se distinguissem nos generos de suas plantações; então se veria a vantagem que esta capitania leva a todas as mais do Brazil.

O presente governador é um homem muito habil e creador, amigo dos interesses de seu principe e dos povos; elle tem trabalhado quanto lhe é possível pelo adiantamento da capitania, ao ponto de a tirar do lethargo em que jazia o que jamais em tempo nenhum se lhe poderá negar; mas uma machina tão grande é preciso muito tempo para se pôr no seu verdadeiro movimento.

Attentas as precisões do Estado, bem me lembrava eu de alguns meios de fazer entrar no real erario annualmente alguns centos de mil cruzados, e talvez milhões, em todo o Brazil sem grande vexame dos povos, e sem me esquecer da decima, e outras cousas menos onerosas (supposto tenho propriedade de casas); mas como não sou official nem ministro de fazenda, não me devo lembrar de cousas em que me possa malquistar com os povos em geral.

Direi o que me lembro, e o que tenho visto e a experiencia me tem mostrado em nove annos que assisto nesta capitania respeito a magistratura e justiças da mesma onde a todos os instantes se estão vendo as maiores violencias e injustiças.

Todo o mundo sabe que em Portugal uma villa de trezentos vizinhos e ás vezes de menos, tem um juiz de fóra a quem muitas vezes o juizado, ou o lugar, não rende 100\$; aqui onde ha dois tabelliães, um escrivão do crime, um dito da camara, um dito das execuções, um do contencioso, um de orphãos, um dos defuntos e ausentes, um das medições, um da corôa; em uma capitania que tem mais de cincoenta mil almas com oito mil e tantos fogos, possa governar toda esta gente um ignorante de um juiz ordinario, pela maior parte homens miseraveis eleitos em empenhos e subornos como geralmente está acontecendo? O ministerio, atrevo-me dizer sem reboço que tem sido enganado n'este ponto. Que homem o mais douto, o mais habil, e desembaraçado poderia despachar com jus-

tiça cincoenta mil almas, de que se compõem esta capitania, com dez cartorios que ha n'esta villa, tendo de mais a mais de obrigação em cada semana fazer duas, ou tres audiencias, ir duas vezes na semana á junta da fazenda assistir ás praças publicas, ir fazer corpos de delicto, que trivialmente estão acontecendo d'aqui a dez, vinte, trinta e mais leguas; que tempo fica a este magistrado para despachar autos e fallar ás partes, para os seus divertimentos particulares, e correspondencias que todos tem? Isto Exmo. Sr. nem um Salomão; já não fallo dos juizes ordinarios, fallo do juiz de fóra.

Vamos agora ao grande incommodo dos povos. Esta capitania tem mais de duzentas leguas; os povos de Missões e de toda aquella fronteira são sujeitos ao juiz ordinario de Porto Alegre; querem fazer uma procuração, uma escriptura, pôr uma demanda, consultar um letrado, ou outra cousa semelhante; hão de vir andar cento e cincoenta leguas. A viuva quer fazer um inventario, quer fazer partilhas, quer dar contas do seu testamento, quer requerer do magistrado o que lhe fizer bem: ha de vir andar oitenta e cem leguas e muitas vezes pelos enganos dos muitos rabulas que aqui ha, procuradores, e escrivães, depois de ter gasto muitas vezes o que não tem, vai-se embora do mesmo modo que veiu, facto este que eu sei e presenciei. Esta capitania, Exmo. Sr., é uma cousa muito grande como ao longe se não póde pensar; a factura das villas é da maior necessidade; feitas ellas, pelo menos se devem nomear para esta capitania tres juizes de fóra o primeiro para esta villa de Porto Alegre, visto não ter vindo o que se acha nomeado ha quatro annos, e é pouco ser juiz de fóra de perto de tres mil fogos e quinze para dezoito mil almas? E' certo que não, e que assim mesmo lhe ha de custar a vencer a sua obrigação; o segundo para a villa do Rio Grande de S. Pedro, e mais povos d'aquella comarca, que contém perto de vinte mil almas e acima de sessenta leguas de extensão contadas desde a freguezia de Mostardas até á fronteira de Jaguarão. O terceiro deve ser da comarca do Rio Pardo, tendo de extensão mais de cem leguas com immensos povos debaixo da sua jurisdição.

Cada uma d'estas comarcas, não rende aos sobreditos juizes de fóra menos de tres ou quatro mil cruzados se elles quizerem fazer a sua obrigação. Emquanto S. A. R. não fôr servido mandar dar as sobreditas providencias, jámais terão socego os povos de toda a capitania. Os dois juizes ordinarios que serviram o anno passado um d'elles de pessimos costumes, ignorantissimo, louco e fatuado, cheio de dividas, eleito por empenhos; o outro homem cordato e dos bons da terra; o primeiro ficou n'esta villa governando e o fez á maneira dos pachás da Turquia, chegando a ter grossos grilhões na suas escadas para atemorisar os povos, e os fez

botar em algumas pessoas prendendo e descompondo os povos, e os que vinham á sua casa com a barba mais crescida lh'as mandava fazer pelo barbeiro, tirar os capotes dos que entravam na sua casa de capote, fazendo pagar dividas com violencias, e outras muitas cousas de que eu mesmo sou testemunha ocular: enfadados os povos de semelhantes procedimentos, se queixaram por petição ao meu Exm. governador ao que respondeu o fizessem ao Exm. vice-rei do Rio de Janeiro, a quem competia, por se não querer embaraçar com jurisdições alheias, e d'este modo, o soffreram até o fim do anno, em que representaram á camara d'esta villa para se lhe não dar a vara de almotacé, ao que a camara assentiu por ter visto e presenciado todos os factos. Este mesmo homem, considerando-se criminoso pelo que tinha feito, tirou logo carta de seguro, e principiando-se em Janeiro a chamada devassa da janeirinha, jurando immensas pessoas n'ella de vista e facto proprio contra o mesmo juiz; são passados oito mezes sem ter sido pronunciado, e por consequencia, e de proposito nulla a mesma devassa, para que, pondo-se-lhe pedra em cima nunca mais se fallasse n'aquillo, ficando por consequencia impune um crime de tanta ponderancia. Mas, Exm. Sr., que ha de ser, quem tal ha de dizer, o juiz d'este anno de uma capital como esta é um miseravel irmão do meirinho do ouvidor da comarca, irmão de um ventanario d'esta mesma villa, que serve com seu irmão o juiz ordinario; e que respeito pòdem ter os povos d'esta capitania a um homem semelhante, sendo culpado de tudo isto o ouvidor que acabou, porque, sendo o que alimpava as pautas, quiz fazer juiz o irmão do seu meirinho.

E' verdade que nos ministros regios tambem ha torturas, logo que nelles não ha toda a providente limpeza de mãos.

O ouvidor que acabou o anno passado recebeu quando chegou perto de duzentos autos para despachar, e apenas despachou onze ou doze em todo o tempo que serviu sem lhe importar os interesses de S. A. R. nem dos povos; cuidou em casar-se e estabelecer na casa mais rica da capitania, e ha pouco sahiu para essa còrte a pedir o lugar de juiz de fóra d'esta, como uma cousa de bagatella sendo de maior importancia, e mais rendoso de toda a America emquanto se não nomearem os outros dois como tenho dito, sendo muito provavel que o alcance com aquellas vantagens que tem o lugar de criação, enganando S. A. R. e seus ministros, que não pòdem saber de uma semelhante conducta: vem um ministro d'estes para uma terra onde sua mulher se vê rodeada de immensos parentes pobres, e na sua casa mil dependencias que arrumar, e tratando d'estes e dos particulares interesses pisam-se as leis vexam-se os povos e tudo se poem em desordem. O ouvidor existente, fazendo-lhe justiça, tem mostrado limpeza de mãos; mas, seja Deus louvado para sempre, nem escrever sabe, é um louco e fatuado; descom-

poem com mil gritos e palavras insultantes aos povos, de modo que se acham no maior vexame e todos fogem de o ver e tratar.

Um juiz positivamente do tombo, ou de medições de toda a capitania é da maior necessidade, do contrario, vai toda ella a cahir em um cahos, porque são tantas as demandas por causa das medições de terras, que em seculos se não porão em socego; pois os juizes de fóra, cada um dos seus districtos, têm tanto de que cuidem que, se tambem forem juizes das medições é impossivel poderem cumprir a tempo as suas obrigações.

Alguns pequenos serviços, tenho feito n'esta capitania a S. A. R. sem que por isso em tempo algum queira premio, ficando-me sómente a satisfação de poder de algum modo ser util ao meu augusto soberano e aos povos onde habito; sem contar outros atrasados: em 1801, estando a tropa a marchar para as fronteiras com falta quasi de tudo dei gratuitamente peças de pannos azues para fardas, e outras de panno de linho para camisas, alguns chapéos e meias: em 1803, querendo o meu governador em consequencia da carta regia, estabelecer a alfandega n'esta capitania, e querendo alguns genios orgulhosos requerer contra esse tão util e preciso estabelecimento, eu não só lhe fiz ver a necessidade que havia d'elle, pelas poucas rendas da capitania, mas offereci o meu escaler gratuitamente para o serviço da mesma alfandega, que me foi aceito. Em 1804 chamando o meu governador á sua presença, os moradores d'esta villa, e fazendo-lhes ler a carta régia em que S. A. R. pedia a seus bons vassallos concorressem com um dom gratuito para as precisões do Estado, eu por animar os mais povos offereci um conto de reis com que entrei, como V. Ex. verá das listas d'esta capitania que devem existir no real erario, e escrevendo a todos os meus amigos da capitania, fiz entrar pela minha mão no real cofre para cima de doze mil cruzados; lançando em praça da junta de fazenda o contracto da passagem das mulas para S. Paulo, o fiz subir de vinte contos em que andava a trinta e um, em que hoje se acha arrematado; lancei outros muitos ramos de fazenda que fiz subir ao preço em que hoje se acham e tirei do em que estavam pelos verdadeiros conhecimentos que tinha dos seus legitimos valores, tudo por adiantar as rendas reaes da capitania, que se achava na ultima decadencia.

Certifico a V. Ex. que em tudo e por tudo quanto digo n'este papel fallo a verdade pura, que já mais interesse ou motivo algum particular me faria omittil-a, e menos na presença de uma pessoa de tão alta jerarchia, a quem por tantos titulos respeito e venero, como a V. Ex.

Queira V. Ex. desculpar a grosseria com que fallo, que é propria da provincia em que nasci, e do recanto do mundo em que habito.

Porto Alegre, 20 de Julho de 1808.

RELAÇÃO DOS COMMERCIAENTES DA CAPITANIA DE TODO O RIO
GRANDE DE S. PEDRO DO SUL. A SABER, VILLA DE PORTO
ALEGRE CAPITAL DE TODA A CAPITANIA.

PORTO ALEGRE

Antonio José Martins Bastos.
Antonio José de Almeida Bastos.
Antonio José de Oliveira Guimarães.
Antonio Monteiro de Barros.
Antonio Peixoto do Prado.
Antonio Rodrigues Guimarães e Filhos.
André Alvares Pereira Vianna.
Bernardo José Rodrigues.
Bernadino José de Senna.
Custodio de Almeida Castro.
Custodio José Teixeira de Magalhães.
Custodio Gonçalves Lopes.
Domingos de Almeida Lemos Peixoto.
Domingos Martins dos Reis.
Dionysio Macartt Irlandez.
Domingos José de Araujo Basto.
Francisco Lopes Nunes.
Francisco de Sá e Brito.
Francisco Leonardo Cardoso & Comp.
Ignacio Antonio dos Santos.
João Antonio Calvet.
João Coelho Neves.
João Ignacio Teixeira.
João José de Carvalho e Freitas.
João José de Carvalho Guimarães.
João Thomaz de Menezes.
Joaquim Francisco Alvares.
Joaquim José Ferreira.
José Antonio de Azevedo.
José Antonio da Silveira Casado.
José Antonio da Silva Neves.

José Carlos de Oliveira.
José da Costa Santos.
José Estacio Brandão.
José Francisco dos Santos S. Paio.
José Manoel Corrêa.
José Antonio de Carvalho.
José Appolinario Pereira de Moraes.
José Vieira Barão.
José Pinto de Carvalho e Queiroz.
José Ribeiro dos Santos.
Joaquim Lopes de Barros.
José de Bittancourt Cidade.
Joaquim Xavier Caldeira.
José Manoel Affonso.
João Soares Lisbôa.
José Joaquim da Silva Maia.
Lourenço Antonio Pinto de Miranda.
Luiz Manoel Gonçalves Lages.
Manoel Antonio de Magalhães.
Manoel José Pinheiro.
Manoel José Ribeiro de Faria.
Manoel da Silva Lima.
Manoel José Texeira.
Manoel Gonçalves & Comp.
Manoel Vieira Rodrigues.
Miguel Fortuna Irlandez.

Villa do Rio Grande de S. Pedro do Sul

Antonio Francisco dos Anjos.
Antonio Francisco dos Santos Abreu.
Antonio Gomes Rosa da Cunha.
Antonio Rodrigues Fernandes Braga.
Antonio de Sá Araujo.
Agostinho Moreira Machado.
Balthazar Gomes Vianna.
Carlos Cosme dos Reis.
Cypriano Rodrigues Barcellos.
Domingos Velho da Silva.
Domingos Rodrigues.
Domingos de Castro e Antiqueira.
Francisco Marques Lisbôa.
Francisco Barbosa Ferreira.
Francisco Ferreira Barbosa.
Hippolyto José Fernandes.

José Vieira da Cunha.
José Pinto Martins & Comp.
Joaquim José da Cruz Secco.
José Thomaz da Silva.
José Rodrigues de Barcellos.
João Francisco Vieira Braga.
José Vieira Lima.
José Antonio de Bittancourt.
Justino José de Oliveira.
José Duarte Nunes. .
José de Barros Coelho.
José Ferreira de Araujo.
José de Souza.
Ignacio dos Santos Abreu.
O Padre José Martins Chaves.
José Joaquim Bezerra.
José de Freitas Guimarães.
Luiz Pinto de Miranda.
Miguel da Cunha Pereira.
Matheus da Cunha Telles.
Manoel Ferreira Nunes.
Manoel José da Silva Guimarães.
Manoel Alvaro de Moraes.
Manoel Albino Rodrigues de Carvalho.
Manoel José de Oliveira Guimarães.
Nicoláo Cósme dos Reis.
Paulino Gomes de Seixas.

Quartel do Povo do Rio Pardo

Antonio Gonçalves da Cunha.
Antonio José de Carvalho.
Antonio José de Araujo Guimarães.
Antonio Simões Pires.
Caetano Coelho Leal.
Francisco de Oliveira Porto.
Francisco Pinto Porto.
Francisco de Figueiredo Neves.
Francisco Silveira Gomes.
Francisco da Silva Bacellar.
Francisco Soares da Costa.
Francisco Antonio de Loreto.
Joaquim José de Oliveira.
José Lourenço da Silva.
João Pedroso de Albuquerque.

Joaquim Pedro Salgado.
José da Silva Paranhos.
José Pedro de Carvalho.
José Antonio de Souza.
José da Rosa Fraga.
José Veloso Rabello.
João de Faria Rosa.
José Joaquim de Figueiredo Neves.
José de Souza Brasil.
José Joaquim.
João Rodrigues Bahia.
José Vieira da Cunha.
Manoel Thomaz do Nascimento.
Manoel da Silva Paranhos.
Manoel Alvares de Oliveira.
Manoel Antonio Pereira Guimarães.
Manoel Pereira de Carvalho.
Manoel Luiz da Cunha.
Manoel Guedes.
Manoel Baptista de Mello.
Manoel Velloso Rabello.

Commerciantes da Ilha de Santa Catharina

Antonio José da Costa.
Anacleto José Pereira da Silva.
Domingos José de Mattos.
Domingos Gomes da Silva.
Francisco Machado de Souza.
Francisco de Paula Tavares.
Francisco da Costa Pereira.
Jacintho Jorge dos Anjos.
José Luiz do Livramento.
José Pereira da Cunha.
João da Costa Pereira.
João Luiz Ponção.
Manoel da Cunha Bittancourt.
Manoel Francisco da Costa.

Commerciantes da Villa da Laguna

Francisco de Souza França.
Jeronymo Francisco Coelho.
José Francisco Guimarães.
João Teixeira.
Manoel Gonçalves.
Pedro Pires Salgado.

Porto Alegre, capital de toda a capitania, principiou a povoar-se com vinte e dois casaes das Ilhas no anno de 1762; chamava-se Porto dos Casaes, hoje villa de Porto Alegre com 1,215 fogos e 6,035 almas, excedendo a cincoenta mil as de toda a capitania, contemplando todas as nascidas até Janeiro de 1808.

O governador de toda a capitania, residente n'esta villa, é o vice-almirante Paulo José da Silva Gama; ajudante de ordens o sargento-mór José Ignacio da Silva.

Tem uma junta de fazenda, que foi creada de novo, e principiou a funcionar em Fevereiro de 1803, de que é presidente o mesmo Exm. governador; 1.º deputado o desembargador e corregedor da comarca José Carlos Pinto de Souza; 2.º o capitão de mar e guerra e intendente da marinha Agostinho Antonio de Farias; 3.º o escrivão da mesma Antonio Caetano da Silva; 4.º o thesoureiro Manoel José de Alencastro; 5.º o juiz e ouvidor da alfandega José Feliciano Ferannnes Pinheiro que igualmente serve de procurador da real corôa e fazenda. O 1.º deputado serve igualmente de juiz dos feitos da corôa e fazenda. Contador da mesma José Ignacio da Costa; 1.º escripturario Apollinario José Gomes; 2.º dito Jacintho Ignacio da Costa; 3.º Francisco Thomaz Barretto Leme; 4.º José Antonio dos Santos Lara; José Soares Pinto de Mattos; 6.º Pedro de Souza Lobo; 7.º Americo Ferreira da Silva; porteiro, Manoel Rangel de Moraes e um continuo.

Tem uma intendencia da marinha; seu intendente o capitão de mar e guerra Agostinho Antonio de Farias: officiaes da mesma, escrivão o capitão Antonio Pedro Fernandes Pinheiro; 1.º escripturario Antonio José de Souza Coutinho; 2.º Luiz dos Santos Piva; 3.º José Ferreira da Silva; almoxarife Francisco Leonardo Cardoso. O escrivão do almoxarifado José dos Santos Soares. Tem um ouvidor da comarca, que igualmente é de Santa Catharina, o desembargador José Carlos Pinto de Souza; seu escrivão José Raymundo; meirinho Manoel Pereira Fernandes; thesoureiro dos ausentes Fernando Rodrigues Braga, com seu respectivo escrivão; dois tabelliões do publico judicial e notas; um escrivão do crime; um dito dos feitos da corôa e fazenda; um dito das execuções; um dito das medições. Tem um juiz d'orphãos leigo com seu escrivão. Tem uma casa da camara com dois juizes ordinarios e mais vereadores, na forma do costume, com seu escrivão da camara, e alcaide, com dois juizes almotacés: os sobreditos juizes ordinarios e camara no seu fóro governam em toda a capitania, por se não ter realizado até agora a vinda do novo juiz de fóra, José Manoel Affonso Freire, que foi nomeado ha mais de tres annos.

Tem uma casa d'alfandega, que principiou a laborar em Agosto de 1804; juiz e ouvidor da mesma, o bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro, que igualmente serve de auditor da gente de

guerra; escrivão da meza grande Antonio Rodrigues da Silva; thesoureiro-João Antonio d'Oliveira Ferreira; escrivão da abertura, e da descarga José Antonio Fernandes Lima; porteiro José Fernandes de Souza, guarda-mór Agostinho José Lourenço; meirinho Antonio Caetano, com seis guardas de numero.

Consulado da alfandega do Rio Grande subordinado á alfandega d'esta villa; escrivão Domingos dos Santos; dito da abertura e descarga Modesto Martins Coimbra. Ha uma parochia, de que é vigario collado José Ignacio dos Santos Pereira: Tem a fazer-se uma boa capella, que igualmente poderá remediar para uma segunda matriz, como muito se precisa para commodidade dos povos. Tem a fazer-se um hospital da caridade, obra muito boa, que, prompta que seja, poderá igualmente servir para a tropa de S. A. R. por não haver presentemente n'esta villa senão uma casa que actualmente serve muito má. Fica esta villa sessenta leguas do Rio Grande, trinta do Rio Pardo com um porto no rio que tem meia legua de largura, a onde podem ancorar até duzentas embarcações de cem a duzentas toneladas, com uma bellissima ponte d'alfandega, obra prima, como não ha outra em toda a America, com vinte e quatro pilares de cantaria pelo rio dentro, onde pôdem descarregar hiates e sumacas com uma carreira de tresentos e vinte cinco palmos de comprido e trinta de largo, defronte, da mesma casa d'alfandega, onde uma boa praça convida a belleza e construcção da obra. Estes pilares são firmes sobre lagedo e cascalho duro, que a natureza alli offerece, e de madeiras grossas atravessadas de barrotes, que unidos formam o mais valente assoalho, fortificado com pernas francezas dirigidas dos corpos dos pilares aos vãos das madeiras. O termo d'esta carreira se liga com uma casa quadrada de sessenta palmos de cada lado, que serve de lingagem de dois guindastes, com duas escadas laduaes, que igualmente dão serventia dos desembarques das lanchas e mais embarcações pequenas. Esta casa fecha de pião, e é sustida sobre treze pillares, mas da mesma cantaria, fortificada com o mesmo madeiramento, e ordem da carreira a que se liga: offerece a mesma casa uma agradável vista com assentos á roda, onde o commercio se ajunta; d'ella se descobre muita parte da villa, que olha para o rio despontando em forma de amphitheatro. Os mesmos negociantes se lisongeião d'esta bellissima obra, que os faz receber com gosto o onus dos direitos que pagam na alfandega ao nosso augusto principe.

As actuaes rendas da capitania excedem annualmente a trescentos mil cruzados: tem-se extinguido uma grande parte da divida passiva, e toda a tropa da capitania, folhas civis e ecclesiastica são muito bem pagas. Entram pela barra dentro annualmente de 230 ou 240 embarcações de seis, oito, até doze mil arrobas, e todas

sahem igualmente carregadas. Ha continuamente navegando nos rios acarretando as cargas para os ditos barcos mais de cem hiates, ou canôas, que carregam de 1,000 a 1,500 arrobas e mais. A importação no anno de 1804 para esta capitania chegou a novecentos e trinta contos, subindo a exportação a 1,111 contos. No anno de 1805 chegou a importação a montar 1,058 contos, e a exportação a 1,215 contos. Nos annos de 1806 chegou a importação a 1,163 contos, e a exportação a 1,057 contos. No de 1807 chegou a importação a 1,217 contos, e a exportação a 1,109 contos.

Ha n'esta villa muitos misteres de varios officios, sendo a maior parte carpinteiros, pedreiros, canteiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros, barbeiros, cabelleiros, ourives de prata e ouro, latoeiros, caldeiros, abridores e lavrantes, chapeleiros, tintureiros, sirgueiros, e outros diversos officios como musicos, boticarios, etc.

Ha uma aula publica de grammatica, e duas escolas de ler e escrever, em uma d'ellas contei eu sessenta e tres meninos de sete a doze annos. Tem bellissimas estradas, para passeios de cavallo e de pé, fazendo tres divisões, uma que caminha para o Rio Grande de S. Pedro, outra para a ilha de Santa Catharina com diversos quintaes plantados de fructas e bellissimas hortaliças.

Tem esta capitania um regimento de dragões de cavallaria completo, existente no Rio Pardo, de que é chefe o brigadeiro Patricio José Correia da Camara. Ha uma legião de cavallaria existente no Rio Grande de S. Pedro, de que é chefe o marechal de campo Manoel Marques de Souza. Ha um batalhão de infantaria e artilheria, composto de quatrocentos homens de que é chefe o brigadeiro Alexandre Eloy Porteli. Ha um corpo de cavallaria miliciana de que se pódem formar tres regimentos, tropa de desempenho, e de quem S. A. R. póde confiar tudo. Não tem por ora official algum superior. Ha uma casa de polvora distante d'esta, cousa de uma legua, obra prima, aonde actualmente se conserva uma guarda militar, e aonde se acha recolhido não só toda a polvora de S. A. R. mas tambem as dos particulares d'esta villa. Não tem fontes publicas dentro da villa por ter o rio de que commummente se servem, mas tem, nos reconcavos d'esta villa bellissimas aguas de que se podem servir todas as pessoas que as quizerem mandar buscar.

Porto Alegre, 20 de Julho de 1808.

(Extraído da Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro).

Richard Patee

TRES FIGURAS
DA AMERICA

Richard Pattee é uma personalidade de marcante valor na cultura do continente.

Exerceu elevado posto intelectual na Universidade de Porto Rico, colabora nas principais publicações americanas e atualmente desempenha destacada função no "Department of State", em Washington, nos Estados Unidos

Os estudos que tem realizado são serios, elegantes e revelam sempre uma grande intimidade com os problemas da historia americana.

A Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul reune, neste numero, para o publico de lingua portuguesa, ensaios do brilhante escritor "yankee" e que aparecem, na presente tradução, com o titulo de "Tres Figuras da America".

O trabalho sobre "Jean Jacques Dessaline, o fundador do Haiti", foi extraído da Revista Bimestre Cubana, num. de Jul. e Agosto de 1936, vol. XXXVIII e o de "Oliveira Lima" é tirado da Revista da Universidade Catolica do Perú, t. VII - 1939, sendo que ambos foram traduzidos pelo Dr. Julio Porto.

As notas, por comodidade de tradução, aparecem no fim dos respectivos artigos.

"Gabriel Garcia Moreno" constitue materia do Boletim de Nov.º - Dezembro de 1937 da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Manoel de Oliveira Lima

Embaixador Intelectual do Brasil

"Le Brésil mérite la curiosité plus qu'aucune partie de l'Amerique", escreve Pierre Denis no pórtico de seu sugestivo estudo sobre "Le Brésil au XXe. siècle". Si bem é verdade que a imensidão territorial do Brasil merece maior curiosidade e mais cuidadosa indagação que qualquer outra parte da America, não é somente por sua indiscutível grandiosidade física, sinão pelas riquezas espirituaes e culturaes que ostenta esta assombrosa terra de Santa Cruz. A evolução intelectual desta extensa nação de origem lusitana é ignorada para o resto do hemisferio. As profundas qualidades espirituaes da fecunda cultura brasileira apenas tem encontrado éco entre as comunidades de lingua espanhola, devido, talvez, a barreira até agora intransponivel da separação linguistica e as divergencias historicas que tem mantido o Brasil isolado entre os paizes americanos de avoengo ibérico. Não em vão assevera Carlos Pereyra que "o Brasil é tão desconhecido para a America espanhola como nenhum pais asiatico". Esboça o erudito mexicano no prologo de uma das obras de Manoel de Oliveira Lima a pergunta "quem tem falado do Brasil á America espanhola"? (1).

As planuras matogrossenses e a imensa floresta amazonica tem contribuido para erigir uma muralha material contra a facil penetração dos valores culturaes brasileiros no mundo de lingua espanhola. De vez em quando, um que outro nome, eminente em sua patria, tem evocado algum reconhecimento no hemisferio inteiro.

Um Joaquim Nabuco, habil diplomata e ilustre homem de letras, alcançou solidos triunfos nos Estados Unidos e se firmou no respeito e admiração de toda a America. Um Visconde de Taunay um Machado de Assis ou um José de Alencar tem merecido a inteligente atenção dos estudiosos que se dedicam ás letras neo-latinas.

Comtudo têm faltado penas que revelem profusa e adequadamente o que o peruano, José de la Riva Agüero y Osma, chamou "a deslumbrante e exotica poesia dos grandes paises ignorados".

Poucos brasileiros, desde a criação da nacionalidade independente, conquistaram uma fama mundial melhor cimentada que Joaquim Nabuco. Estadista imperial, diplomata de raras prendas e escritor castiço e delicado, deixou uma impressão profundíssima na historia da cultura nacional. Por fortuna teve um sucessor que continuara a tradição iniciada por ele e dera ao Brasil maior renome, não somente na diplomacia, sinão no campo mais fecundo e mais duradouro do intellectualismo e da erudição. Este sucessor foi Manuel de Oliveira Lima, aclamado pelo Conde de Afonso Celso, como historiador, critico, sociologo, periodista, polemista, catedratico, conferencista, comediografo, erudito e homem de letras. (2) Não esgota sequer esta folha respeitavel de serviços a multiplicidade de gestões e actividades de Oliveira Lima. Apesar da opulenta bibliografia que enaltece seu nome, a personalidade de Oliveira Lima não alcançou todavia o realce de que na realidade é credora. Não o diriamos ignorado, pois sua vida foi demasiado ativa para que deixasse de repercutir seu nome em muitas esferas de agitação humana. Pereyra afirma que era um autor, "mais conhecido na America espanhola por seu nome que por sua habilidade e mais por sua habilidade que por suas obras". (3).

Ao esboçar algumas notas acerca desta esclarecida figura da vida contemporanea brasileira, difficil é fazer destacar aquelas facetas que melhor servem para caracterizá-la. Os dois aspetos que mais ressaltam são indubitavelmente sua gestão diplomatica e sua produção historiografica. E' como diplomata e historiador que contribue mais á cultura patria. Sua personalidade simbolizou a época critica da transição do Brasil de Imperio a Republica. Formou-se intellectualmente durante o periodo de incerteza e ineludivel reorientação na ideologia nacional que seguiu-se á partida para o desterro de D. Pedro II e a iniciação do novo regime. Pertenceu á geração que nasceu durante o Imperio e educada durante suas derradeiras resoluções — foi chamada a atuar debaixo do republicanismo que se consolidou em 1889. Os graves problemas nacionaes se refletem insistentemente nas obras e nos escritos de Oliveira Lima. Foi muito mais que historiador, si por tal entendemos o copista rotineiro ou o arido rebuscador de documentos velhos e papeis amarelecidos. Pertencia integralmente á cultura do Brasil. Auscultou suas realidades durante as ultimas décadas do seculo passado e as tres primeiras do atual. Não foi todavia literato no sentido corrente da palavra. Não compunha novelas nem versejava. Era dado ao labor silencioso do arquivo e da biblioteca. Dissecava os tesouros empoeirados que neles jaziam com o proposito de reconstruir veridica e conscienciosamente episodios e periodos preteritos. Não se conformava com lançar á publicidade copiosa documentação, confusa e indigesta. Dedicava-se a fazer reviver o passado de sua patria, revelando-o a um mundo que possuia os conceitos mais peregrinos sobre o Brasil.

Em um dos capitulos de sua sempre interessante historia das letras brasileiras, escreve Isaac Goldberg a respeito da posição alcançada por Oliveira Lima na vida cultural nacional: "Oliveira Lima pertence á historia das letras brasileiras; a historia da cultura brasileira. Forma parte integrante dessa cultura, e sua vida, casualmente, corre paralela com a aparição do Brasil entre as grandes nações do mundo". (4)

Não obstante a diversidade de interesses e inclinações, sua fama e nome hão de perpetua-lo mais como historiador que consagrado aos demais aspetos da cultura. Sua devoção á investigação historica determinou e circunscreveu até certo ponto seus demais esforços. Ha de se observar invariavelmente que o culto de Clio absorveu a maior parte de sua vida intellectual.

Até como diplomata foi essencialmente o "scholar" que empregava a diplomacia como instrumento para pesquisas e rasgos eruditos. Nunca se fez, apesar das multiplas tentações, um diletante da cultura.

Manoel de Oliveira Lima figura entre os melhores cultivadores da historia no Brasil, juntamente com Nabuco, Rio Branco, Visconde de Taunay, Couto de Magalhães, Evaristo Ferreira da Veiga, e João Severiano da Fonseca no quádro de historiadores nacionaes que oferece o dr. Max Fleiuss em suas "Apostilas de Historia do Brasil". (5) Pertencia, sobretudo, á ilustre pleiade de investigadores que tanto lustre deram ás ciencias historicas no Brasil: Adolfo Varnhagen, Capistrano de Abreu, Manoel de Oliveira Lima. Foi o ultimo sobrevivente deste celebre triunvirato de grandes historiadores. Pertencente a este cenaculo e sujeito ás influencias, tanto da escola brasileira como da portuguesa, Oliveira Lima reunia qualidades nitidamente pessoas. Combinava ele singulares aptidões para a paciente e minuciosa pesquisa e uma capacidade incomum de analise. Reconhece-se como um notavel coordenador e divulgador da historia patria, entendendo por divulgação, uma ampla e acertada reconstrução, e não a méra compilação dos compendios faceis e efemeros.

A VIDA.

Manoel de Oliveira Lima nasceu em Recife, Estado de Pernambuco, a 25 de dezembro de 1867, filho de portuguez imigrado para terras brasileiras. Não deixou de influir na sua mente e em seu animo a variada e vetusta tradição historica de sua urbe natal. Com excepção de São Salvador da Bahia, difficil seria achar cidade brasileira mais rica em tradicionalismo. Sede da colonia durante a dominação batava: cenario de ação do movimento libertador de 1817 e da efe-

mera Confederação do Equador, Pernambuco possuía aquele ambiente de historia vivida de que carecem não poucas regiões da America.

A formação intelectual de Oliveira Lima depois da primeira infancia, se efetuou na antiga metropole. Em tenra idade, transportou-se para Lisboa a cursar estudos superiores. Matriculou-se no Curso Superior de Letras na capital lusitana, alcançando em 1888, com a idade de vinte e um anos, o gráu de bacharel em direito, filosofia e diplomacia. Teve por mestres e orientadores alguns dos personagens mais eminentes da intelectualidade portuguesa da epoca. Portugal podia ufanar-se durante os ultimos lustros do seculo XIX da fecundidade e agitação de sua vida intelectual. Foi o tempo de Eça de Queiroz, Antero de Quental, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga e um numero crescido de personalidades que brilhavam por seus dotes e sua produtividade. Portugal vivia intensamente dentro do raio de ação cultural europea. Na historia, nas letras e na critica, a fama de nomes portugueses havia ultrapassado os limites de uma lingua geograficamente reduzidos para impor-se por meio de seu valor ao criterio universal. Oliveira Lima viveu neste ambiente, apalpando suas realidades e travando relações com portugueses de primeira categoria. Foram mestres do jovem pernambucano, Adolfo Coelho, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, Jayme Moniz, Souza Lobo e muitos especialmente Oliveira Martins. Debaiixo da brilhante tutela e orientação deste grande expoente das letras historicas, era logico que o espirito do discipulo se inclinasse para esta disciplina. Além dos cursos superiores que frequentou, teve ocasião de dedicar-se á paleografia, instruindo-se neste importante ramo na Torre do Tombo. Oliveira Lima refere-se á esta experiencia em um elogio que muitos anos mais tarde pronunciou em homenagem á Varnhagen. Sua formação foi rigida e completa. Adestrou-se no manejo dos preciosos instrumentos que havia de empregar com consumada habilidade em investigações posteriores. Encerrando seus estudos, abandonou as aulas para iniciar-se sem demora na vida diplomatica.

A 1.º de novembro de 1890 foi nomeado adido da Legação do Brasil, em Lisboa. Ocorreu isto uns anos após a mudança do regime no Rio de Janeiro. O Imperio depois de um largo bamboleo acabava de extinguir-se e o republicanismo triunfante se havia apossado do poder, andando, não obstante, ás cegas. Foi um momento cheio de potencialidades historicas. E' significativo que Oliveira Lima inaugurasse sua carreira profissional durante os anos de critica transição para o Brasil. E' possivel que a irresolução dos primeiros governantes republicanos e a instabilidade das novas instituições hajam impressionado ao futuro historiador do dever imprescindivel de dar a conhecer minuciosa e cientificamente os grandes feitos que haviam distinguido o povo brasileiro desde a colonisação até o desmoronamento

da estrutura imperial. Havia na Historia da America Portuguesa inumeros episodios que esclarecer e numerosos aspetos cujos fios centraes estavam por se desenrolar. Não é de extranhar-se que Oliveira Lima começasse suas publicações historicas com uma apreciação de Pernambuco e que entre suas ultimas obras dadas á publicidade houvesse uma historia da civilisação. Partiu do tema localista para que em ordem ascendente chegasse a completar a formosa unidade de suas peregrinações científicas.

Em 1891 foi promovido a secretario de Legação em Portugal, para passar, quasi immediatamente, a Berlim, como adido á missão brasileira na Alemanha. Passou treis anos neste posto, debaixo da habil direção do então representante Brasileiro na capital alemã, Antonio Araujo e Abreu, Barão de Itajubá. Para a aprendizagem diplomatica teria sido difficil achar melhor mestre. Findo os treis anos, passou a Londres como primeiro secretario de Embaixada. Suas atividades de character official não impediram que realisasse constantes estudos e que aproveitasse, onde quer que estivesse radicado, os recursos e as facilidades que se ofereciam nos arquivos e bibliotecas. Faremos menção de suas publicações durante este periodo de iniciação, mais adeante, ao considerar sua bibliografia historica.

Esta primeira permanencia na Inglaterra foi de curta duração, pois em 1896, depois de tão longa ausencia, regressou ao Brasil.

Apenas chegou á patria, foi constringido a deixa-la de novo em perpetua peregrinação diplomatica. Os quatro anos seguintes foram de importancia maxima para Oliveira Lima. Passou-os nos Estados Unidos como primeiro secretario de legação durante o tempo em que Salvador de Mendonça desempenhava o alto cargo de chefe de missão. Com extrema rapidez voltou a Londres onde esteve á frente da Legação ao sobrevir a morte do Ministro Souza Corrêia. Dedicou um ano á representação do Brasil perante a Côrte Britanica para ser logo designado encarregado de negocios em Toquio, aonde permaneceu durante o periodo de 1901 - 1902 (?) Cumpriu brilhantemente esta delicada missão, regressando ao Brasil para prestar serviços no Ministerio das Relações Exteriores. Não tardou a ser nomeado Ministro em Lima embora esta missão diplomatica se tenha malogrado por completo, pois jamais tomou posse de seu novo cargo, havendo sido reclamados, novamente, seus revigos pela chancelaria no Rio de Janeiro. Estes anos de viajar constante foram produtivos nos multiplos livros de viagem e impressões, de solida erudição, que saíram de sua pena. Oliveira Lima deixava invariavelmente uma esteira de escritos luminosos em seu continuo vagar por este mundo. Sua atuação como Ministro na Venezuela em 1904 conduziu á feliz solução de uma das questões de limites mais escabrosas entre o Brasil e a vizinha republica. Seu labor se distinguiu por sua equanimidade, pondo termo ao difficil problema fronteiro que foi liquidado finalmente, com o

presidente Castro, da Venezuela. Mas tarde, coube-lhe a honra de levar a questão em litigio ante o Rei da Belgica para arbitragem. Ministro em Estocolmo, demonstrou sua paixão pela obra da paz, firmando um tratado de arbitragem entre o Brasil e a Suecia. Isto ocorreu no ano de 1909. Chegava ao fim sua carreira estritamente diplomatica.

Desde cedo se havia revelado um diplomata pouco convencional. Não havia sido nunca figura protocolar ou incolor. Seu alto conceito da diplomacia o levava a inumeras atividades fora das officiaes. Conferencias, *causeries*, praticas literarias e discursos de toda a indole, absorviam seu tempo e suas energias. Conseguiu interessar algumas pessoas na Suecia ás letras brasileiras, grangeando o titulo de “embaixador intelectual do Brasil no mundo”, conferido pelo eminente sueco Goran Börkman. Só pode comparar-se Oliveira Lima com Joaquim Nabuco. Escrevendo sobre Nabuco, Graça Aranha, resume sua influencia diplomatica ao dizer: “Tornou-se defensor do Brasil e considerava sua missão unica e exclusivamente debaixo do aspeto patriótico: *sub species patriae*. (6) Aplicando a Oliveira Lima esta mesma apreciação, acrescentamos a frase que Ruy Barbosa empregou para qualificar-lhe de “honra de nossa nacionalidade e de nossa cultura; a personalidade mais notavel de nosso corpo diplomatico e o sucessor natural de Joaquim Nabuco em Washington”. (7) Taes louvores atestam eloquentemente a posição que havia sabido conquistar no sentimento e no conceito de seus compatriotas. Basta citar de novo ao grande estudioso da cultura brasileira, Isaac Goldberg: “o exemplo de sua carreira contribuiu para elevar aquele officio (a diplomacia) de uma posição de hipocrisia social á dignidade de um trato e intercambio humanos superiores. (8)

Carlos Pereyra o expressa sagazmente ao observar que passava pela insipidez e as tentações da diplomacia sem contaminar-se de frivolidade ou de ociosidade. “Probo e nobre, é daqueles que se conservam puros por estetica”. (9)

Oliveira Lima mesmo não ocultava alusões a respeito dos perigos e obstaculos que amarguravam o diplomata. Relata com primorosa graça suas experiencias em um discurso pronunciado no Rio de Janeiro, sustentando que havia sido um diplomata que não correspondia ao tipo ideal. (10) Si não correspondia ao presumido tipo convencional nem por isso deixou de obter um exito retumbante talvez porque se diferenciava da multidão de seus “confréres”. Oliveira Lima mostrava marcado empenho em todos os seus escritos, e em todas as suas manifestações publicas por uma diplomacia antes intelectual, ou seja, pelo intercambio, o “*rapprochement*” dos espiritos capazes de entenderem-se.

Não achamos em Oliveira Lima nenhuma pose democratica nem democratização excessiva em suas atividades. Com sobrada razão se

o pode denominar de aristocrata intelectual. Seu meio ambiente, suas tradições familiares, suas inclinações e seus contatos eram todos de uma pessoa privilegiada. A propaganda que fazia para o Brasil se dirigia áqueles que reuniam as condições culturais necessarias para responder inteligentemente segundo o elevado plano em que Oliveira Lima se collocava. O pensamento que revelam seus escritos pode chamar-se igualmente aristocratico. Nada em seu modo de ser indica interesse ou intento de baratear, aburguezar ou rebaixar no minimo a pureza de seu criterio.

Era um devoto da ciencia e um apaixonado da investigação fria e serena. Vislumbra-se em tudo o que dizia e escrevia uma rigidez e uma honradez que não no permitiam apregoar o que conceituava falso ou inexato simplesmente porque ao ouvido vulgar houvesse agradado. Arido ás vezes, prosaico frequentemente, nunca pecava por banal. Oliveira Lima foi um intransigente: não afagava vaidades politicas nem lisongeava paixões pueris ou bastardas. Uma retidão inflexivel foi o adorno mais precioso de sua personalidade. Deixemos que um portuguez, um dos mais preclaros da atualidade, nos resuma estas diferentes facetas da vida de Oliveira Lima. Escreve Fidelino de Figueiredo na Revista de Historia, um modesto artigo intitulado, "Pequena homenagem a um grande espirito":

"Diplomata, viajou por todo o mundo nas republicas do sul e do norte; pelas côrtes europeas e o Japão, até que se estabeleceu nos Estados Unidos, em cuja Universidade Catolica de Washington desempenhava a cátedra de direito internacional. Grande observador e grande trabalhador, confiando mais na ciencia que na diplomacia, aproveitou suas frequentes viagens para escrever sobre os paizes que visitava, para construir sua grande obra historica e para reunir sua magnifica biblioteca. A tudo isto — literatura de viagens, periodismo, historiografia, bibliofilia, — impregnou de seu superior espirito politico. Seus livros sobre o Japão e os Estados Unidos não nos descrevem a paisagem; não revelam impressionismo subjetivo; tratam de dar-nos uma visão exata do momento na evolução dos dois grandes povos, seus problemas e suas preocupações". (11)

Este constante viajar continuou até as vespéras da Guerra Mundial, finalizando em Bruxelas, onde Oliveira Lima terminou tranquilamente sua carreira diplomatica, simultaneamente honrada e proveitosa. Suas gestões na Belgica, foram especialmente beneficas para o Brasil. Durante 1910-1911 realisou um trabalho intenso. Em 4 de abril de 1910 no "Theatre de la Monnaie" da capital belga, na presença de sua magestade, o rei Alberto, Oliveira Lima dissertou sobre "A conquista do Brasil". Em 1911 inaugurou a catedra de Lingua portuguesa na Universidade de Liège, introduzindo-se assim pela primeira vez o cultivo do portuguez em uma instituição de ensino superior na Belgica. Seu amor pela lingua portuguesa se manifesta

consistentemente em conferencias e em livros e em seus nobres esforços para difundir seus conhecimentos nos paizes em que vivia acreditado como emissário diplomatico. Este lusitanismo é, no dizer de Fidelino de Figueiredo, uma das características mais assinaladas de sua operosidade. Em 1910, teve ocasião de presidir a secção brasileira da exposição de Bruxelas. Fundou, em beneficio do commercio internacional, uma camara de commercio belgo-brasileira e contribuiu para creação em Antuerpia de um banco italo-belga-brasileiro. Nas sociedades de geografia de Antuerpia e Bruxelas proferiu eruditas conferencias. Carlos Pereyra insiste em que Oliveira Lima chegou a habituar-se de tal maneira a esta existencia marcadamente intellectual que não concebia que um homem podesse ser diplomata sinão soubesse proferir uma conferencia na Sorbona e escrever tratados de geografia economica. ⁽¹²⁾.

Para Oliveira Lima, não só era possivel proferir conferencias na Sorbona, no francês mais puro, como tambem em Harvard, Berlin ou Buenos Aires no idioma vernaculo do centro docente que visitava. Grande linguista a par de pensador, Oliveira Lima possuía a instrumentalidade dos principaes idiomas europeus, permitindo-lhe transmitir seu brasileirismo diretamente a seus ouvintes ou leitores estrangeiros sem o impedimento da tradução. Este perfeito diplomata nunca haveria logrado, tão cabalmente, seu proposito si tivesse que contar com um interprete como intermediario. Oliveira Lima falava, por conseguinte, diretamente á intellectualidade da Europa e da America. Repelia decididamente o famoso conselho de Fradique Mendes de que um homem só deve falar com impecavel segurança e pureza a lingua de sua terra — todas as demais, deve falar mal, orgulhosa e patrioticamente mal, “com o acento falso e chato (?) que denuncia o estrangeiro”.

Por motivos diversos, Oliveira Lima pretendia já retirar-se do serviço ativo. Alguns hão querido ver nesta decisão, tomada ao fim de sua missão na Belgica, alguma relação com seu conhecido pacifismo. Entretanto, desde muito antes de estalar a guerra mundial, havia tomado esta determinação. Comenta o dr. Max. Fleiuss, na Revista do Instituto Historico, em sua peroração em homenagem a Oliveira Lima, que, desde 1906, estando em Caracas, havia mostrado o desejo de abandonar a carreira diplomatica para refugiar-se entre seus livros. ⁽¹³⁾ Dita aspiração chegou a cristalizar-se depois de sua frutuosa estadia em Bruxelas. Este retiro, contudo, não significou nenhum desalento em seu fervor propagandista nem em sua ativa vida intellectual. A maior liberdade que a decisão lhe prometia parecia permitir-lhe intensificar ainda mais os esforços tendentes a difundir noções exactas sobre o Brasil. Em 1912, percorreu doze universidades norte-americanas, proferindo uma série de conferencias sobre temas hispano-americanos — uma excursão que teve uma intensa

repercussão. Visitou as universidades de Stanford, California, Kansas, Chicago, Wisconsin, Michigan, Cornell, Columbia, Vassar, Johns Hopkins, Yale e Harvard. Max Fleiuss observa que os que antes de ouvir ao dr. Oliveira Lima apenas sabiam da existência de uma America do Sul, se inclinaram logo respeitosos e admirados diante dela. (14). Mais tarde ocupou a cathedra de História e Economia Hispano-Americanas na Universidade de Harvard. Sua vida depois de estalar a conflagração mundial foi essencialmente intellectual. Pôde dar livre impulso ás suas marcadas inclinações bibliofilas. Em 1918, visitou a Republica Argentina onde foi festejado pelos grandes centros culturaes. Desta visita resultou um livro de impressões sobre o povo argentino além das conferencias publicas celebradas debaixo dos auspícios de numerosas corporações academicas daquela nação. As conferencias em si revelam os interesses e preocupações de Oliveira Lima nessa época imediatamente posterior á guerra. Dissertou em varias ocasiões sobre os temas seguintes:

- I — Os elementos de paz no novo mundo. Conferencia proferida no Instituto Popular de Conferencias.
- II — A Sociedade das Nações Americanas e o Direito das Gentes. Conferencia na Facultad de Dececho y Ciencias Sociales de Buenos-Aires.
- III — A diplomacia secreta e a diplomacia mundana. Conferencia na Facultad de Filosofia y Letras.
- IV — Recordações diplomaticas. Conferencias na Biblioteca do Consejo Nacional de Mujeres.
- V — Meu professorado em Harvard — Conferencia pronunciada na Universidad Nacional de la Plata.

Regressou Oliveira Lima aos Estados Unidos onde prelecionou um curso de um semestre em Harvard e tratou, em palestras mais intimas, varios temas americanistas em Williamstown. Em 1923, inaugurou a cathedra de estudos brasileiros na Universidade de Lisboa, dissertando sobre *Aspetos de historia da cultura do Brasil*. Havendo doado sua maravilhosa biblioteca á Universidade Catholica de Washington, foi considerado na sua Faculdade como catedratico de direito internacional e diretor da biblioteca hispano-americanista, propriedade, depois de sua morte, dessa instituição.

Durante toda esta vida tão cheia de proveitosas e fecundas atuações, Oliveira Lima nunca deixou outra preocupação não menos arraigada — o jornalismo. Foi, ao principio, correspondente do "Jornal do Recife", quando ainda seguia seus estudos em Lisboa. Além disso, colaborou no "Reporter", de Oliveira Martins, e na "Revista de Portugal", fundada por Eça de Queiroz e de que tanto nos fala o illustre portuguez em sua "Correspondencia". Mais tarde, colaborou

no "Diario de Pernambuco", "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, no "Estado de São Paulo", "Jornal do Brasil", e "La Prensa" de Buenos-Aires.

Era Doutor honoris causa pela Faculdade de Direito de Recife e Professor honorario da mesma. Era socio destacado do já quasi centenario Instituto Historico e Geografico Brasileiro, ocupando a cadeira que havia correspondido ao visconde de Porto Seguro. Realizou um trabalho variado no seio do Instituto. Falou pela primeira vez em 1895, e, no dizer de Max Fleiuss, sempre que se encontrava no Rio de Janeiro, assistia, assiduamente, as sessões da douta Instituição. Ofereceu sua relação de manuscritos que interessavam á historia do Brasil ao Instituto, realisando-se sua publicação mais tarde, sob seus auspícios. Em 1903, se dirigiu ao Instituto sobre *O atual papel do Instituto Historico*. Oliveira Lima insistiu na necessidade de que se traduzisse para o portuguez a grande obra historica sobre o Brasil do alemão Handelmann. Graças ao seu empenho a dita tradução foi empreendida. Seu nome figura com frequencia entre os colaboradores da Revista da Academia Brasileira de Letras, junto com os de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Sylvio Romero, Coelho Neto, Capistrano de Abreu, José Verissimo e tantos outros das primeiras glorias literarias brasileiras.

"De sua pessoa sabemos pouco", escreve Carlos Pereyra. "Perguntei e obtive uma resposta que marca a conformidade entre o homem e os seus livros. Manoel de Oliveira Lima nasceu e viveu em Pernambuco. E' um homem corpulento, ruivo, de natureza expansiva. E' um grande senhor que vive com esplendor á maneira tradicional. Fuma do melhor fumo, bebe champagne e tem uma mesa de principe. Viajou por toda a Europa, por alguns paises da America e pelo Extremo-Oriente". (15) Esta observação deixa muitissimo a dizer. Melhor impressão nos dá seu comprovinciano, dr. Mario Melo, de Pernambuco, historiador tambem e leal admirador de Oliveira Lima. Leiam-se os breves apontamentos do dr. Melo que aparecem no volume da *Revista de Historia* de Lisboa, em homenagem a Oliveira Lima. Estas notas foram publicadas em tradução castelhana na *Revista de Derecho, Historia y Letras*, de Buenos-Aires. Chama-se este estudo *Oliveira Lima intimo*. E' uma referencia personalissima, a modo de breve reminiscência, carinhosa e reveladora, por sua vez. São notas sobre uma personalidade que não conhecia nem rancores, nem animosidade. Segundo o dr. Melo, Oliveira Lima, devido a suas largas ausencias de Pernambuco, vinha á provincia natal somente "matar saudades". Ali se hospedava no engenho Cachoeirinha, proximidades de Recife, propriedade de sua familia e de sua distinta esposa, dona Flora Cavalcanti de Oliveira Lima. Foi neste retiro que o grande historiador compoz muitas de suas obras mais notaveis. O que encanta no folhetim de Mario Melo é a intimidade com que trata da

vida de Oliveira Lima. Mais vale copiar alguns paragrafos, pois lancam luz sobre o teor da vida quotidiana do grande brasileiro.

“E’ Oliveira Lima, antes de tudo, um homem metódico, dotado de uma rara capacidade para o trabalho e daí vem sua reconhecida victoria intelectual. Para tudo dá tempo, não falta aos deveres sociaes, nem priva a seu espirito de diversões. Outro traço de sua vida é a bondade de seu coração; seleccionando amizades — como sabe ser amigo — porem acolhe a todos, amparando aos fracos, animando aos principiantes, estimulando aos que trabalham, elevando sempre o merito dos outros sem zelos nem rivalidades”. (16).

Era um homem de devoção abnegada ás cousas do espirito; uma intelligencia privilegiada que não consentia nenhuma indolencia ou fraqueza. Sua vida deslizava tranquila e proveitosamente. O dr. Melo nos descreve que “Oliveira Lima se recolhe habitualmente ás nove e se levanta ás cinco. Inicia logo o trabalho que mais lhe desperta a atenção e o interrompe somente ás sete para tomar sua primeira refeição. Si está na cidade lê em poucos minutos os jornaes, com que sympathiza. Ás oito entra no banho e depois continua seu trabalho até ás dez, horas em que almoça. Continua seu trabalho ás onze sem interrupção até ás quatro, quando lhe servem o jantar. Raramente sae á noite, nem sequer para o teatro (17) Homem de methodo, senhoril em sua maneira de viver, houvera sido, afirma Mario Melo, si houvesse vivido nos tempos de Plutarco, um de seus illustres varões.

Qual era sua vida, já retirado da diplomacia ativa e entregue a seus interesses bibliofilos? Conhecemo-lo em Washington, quando cuidava de sua imensa biblioteca e preleccionava seus cursos de direito internacional. O dr. Oliveira Lima nunca negava sua erudição e sua sagacidade ao estudioso. Recordamos seus sabios conselhos e seu extraordinario amor pela historia e pela cultura da America Espanhola. Sua memoria privilegiada permitia-o catalogar os pormenores de cada um dos milhares de volumes de que consistia sua coleção. Gilberto Freyre, transmitindo suas impressões de Oliveira Lima em Washington, o considera principalmente debaixo do aspeto de *booklover*, de bibliófilo, perdidamente enamorado de seus tesouros. Sua residencia, dizia este amigo, respirava o ambiente de sua terra natal. Lar de bibliófilo, não exalava esta atmosfera antiquada de museu, ou de vasta biblioteca impessoal. (18) Oliveira Lima contava, além de seus livros, com grandes coleções de fotografias, gravuras, quadros e retratos de todas as especies. A nota historica predominava, pois a maior parte daquelas pessoas cujos retratos adornavam sua residencia eram amizades hispano-americanas ou personagens historicas do mundo hispanico.

Em março de 1928, morreu Oliveira Lima, arrebatado em idade relativamente prematura por insidiosa molestia. Em um modestissimo

artigo anonimo, na *Revista de Historia*, se acha a recordação da ultima entrevista que lhe foi dado conceder a um jornalista brasileiro. O eminente homem chegou palido, quebrantado, apenas conseguindo conservar-se em pé. Duvidava o dr. Oliveira Lima que jamais pudesse voltar a ver seu querido Brasil. Seu pensamento se voltava para as cousas da patria. O tema brasileiro nunca faltava em sua conversação. Com saudade e melancolia comentou a seu compatriota visitante, "que o desterro é suportavel para os que têm forças para luctar. Não é este meu caso". (19).

Dias depois, a 24 do mesmo mês, o dr. Oliveira Lima expirou, abrindo um vacuo enorme nesta America a que havia dedicado sua vida.

A OBRA.

Apenas nomeado para o serviço diplomatico, Manoel de Oliveira Lima começou seu labor de erudição historica. Publicou em Leipzig, por iniciativa da famosa casa editora alemã, Brockhaus, seu estudo, *Pernambuco e seu desenvolvimento historico*. Apareceu esta obra em 1894. O livro foi evidentemente obra de principiante, de historiador que se iniciava e se aperfeiçoava na disciplina. Não obstante, mereceu os elogios da critica, perdurando até nossos dias como a mais sábia e aguda das obras escritas sobre a historia regional brasileira. O argentino, Garcia Merou, naquele excelente livro que tanto distinguio o Brasil entre os leitores de lingua espanhola, *O Brasil intellectual*, considera este trabalho sobre Pernambuco um dos que mas fazem destacar a personalidade e metodo do autor com perfis atraentes. Disse este critico argentino, "o metodo deste livro, seu estilo grave e repousado, a elegancia severa de sua linguagem, revelam que seu autor é um espirito serio e um trabalhador infatigavel, um talento reflexivo, pouco brilhante porém cheio de solidez". (20) Esta carencia de estilo puramente literario foi caracteristica de todo o seu labor. Oliveira Lima não pode chamar-se grande estilista e menos ainda, escritor distinguido por brilhante retorica. Não possuia "a musica de uma prosa sedutora", segundo a frase de Isaac Goldberg. Há uma compensação muito notavel para esta falta de lirismo — o talento para evocar com clareza, lucidez e vivacidade as cousas do passado. Oliveira Lima era exclusivamente prosador. Nunca escreveu versos e algumas pessoas com que ele privava, observaram que tampouco os lia. Sua prosa é vigorosa cristalina, porém carece de beleza sensitiva. Max Fleiuss distingue a esta obra inicial sobre Pernambuco como modelo de seu genero, especialmente pelo cuidado do autor de introduzir em sua historia de um rincão do Brasil a consideração dos factores economicos e sociaes que na historiografia brasileira daquela época constituia novidade. (21) Encontra-se nesse li-

vro uma inspiração excessivamente marcada de Rocha Pitta, celebre historiador do Brasil colonial. Oliveira Lima aponta com sua modestia habitual que o estudo “não constitue uma historia pacientemente investigada, sinão puramente um quadro da nossa evolução social e politica nos quatro seculos de historia que contamos, quadro descrito a largos traços, sem que, comtudo, sejam desprezados seus contornos valiosos e deixados á sombra seus aspetos interessantes”. (22).

Esta estréa foi logo seguida por uma outra obra, *Aspetos da Literatura colonial brasileira*, publicada em 1896, tambem em Leipzig. Antes que uma historia literaria, é um estudo da evolução cultural do Brasil durante o periodo da dominação portugueza. Neste livro, Oliveira Lima estuda os elementos étnicos que entraram na formação do brasileiro. Examina os escritores que primeiro se distinguiram na colonia, com atenção preferente á escola bahiana e o movimento academico. E' uma contribuição de indiscutivel importancia para o conhecimento do desenvolvimento de cultura lusitana na America, revelando os começos de uma cultura propriamente brasileira. Este compendio de literatura abarca, como é de supor-se, maior numero de considerações historicas que apreciações literarias.

Sua permanencia no Velho Mundo, ao serviço da Republica, produziu uma série de artigos destinados a esclarecer a posição e progresso do Brasil, debaixo do novo regime. Esta colaboração periodistica foi recolhida em um folheto de umas quarenta paginas intitulado “Sept ans de la république au Brésil”. Os artigos apareceram originariamente na “Nouvelle Revue de Paris”. Este trabalho refutava numerosos conceitos erroneos relativos á situação então prevalecente na sua patria. O folheto se classifica como propaganda, conceituada como defesa legitima dos interesses patrios. Seu labor de propagandista teve seu principio com esta modesta contribuição. Suas condições pessoaes eram excelentes para cumprir com garbo esta missão que a si se impoz. Dizia Oliveira Lima que para obrar em prol do Brasil no exterior “basta que se tenha o sentimento do passado, a compreensão do presente e a esperança do futuro”. (23).

Pouco depois, tendo abandonado o Brasil para estabelecer-se em Washington, dedicou-se ao primeiro de seus livros de impressões. Seu estudo *Nos Estados-Unidos, impressões politicas e sociaes* appareceu em 1899, em Leipzig. E' o primeiro da trilogia sobre as tres nações que chegou a conhecer tão intimamente. Estados Unidos, o Japão e a Republica Argentina. O livro não é a cronica do simples observador que, ao atravessar os Estados Unidos comenta suas peculiaridades e suas excentricidades. Não é o livro de apontamentos do viajante impressionista, que se satisfaz em recolher a sensação intangivel do paiz que descrevia. Oliveira Lima se parece muito a André Siegfried, fixando-se atentamente naqueles aspetos da vida norte-

americana que dão a chave de sua extraordinária formação nacional e vertiginosa ascensão á posição de potencia mundial. Suas singularidades não escapam á observação. Busca as razões que explicam o impulso nacional que tornou possível os Estados Unidos como entidade internacional. ⁽²⁴⁾ Garcia Merou considera o livro “o mais interessante saído de sua pena” ⁽²⁵⁾ Por certo é o mais completo que se ha escrito em lingua portugueza sobre a America do Norte. Goldberg não diminue seu elogio ao dizer da obra: “in his attitude to our nation, he is candid, direct, With the reserve of a Martí, a Rodo, a Verissimo, only that he knows us more intimately than did these serling spirits”. ⁽²⁶⁾ Havia, além disso, outra preocupação no âmago de seu pensamento. Escrevia sobre os Estados Unidos para que portugueses e brasileiros os conhecessem melhor e para que aprendessem certas lições que o autor considerava de inestimavel proveito para seus compatriotas. Buscava ensinamentos em tudo o que via na republica do Norte. Disse a esse respeito: “sempre olhei os Estados Unidos com olhos de brasileiro, a saber, buscando o que a meu modo de ver pudesse aproveitar-nos do exame e da confrontação. Achei que podiam resultar muitas vantagens de semelhante confrontação, si bem que confesse, sem reparo, minha impressão de melancolia pelo muito que os Estados Unidos hão alcançado e pelo pouco que havemos feito, relativamente”. ⁽²⁷⁾ Sem deixar de ser critico de muitas cousas norte-americanas e de numerosos aspetos de sua vida, soube distinguir as virtudes daquele povo e houvera querido que seus conterraneos adotassem aqueles traços que mereciam sua mais entusiastica aprovação.

O ano de 1900 assinalou o quarto centenario da chegada ao Brasil de Pedro Alvares Cabral. Oliveira Lima foi premiado pela comissão do quarto centenario por seu estudo que trazia o titulo: “Memoria sobre o descobrimento do Brasil e primeiras negociações diplomaticas a que deu origem”. (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900). O seguinte trabalho que viu a luz, no ano posterior, trata de um problema diplomatico relacionado com o reconhecimento do Imperio brasileiro. A permanencia de Oliveira Lima em Londres permitiu-lhe recolher a documentação necessaria para a analise do papel de George Canning nas gestões que conduziram á criação e logo ao reconhecimento formal do Imperio do Brasil. Chama-se esta obra *O reconhecimento do Imperio — Historia diplomatica do Brasil*. (Paris e Rio de Janeiro. H. Garnier, 1901). A segunda edição apareceu em 1902. Oliveira Lima dedicou o livro, com frases de sentida delicadeza, ao extinto Barão de Itajubá, falecido em 1897, e sob as ordens de quem o autor havia começado seu serviço na legação de Berlim. Este ensaio havia de ser o primeiro de uma série destinada a estudar a historia do Brasil e suas relações exteriores. O Barão de Itajubá havia alcançado, durante o curso de suas missões na Europa,

o reconhecimento da nova república brasileira, especialmente por parte do Governo Francês. A similitude entre a situação existente em 1889 e a que seguiu a fundação do Império, levou Oliveira Lima a oferecer esta homenagem á memória de seu antigo chefe. Quiz o autor esboçar o problema e as circunstancias do reconhecimento do império com atenção ao papel preponderante da Gran-Bretanha nestá realisação. O livro, em vez de cingir-se estrictamente ás gestões diplomaticas que precederam o reconhecimento definitivo, abrange, por necessidade ineludível, o panorama inteiro da Europa post-napoleonica. Desfilam em suas paginas, Canning, Metternich e todos aqueles que occupavam o cenário europêu depois de 1815. Com mais acerto se chamaria o livro a posição do Brasil no concerto das nações a partir de 1822.

Transferido para o Extremo Oriente, Oliveira Lima residiu algum tempo no Japão. Encontrando-se naquele paiz a principio do seculo XX, em plena transição para o occidentalismo, foi-lhe possível recopilar em um volume suas impressões e observações acerca da evolução incrível do Império do Sol Nascente. Em seu "No Japão — Impressões da terra e da gente" (Rio de Janeiro, Laemmert e Cia. 1903, segunda edição, 1904) Oliveira Lima reuniu os dados e apontamentos obtidos no Japão para expor a seus leitores de lingua portugueza o conjunto de fatores que constitue a vida nacional niponica. Não é, por certo, um livro modelado em Lafcadio Hearn, e menos ainda, romanticismo lirico, ao estilo de Pierre Loti. Oliveira Lima não possuia nem temperamento nem a inclinação para aprofundar o conhecimento do Japão, como Wenceslau de Moraes, que, imitando Hearn, se niponizou completamente.

Oliveira Lima procurava compreender no Japão as bases de seus fenomenos sociaes e politicos, as origens do constitucionalismo, sua rapida assimilação do pensamento e da tecnica occidentaes e sua assombrosa adaptação ao ritmo da vida coletiva moderna. O momento historico que Oliveira Lima vivia no Extremo Oriente não podia ser mais significativo. Era pouco antes da guerra decisiva com a Russia, quando o Japão cosolidava suas instituições, aperfeiçoava sua defesa nacional e gradualmente conquistava seu lugar entre as potencias mundiaes. A obra é sugestiva, imparcial e tolerante, distinguida pelo eterno anseio de compreender o espirito que animava o povo que descrevia. Isento de todo o sentimentalismo, o livro possui qualidades solidas e duradouras. O dr. Fleiuss disse, referindo-se á esta publicação, "esta sugestiva obra, além de ser uma das melhores, foi a primeira deste genero escrita por um brasileiro sobre o Japão actual".⁽²⁸⁾

No ano de 1903 foi notavelmente produtivo para Oliveira Lima. Dedicou-se não sómente ao labor de sintese historica como tambem

á recopilação das fontes, sem as quaes uma historiografia brasileira séria, seria inconcebível. Aproveitando sua permanencia em Londres, organisou uma relação dos manuscritos existentes no riquissimo deposito do Museu Britanico, de interesse para a historia do Brasil. Esta obra auxiliar se chama "Relação dos manuscritos do Museu Britanico de interesse para o Brasil". E' um volume de 139 paginas, lançado em 1903 pelo Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Duas contribuições menos significativas completaram seu labor desse mesmo anno. Na Academia Brasileira de Letras, á qual pertencia, pronunciou Oliveira Lima um discurso de elogio á memoria de Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Este elogio foi editado pelo "Jornal do Comercio", consistindo em um folheto de sessenta paginas. Era justo que fosse Oliveira Lima quem falasse sobre a personalidade do historiador mais illustre que o Brasil produziu. O orador nesta ocasião era o fiel continuador da mesma brilhante tradição iniciada por Varnhagen. Em uma casa de ensino do Rio de Janeiro, a Escola Senador Correia, proferiu Oliveira Lima uma conferencia sobre o Japão, publicado logo sob o titulo, "O Japão" (Rio de Janeiro, Laemmert e Cia., 1903, 48 pag.s.).

No anno seguinte, deu á publicidade a unica peça essencialmente litteraria que saíu de sua pena. Foi uma obra dramatica, "O Secretario del Rei" (Paris, e Rio de Janeiro, H. Garnier, 1904). Designava o proprio autor á sua obra "peça historica nacional", de modo que a forma dramatica se utilizava como mero veículo para a apresentação de um episodio historico. A ação da peça se desenvolve em Portugal, durante o reinado de dom João V. O personagem central é dom Alexandre de Gusmão e, embora portuguesa no argumento e na localização, não deixa de ser nacionalmente brasileira, posto que existia na época a mais estreita relação entre ambos paizes, conceituando-se a historia brasileira, como prolongamento da mãe patria lusitana e ligada a essa por nexos intimos e poderosos. Uma das criticas mais interessantes dessa obra é a de Machado de Assis, que, escrevendo na "Gazeta de Noticia", a encomia com as seguintes frases: "ha facilidade e naturalidade, vida e interesse, a reflexão que não peza e a graça que não enfastia". (29).

Este mesmo estudo critico do principio da novela brasileira, conclúe com uma manifestação elogiosa ao extremo, constituindo uma homenagem sincera e espontânea ao talento de Oliveira Lima. Declara Machado de Assis ao finalizar sua resenha —: "Sabemos que os estudos historicos e a observação social e politica são prediletos do nosso illustre patricio. O talento brilhante e solido a instrução paciente e funda, o amor da verdade, tudo isto que o snr. Oliveira Lima nos tem dado em muitas outras paginas, acha aqui, ainda uma vez, aquele laço de espirito nacional que lhe assegura lugar eminente na

literatura historica e politica da nossa terra. Folgamos de o dizer agora e esperamos repeti-lo em breve". (30).

De regresso á sua terra natal, e perante uma das corporações provinciaes de maior prestigio do paiz, o Instituto Arqueologico Pernambucano, o dr. Oliveira Lima proferiu uma conferencia em 1904 sobre a "Vida Diplomatica", publicada devidamente pelo *Jornal de Recife*, em aquele mesmo ano. Em rapida sucessão deu á publicidade outras valiosas contribuições historicas, seu "O Padre Manoel de Moraes", edição do Instituto Historico de São Paulo (1907), um folheto modesto de dezoito paginas. Publicou logo outra conferencia, tambem debaixo dos auspicios do instituto paulista, *José Bonifacio e o movimento da Independencia*. A terceira desta pequena série foi *Gustavo Beyer* (São Paulo, 1907) Em 1908, deu ao mundo seu "Pan-Americanismo: Bolívar, Monroe, Roosevelt.", (Paris, Rio de Janeiro, H. Carnier, 1908). Esta obra, que consta de umas tresentas e cincoenta paginas, oferece em detalhes muitas das ideas americanistas que sustentava Oliveira Lima. Era pan-americanista em seu tempo, firme crente nas potencialidades da União Pan-Americana e no entrelaçamento espiritual e cultural das Americas. Seu sentimento boliviano bem arraigado se acha exposto em diversas publicações. Mais tarde, na série de conferencias que proferiu nas universidades norte-americanas, expoz consisamente seu modo de interpretar o ideario sustentado pelo Libertador. Não se deve pensar todavia que Oliveira Lima fosse um incondicional em face do vital problema da expansão norte-americana e a gradual absorção direta ou indireta dos territorios adjacentes, pertencentes ao mundo hispano-americano. Segundo se expressa em carta o dr. Mario Melo, o dr. Oliveira Lima guardava uma attitude critica em face da politica intervencionista seguida pelos Estados Unidos na Nicaragua e da imposição ao povo cubano da onerosa emenda Platt. Oliveira Lima não foi um exaltado. Seu inato pacifismo conduzia-o invariavelmente por caminhos de concórdia e conciliação. Foi seguido este livro por outro, "Causas Diplomáticas" (Lisboa, Com. Editora, 1908).

Alguns meses após, depois de ardua investigação e paciente pesquisa, Oliveira Lima terminou felizmente sua obra monumental, o "Dom João no Brasil". (Rio de Janeiro, Ed. do "Jornal do Comercio", 1909, 2 tomos, 1149 paginas). Esta obra, de vigorosa ratificação e erudição incomparavel constitue o testemunho mais eloquente de seu talento. Ao mesmo tempo que uma investigação superior, foi tambem uma reinvidicação de uma das personalidades mais mal interpretadas e compreendidas da época da Independencia. Este trabalho volumoso assenta uma conclusão diametralmente oposta á tradicional com respeito á dom João VI. E' em realidade, um panorama historico que parte do ano de 1808, quando o poder real foi trasladado para o Brasil até 1821, quando foi restituída a Lisboa sua preemi-

nencia capitolina. O dr. Max Fleiuss a chama “um monumento insuperável de erudição”. ⁽³¹⁾ A investigação feita por Oliveira Lima nos arquivos de Portugal e do Brasil e o minucioso exame da correspondência diplomática da França, Inglaterra e Estados Unidos, fizeram possível que a figura de dom João VI se destacasse com relevo incontestável. O rei havia sido considerado até então um personagem traidor, fugitivo e pusilânime. Com a aparição desta obra, passou-se a considerar dom João VI como o verdadeiro forjador da incipiente nacionalidade brasileira — labor de incomparável significação e alcance para uma nação-colônia que já sentia as agitações do separatismo. Além de ter uma repercussão tão notável, é provavelmente o melhor dos livros de Oliveira Lima. O autor mesmo assim o considerava.

A crítica foi benevola com apreciações tão encomiásticas que Oliveira Lima passou a ocupar um posto entre os melhores cultivadores da história na América. A falta de uma justa perspectiva havia produzido durante o século XIX uma reação geral em detrimento da verdadeira integridade de dom João VI. Em muitas de suas obras posteriores, sem o mesmo luxo de detalhes, Oliveira Lima volta a tratar do mesmo tema. Impoz-se um contínuo labor de retificação histórica, reafirmando sua tese fundamental cada vez que lhe tocasse tratar do Brasil nos princípios do século XIX. Em sua “*Formation historique de la nationalité brésilienne*” (Paris, 1911) refere-se à influência de dom João VI nos termos seguintes: “Dom João VI era justamente o homem que se necessitava naquele paiz e naquele momento para o desempenho da difícil tarefa de fazer uma nação”. ⁽³²⁾ Tomando em consideração a ofuscação que predominava com respeito ao monarca, junta Oliveira Lima: “Dom João VI não foi guerreiro e felizmente para ele, tampouco foi mártir. Limitou-se a ser, como acabo de dizer, um homem sagaz e bom em proporções que não são as ordinárias de nossa fraca natureza”. ⁽³³⁾ Resumindo mais além seu pensamento acerca deste interessante ponto, escreve Oliveira Lima: “E não é pouco dizer que sua intervenção prática se estendeu a todas as categorias do espírito humano e a todos dos departamentos de atividade social, e que a comemoração daquele monarca poderia fazer-se com a mesma justiça em uma escola, e um quartel, em uma fábrica, em uma granja, em uma igreja ou em um teatro”. ⁽³⁴⁾

Oliveira Lima corrigiu, em seu “Dom João no Brasil”, inúmeros erros crasos, reconstruiu todo um período histórico e restituiu á geral estima um monarca vituperado e caluniado. Não foi em vão que se proclamou esta obra, tanto em Portugal como no Brasil, a obra prima do autor.

Durante a missão diplomática que levou Oliveira Lima a Europa central, esteve dedicado em maior escala a trabalhos de confe-

rencia e á difusão de noções acerca da diversidade de aspetos da vida nacional brasileira. Participou de um congresso de Geografia em Genebra, onde apresentou uma exposição intitulada, "Le Brésil, ses limites actuelles, ses voies de pénétration". Este informe submetido ao congresso appareceu em Antuerpia, como folheto. (1909). Tomou parte destacada em um congresso de americanistas celebrado em Viena, aonde tambem submeteu uma memoria sobre a evolução da cidade do Rio de Janeiro. Chama-se dito trabalho "Sur l'évolution de Rio de Janeiro." (Ambères, ed. de la Mission de Propagande, 1909). Sendo membro deste congresso, conseguiu Oliveira Lima que a lingua portugueza fosse admitida como um dos idiomas officiaes empregados nas deliberações. Durante o mesmo ano proferiu varias conferencias na Universidade de Lovaina, logo publicadas sob o titulo de "La langue portugaise, la littérature brésilienne" (Ambères, 1909). Estas conferencias, uma vez publicadas, foram vertidas para o suéco por seu admirador, Goran Björkman. A 3 de abril do mesmo ano, estando em Paris para participar em uma festa da intelligencia Brasileira, sob a presidencia de Anatole France, pronunciou o distinto brasileiro um discurso que é realmente uma peça critica da obra de Machado de Assis, "Machado de Assis et son œuvre littéraire" (Paris, 1909). Escreveu Anatole France mesmo o prefacio desta pequena monografia. Já fizemos referencia, de passagem, á conferencia pronunciada no "Théâtre de la Monnaie", de Bruxelas. Foi publicada no "Bulletin de la Société Royale Belge de Géographie". (Bruxelas, 1910). Treis anos depois appareceu em São Paulo uma versão da mesma obra. Estando ainda na Belgica, onde realizou tão fecundo labor, proferiu outra palestra em Antuerpia, ante a "Société de Géographie", da mesma cidade. Intitulava-se este trabalho, "Le Brésil et les Etrangers". Apareceu no "Bulletin" da sociedade em 1911. Logo após foi traduzido para o portuguez pelo Instituto Histórico de São Paulo, em 1913.

A influencia de Oliveira Lima entre os Francezes alcançou as maiores proporções durante os anos que precederam, immediatamente, á guerra. Recebeu convite da Sorbona para realisar, em sua cathedra, uma série de palestras sobre a formação da nacionalidade brasileira. Ao apresentar-se ante seu publico, foi muito assinalado o fato de ser Oliveira Lima o primeiro diplomata sul-americano que occupava uma cathedra naquella celebre universidade. Suas palestras que despertaram notavel interesse, constituiram o livro — um dos que mais se conhece — chamado — "Formation historique de la nationalité brésilienne". Quando foi publicado pela primeira vez, em 1911 (Livreria Garnier, Paris) levava um prefacio de M. E. Martinenche, da Sorbona, e um prólogo do eminente historiador das letras brasileiras, José Verissimo. Esta obra, de tão positivo valor para quem aspire a comprehender o desenvolvimento e a formação ethnica e espirital

do povo brasileiro, foi felizmente traduzido para o espanhol por Dom Carlos Pereyra, (Biblioteca Ayacucho, Editorial America, Madrid, 1918). Leia-se o excelente prólogo do tradutor para conhecer-se uma apreciação acertada e delicada de Oliveira Lima. E' particularmente interessante ler estas observações de Carlos Pereyra, tendo-se em vista a discrepancia entre sua propria interpretação historica de certos problemas continentaes e a de Oliveira Lima. O autor do prologo e tradutor, neste caso, é eminentemente equanime e seu juizo é sereno e imparcial. Sintetiza seu criterio a respeito de Oliveira Lima ao escrever, "Oliveira Lima... é um expositor admiravel. Não escreveu um compendio, por mais que este livro apresente todas as vantagens dos bons compendios... E' um evocador". (35)

Enquanto aos meritos do livro mesmo, ninguem mais indicado que o diligente tradutor para assinalar suas virtudes. "E' necessario ler muito para conhecer o Brasil. Este livro não é sinão o portico para entrar no jardim de flora extranha. Dificilmente poderia encontrar-se uma iniciação mais adequada". (36) Para fins de conhecimento geral, com o proposito de que o Brasil deixe de ser o imenso paiz ignorado, a iniciação facilitada por este livrinho é soberba.

No XVIII Congresso internacional de Americanistas, Oliveira Lima apresentou uma memoria sobre "A proteção dos aborígenes brasileiros", modestissimos apontamentos que viéram á luz da publicidade, em Londres, em 1912. Tocava já ao fim sua carreira diplomatica. O natural desejo de dedicar — suas energias exclusivamente aos labores intellectuaes, lhe impeliram para este afastamento definitivo do serviço. Houve, entretanto, más interpretações em torno desta decisão. Publicou algumas notas esclarecedoras no "Jornal do Comercio", reunindo-as em um folheto, (Rio de Janeiro, 1912) onde explicou os motivos e as razões que o levavam a afastar-se das obrigações de uma carreira ativa. Dificuldades pessoaes, invejas e mesquinhas intrigas e o natural aborrecimento que lhe causavam taes circunstancias, obrigaram-no a tomar a resolução de afastar-se do serviço de sua patria e instalar-se tranquilamente em Londres. Nada teve que ver isto com a guerra, pois já a decisão havia sido tomada, muitos meses antes de acontecer aquele desastre. Um espirito tão equilibrado e tão sereno como o de Oliveira Lima, não poudes por desgraça viver isento das contrariedades e dissabores que produzem as rivalidades e os rancores. Entretanto, a convite do presidente da Universidade de Stanford, John Casper Branner, notavel geologo e lusofilo conhecido, Oliveira Lima percorreu os Estados Unidos em excursão academica. Estas conferencias ás quaes se fez referencia formaram um livro que apareceu em treis idiomas. Foi publicado em 1914, em Paris como "Evolução historica da America Latina comparada com a da America Ingleza". (H. Garnier, Paris, 1914). Em inglez, foi editada pelo grande estudioso das cousas do Brasil,

dr. Percy A. Martin, de Stanford, intitulando-se, "The evolution of Brazil compared With that of Spanish and Anglo-Saxon America" (com notas do dr. Martin, Stanford University Press, 1914). Ha, além disso, uma tradução espanhola de A. C. Rivas, publicado pela Editorial America, na "Biblioteca de Ciencias Politicas y Sociales" (Madrid, 1916). Muito de sua ideologia se acha exposta neste livro, particularmente seu ponto de vista americanista. Voltaremos a mencionar esta obra ao tratar sumariamente de Oliveira Lima ideológico.

Em 1917, desejando comemorar o primeiro centenario da revolução de 1817, em Pernambuco o Instituto Arqueologico daquela cidade, autorisou a revisão e publicação do texto da obra do dr. Francisco Muniz Tavares, "Historia da Revolução de Pernambuco, em 1817". Oliveira Lima encarregou-se das copiosas notas que acompanham o texto. Estando por este tempo na America do Sul, percorreu a Republica Argentina, de onde trouxe as impressões para outro volume sobre os paizes visitados. Proferiu em Pernambuco, na ocasião da instalação de uma liga que advogava a proteção da maternidade, um discurso, "Fundação de uma maternidade em Pernambuco", (Recife, 1919). O livro sobre a Argentina apareceu no mesmo ano "Na Argentina: impressões de 1918-19" (São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1919). Esta obra foi traduzida para o espanhol por Valentim de Diego e publicada em Montevideu, em 1920. Estes anos de relativo ocio para os trabalhos intellectuaes lhe permitiram escrever varias obras adicionaes que completam sua bibliografia. A Companhia Melhoramentos de São Paulo publicou em 1921, a primeira edição de sua "Historia da Civilisação" que logo exgotada, passou rapidamente por quatro edições. Este livro volumoso, de mais de setecentas paginas, é um compendio que seu autor denomina modestamente "traços geraes". Tem como finalidade facilitar ao ensino secundario um livro que reuna as condições e os requisitos da moderna historiografia. Oliveira Lima manifesta em seu brevissimo prefacio haver procurado seguir os conselhos de seu antigo mestre, Jayme Moniz que insistia que era de todo impossivel aprender-se historia no curso de um ano academico, e que, portanto, o mais que se podia fazer era ensinar como estudá-la, ou seja, transmitir o metodo mediante o qual se pode aprendê-la. Para este fim é necessario o mestre que oriente ou o compendio que proporcione o minimo de noções para que o estudante tenha a necessaria visão do conjunto. Duas condições distinguem esta historia da civilisação: a saber, muito mais atenção á historia romana, especialmente em seu aspeto administrativo e juridico que tanta influencia exerceu nos paizes ibericos, e segundo, maior espaço dedicado á historia do hemisferio occidental. Assevera o autor, que em muitos textos "a America não recebe quasi atenção, quando, muito pelo contrario, deve ser ela melhor conhecida aos que estudam do que qualquer outro dos continentes, excepção feita do

européu". (37) Ao dizer America, inclue o historiador não só a evolução da America portuguesa, sinão de um modo particular a da America Espanhola e ingleza, entre as quaes existe, pela natureza das coisas, uma relação e afinidade estreitissimas. O livro, em uma palavra, é uma tentativa de sintese, com os defeitos e os vicios que a compressão forçosamente impõe.

Logo veio "O movimento da independencia", 1821 - 1822 (São Paulo, 1922). Trata-se como indica o titulo, das consequencias da partida de dom João VI para Portugal, uma vez liquidada a situação reinante naquele paiz. O movimento de independencia se produziu no Brasil sem relativa precipitação, estando já a nação definitivamente orientada para a separação da coroa portugueza. Estuda o dr. Oliveira Lima a sociedade brasileira durante o ano de 1821, os intentos de Lisboa para manter os laços entre a metropole e a colonia e finalmente a obra de José Bonifacio e as juntas sepatistas — cujas atividades chegaram a seu ponto culminante no grito do Ipiranga e o estabelecimento do Imperio. E' uma época extraordinariamente critica, cujo estudo lança luz sobre as vicissitudes do Brasil independente.

A inauguração da cathedra de "Estados brasileiros" em Lisboa foi confiada a Oliveira Lima em 1923. Os discursos de rigor pronunciados por ele, foram reunidos em um tomo, "Aspetos da historia e da cultura do Brasil" (Lisboa, 1923). O dr. Mario Melo considera este livro, apesar de modesto, o que mais o agradou entre as obras de Oliveira Lima. Representa, naturalmente, o pensamento amadurecido, a reflexão certa e clara de seus ultimos anos. Em 1924, contribuiu com varias paginas do capitulo VII, da "Historia da Colonisação Portugueza do Brasil" (Porto, 1924). Em 1925, publicou seu ultimo livro "Dom Pedro e dom Miguel — A querela da sucessão — 1826 - 1828 — com abundante documentação, especialmente de fontes diplomaticas, esta obra final está dedicada a estudar a época entre 1826 - 1828 até o advento de dom Pedro ao trono.

Duas obras postumas honram seu nome. A primeira é "O Imperio brasileiro — 1822 - 1889" (São Paulo, 1928) e "Dom Miguel no Trono, 1828 - 33" (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933). Este ultimo livro, sobre um tema especificamente portuguez traz um prefacio de Fidelino de Figueiredo. Descreve esta pena amiga as circunstancias que permitiram a composição desta obra final. O dr. Oliveira Lima se achava já retirado, adoentado, quando a empreendeu, aproveitando os materiaes abundantes que existiam em sua biblioteca e nos arquivos diplomaticos de Washington. Uma vida consagrada á exposição da historia de sua patria, lhe havia inculcado um imenso carinho pelo velho Portugal, onde tantas mudanças fundamentais se efetuaram em razão da perda de sua extensa colonia. Seleccionou o reinado de Dom Miguel, periodo de estreitas relações en-

tre as duas nações de fala lusitana. Segundo seu dedicado amigo, Fidelino de Figueiredo, Oliveira Lima impregnou-se do espirito da época, sobrepondo-se aos preconceitos locais, assinalando sua interpretação por um alto sentido politico, de uma vigorosa realidade, concebido em um estilo por vezes sereno e um pouco cético. Seu lusitanismo era sempre um dos fatores predominantes de sua mentalidade. "Na sua admiravel atividade jornalística, não esqueceu os temas portugueses, sempre que eles eram suscetíveis duma critica de espirito universal — aquella amplitude, aquella simpatia e aquella independencia que foram timbres de toda a sua obra e titulos de gloria para o seu nome". (38).

Não podemos, tendo em vista a dificuldade de recopilação, indicar a imensa colaboração jornalística que realizou Oliveira Lima. Sua pena infatigavel servia os interesses do Brasil em numerosos idiomas e larguissima ha de ser a bibliografia definitiva de seus artigos, resenhas, critica e impressões. Mencionamos dois artigos nada mais — de despedida — os dois ultimos publicados antes de falecer, na imprensa do Rio de Janeiro em fevereiro de 1928. Eram "O sentimento alemão nos Estados Unidos" e "A liga de moderação".

A posição de Oliveira Lima é demasiado segura para intentar apreciá-la de novo. "As an investigator, Lima has always gone to the sources; he has the born historian's patience with detail", escreve Isaac Goldberg, cuja admiração por Oliveira Lima é realmente contagiosa. (39) "Não faz cronica; escreve a filosofia da historia de seu pais e da America", afirma o argentino Estanislao Zevallos. (40) Sua capacidade de sintese e ao mesmo tempo de minuciosa analise merecem os elogios de todos os que hão tido em alto conceito a honradez e o metodo escrupuloso na historia. "Oliveira Lima sabe avivar o desejo de conhecer", atesta Carlos Pereyra. (41) Sua exposição cativa, entusiasmo e desperta latente curiosidade. Fidelino de Figueiredo sem necessidade de recorrer a adjetivos floridos ou frases retumbantes que assinalam a adulação angulosa, o chama simplesmente, "o primeiro historiador brasileiro do seu tempo". Esta singela homenagem encerra melhor reconhecimento que largos paragrafos de retorica elogiosa. (42)

Sobrio, serio, seguro de seu proprio valor, respeitoso de tudo e de todos, Oliveira Lima deixou traços profundos na consciencia da America. Cavalheiresco, correto, jamais sonhou com exibicionismo, com exito ruidoso ou com aplausos estrepitosos. Observador penetrante e agudo, a vida portuguesa e brasileira nunca teve melhor interprete. Suas manifestações levam sempre a elevada distinção do perfeito cavalheiro e do perfeito "scholar".

A IDEOLOGIA.

E' sumamente difficil em curto espaço fazer justiça ao pensamento e á ideologia de Manoel de Oliveira Lima. Seu modo de encarar a politica, a religião, a diplomacia e a vida internacional não se acha exposto em uma só obra, sinão esparso entre todas as publicações saídas de sua pena.

Oliveira Lima nunca foi participante das lutas politicas do Brasil, nem associou seu nome a movimento partidista algum. Os muitos anos vividos no exterior e o cosmopolitismo que necessariamente infundiu esta experiencia, afastaram-no perceptivelmente das agitações que convulsionavam o Brasil republicano. O dr. Mario Melo apoia esta afirmação ao dizer que Oliveira Lima vivia "completamente arredio de politica no Brasil". Não implica, desde logo, que tal afastamento haja significado desinteresse ou ignorância. Dedicado ao estudo do passado nacional, não lhe era dado menosprezar o presente nem os rumos politicos que seguia o Brasil contemporaneo. Suas convicções e suas ideias, tanto em politica como em outras esferas, eram claras e firmes. Não era politico. Seu temperamento de estudioso e de erudito o incapacitava para "fazer politica". Chamamo-lo em outro lugar intransigente. Suas convicções intimas eram taes que nem o sitio, nem a ocasião, nem a pressão fariam muda-las ou modifica-las. Um consagrado ao estudo sereno da historia difficilmente pode ser um apaixonado partidario de agrupamentos politicos determinados, dada a evolução que, forçosamente, sofre no curso dos anos. Oliveira Lima examinava a politica como fenomeno na vida nacional, interessando-se profundamente em toda a questão de indole politica que surgiu no Brasil do seculo passado. A politica, em outras palavras, foi a materia prima de suas investigações, porém nunca chegou a ser seu officio, menos ainda sua profissão.

Muitos vêm na aristocracia de seu sangue e de sua formação intellectual a explicação obvia de seu chamado monarquismo. Em que se baseia a afirmação do sentimento monarchico de Oliveira Lima? Este conceito se depreende, em parte, de seu inegavel tradicionalismo, visível através de seus escritos, manifesto sobretudo em seu catolicismo e em seu apego ás formas perduraveis das instituições politicas. Referindo-se á sua analyse da formação historica da nacionalidade brasileira, Pereyra insiste em um "monarquismo demasiado transparente" em toda a sua obra. ⁽⁴³⁾ E' mister considerar cuidadosamente em que repousava este monarquismo. O monarquismo que se lhe attribue residia mais nos elogios que dedicava ao passado Imperio. Reconheceu Oliveira Lima as virtudes de estabilidade e de progresso que a instituição imperial havia assegurado ao Brasil durante os largos anos de sua existencia. Seu monarquismo não pode chamar-se uma convicção de atualidade, de contemporaneidade. Não era convic-

ção vital, aplicável ás situações do presente e desejável para as necessidades do Brasil no seculo em que vivemos. Um velho carinho e admiração pelo imperio não impediram que sua clara intelligencia comprehendesse que com a queda de Dom Pedro, entrou o Brasil em uma nova etapa de sua vida nacional. E' indubitavel que conceituava o Imperio como uma estrutura eficaz que havia proporcionado ao Brasil enorme beneficios, dando-lhe aquela continuidade historica, cuja falta lamentava no resto da America. Nota-se no pensamento de Oliveira Lima o amor pela perpetuidade na coisa publica; condição irremediavelmente necessaria para que o labor de paz, de progresso e de consolidação se efetue. Embora reconhecesse, com pleno espirito de justiça, virtudes no regime instituido por dom Pedro I e continuado por dom Pedro II, não prestava cega devoção ás instituições imperiaes. Escreve a este respeito em sua "Formação historica da nacionalidade brasileira": "O Brasil — Imperio foi então o modelo daquelas republicas, progressivamente amortecidas porque em nenhum outro paiz da America, nem mesmo nos Estados Unidos, considerando as cousas debaixo de certo ponto de vista, houve liberdades mais amplas nem um sentimento democratico mais intenso". (44) Resumindo os resultados deste imperio benefico, continua Oliveira Lima, "Limitemo-nos a recordar sumariamente que no momento de sua queda, o imperio havia resolvido da maneira mais tranquila e generosa, já que não a mais habil e justa, o problema da escravidão, quanto sob o ponto de vista dos interesses dos escravistas, privados de indenização e lançados portanto á ruina. Como quer que seja, com a abolição da escravidão se havia resolvido o mais grave dos problemas economicos e sociaes do paiz, que até então se levantava como uma sombra no caminho do porvir. O Imperio havia conseguido tambem afirmar a preponderancia politica do Brasil no continente por sua constante atividade nos assuntos do Rio da Prata, já contribuindo para a destruição da ditadura legendaria de Rosas, já dirigindo de certo modo á sua maneira os acontecimentos em Montevideo, já desalojando a tirania de Lopes do Paraguay. O Imperio, por ultimo, fez do Brasil, a mais liberal e a mais ilustrada das nações da America Latina. Isto só bastaria para seu eterno louvor". (45)

Reconhecendo assim o brilhantismo da politica internacional do Brasil e a eficacia com que resolvia tão difficil problema interno como a escravidão. Oliveira Lima, com visão de historiador, insiste tambem que o Imperio enfermava por seus defeitos. Dom Pedro II, dedicado de corpo e alma ao progresso moral de seu paiz, e eminente "scholar" em seu proprio direito, se despreocupava da exploração material de seus vastos dominios. "Não estava suficientemente de acordo com o espirito positivo de sua epoca e menos ainda mostrava disposições para estimular os appetites de riqueza, latente, ao redor de si". (46) O grande Imperador era tradicionalista, enamorado do

velho Brasil, do “Brasil historico, dominio de seus antepassados e patria de sua dinastia”. Dom Pedro foi destronado quiça por sua excessiva bondade e a liberalidade com que tolerava o livre direito de expressão de seus suditos. Oliveira Lima não chegou a ser republicano “a outrance”, para quem a palavra monarchico ou monarchia é um anátema. Soube ponderar os meritos e as deficiencias do sistema. Não poudo ser partidario furibundo de um dogma politico, preconcebido e predeterminado. Reconheceu que nos primordios de sua vida nacional, mais convinha ao Brasil a implantação do Imperio estavel e tradicional que a instituição de formas temerarias, teoricas e impraticaveis de governo que talvez houvessem lançado o paiz no caos e na turbulencia. O Imperio realisou uma missão estabilizadora. Oliveira Lima o soube louvar e ao mesmo tempo compreender que seu ocaso e extinção foi obra do destino.

Leiamos seu pensamento no prefacio de seu “Reconhecimento do Imperio”. Ao descrever como o Barão de Itajubá, havendo servido fielmente ao Imperio, deu sua adesão á Republica, continuando dedicado a seus interesses, comenta o dr. Oliveira Lima, “com a sua visão sempre clara dos acontecimentos e dedicação á nação que servia, Itajubá comprehendera perfeitamente que a monarchia americana caíra para sempre e que o dever dos brasileiros residia muito mais na defesa do bom nome do paiz, em promover a continuidade das suas tradições de honra e de civilisação, do que na dedicação platónica e improficua a uma dinastia que mais se suicidara do que fôra derrubada”. (47)

A decadencia imperial foi lenta e natural. Terminada sua missão historica não lhe restaram forças para perpetuar-se. O Imperio com suas liberdades sábias e prudentes, havia sido escola de grandes estadistas, talvez os maiores que haja produzido a America latina. “O Imperio brasileiro, dizia Oliveira Lima mais tarde em um trabalho lido perante a “American Bar Association”, foi o unico paiz que transplantou as instituições inglezas para o solo da America do Sul”. (48) Não teria Oliveira Lima como muitos outros alguma saudade dos bons tempos de Dom Pedro? Talvez, embora Oliveira Lima fosse demasiado historiador para predica em vão no deserto. Leia-se para maior esclarecimento sobre este ponto, o capitulo IX, da “Formação Historica da nacionalidade brasileira”, onde analisa a criação e as etapas iniciais da chamada republica imperial. Em conclusão, Oliveira Lima, era, ao dizer de seu intimo, Mario Melo, “meio propenso ao monarchismo constitucional”. Era chamado de monarchista, porém nunca chegou a militar em nenhum dos agrupamentos monarchistas no Brasil.

Oliveira Lima era fervoroso americanista. Não conceituava o rol das Americas debaixo de um ponto de vista estreitamente exclusivista. Era um devoto, está claro, das potencialidades da America

no concerto internacional. Seu americanismo estava fortemente ligado a seu pacifismo, do qual se tratará mais adiante. Tão elevado conceito tinha da missão do novo mundo que escrevia em sua "Historia da Civilização": "Não é quimerico pensar que o futuro da civilização se acha associado com a America, melhor dito, que a civilização terá de futuro no Novo Mundo sua séde por excelencia. E não se trata de um futuro distante". (49) Ao afirmar que seu sentimento americanista se acha em intima relação com seu pacifismo, queremos frisar particularmente aquelas qualidades da vida dos paizes americanos que mais o impressionavam como potencialmente capazes de influir decisivamente no pensar universal. A organização da paz, si não se originou na America, ao menos teve o mais amplo raizame na consciencia das nações americanas e foi, por conseguinte, mais consistentemente acatada pelas republicas deste hemisferio. Este não é outro sinão o ideario bolivariano, pois muitos dos principios adotados para conseguir o estabelecimento de bases firmes para o concerto pacifico das disputas e dos litigios internacionaes, tem sua origem no pensamento de Bolívar, acerca destas possibilidades. Em um sentido muito pratico, Oliveira Lima era um defensor apaixonado da conquista de um direito internacional baseado na conciliação. Desde 1822, quando se estabeleceu a ideia de conciliação como uma das bases da confederação bolivariana, a America desenvolveu com relativa consistencia esse principio. Oliveira Lima pregava a mesma doutrina que Bolívar havia elevado á categoria de um preceito de conduta internacional. "O recurso da conciliação originado na America foi recolhido pela Europa, a partir da primeira conferencia de Haya", escreve o dr. Enrique Finot em seu luminoso trabalho sobre a contribuição da America á solução pacifica das controversias internacionaes. (50) O Pacto A. B. C. de 1915 consagrou-o formalmente. Este movimento em prol da arbitragem e da conciliação constituia o sonho mais caro do grande brasileiro. Escreve Oliveira Lima em seu estudo comparativo das civilizações espanhola, portuguesa e anglo-saxonia as seguintes observações, acerca da evolução do nosso hemisferio:

"Do sonho grandioso de Bolívar, que só havia podido realizar-se com uma monarquia, como o comprova o exemplo da America portuguesa, nasceu aquela nobre inspiração sua, da qual nos ocupámos antes, do Congresso de Panamá (1826) onde foi estabelecido como principio supremo do direito publico americano, a regra da arbitragem. Este resultado moral resgata por demais amplamente o desastre politico daquela assembléa". (51)

Em outro lugar se refere ao fato de que o Brasil imperial, conservador e liberal, ao mesmo tempo, constituia a sabia realização das ideias de Bolívar. Esta enorme contribuição do mundo americano á paz e á dignidade das nações foi a contribuição maxima de nosso

hemisferio ao progresso e á felicidade das comunidades humanas. Com sobrada razão resumio Oliveira Lima seu conceito, ao escrever: "A participação da America no desenvolvimento do direito internacional, expressão superior da civilização, tem sido conspicua... Coube a America a iniciativa no que diz respeito ao arbitramento geral obrigatorio entre nações, ao principio territorial do "Uti Possidetis", aos direitos dos neutros, a inviolabilidade da propriedade particular em tempo de guerra e ao reconhecimento da igualdade juridica dos estados". (52). Esta aceitação convicta do principio da inviolabilidade territorial e da dignidade juridica dos povos, necessariamente fazia de Oliveira Lima, inimigo acerrimo de toda violação militar e de toda imposição sancionada somente pela força bruta. Apesar de sua admiração pelo que os Estados Unidos haviam alcançado, pelo desenvolvimento social superior que haviam atingido, levantava sua voz contra a politica de intervenção militar. Precisamente porque considerava a missão dos Estados Unidos de importancia capital, condenava a intervenção armada, que trazia como funesta consequencia a extinção da soberania dos povos debeis — a negação perfeita da igualdade juridica. Ouçamos suas declarações lidas perante a "American Historical Association" em 1928 sobre este particular:

"If the leadership of a world so new in to be the lot of the United States, it is owing to the identification of the United States with freedom and peace, not to any device of annexation of land and suppression of liberties. The United States will have to abstain from force if it is to govern tre world morally. Material interests act as a bad counsellor; good advice comes from intelligence, from the centers of education, especially the universities". (53) Declarou-se partidario de uma ordem moral superior, muito acima dos interesses mesquinhos materiaes, "máus conselheiros", segundo sua expressão.

A guerra como meio de solução de conflitos ou como instrumento de exaltação patriotica era profundamente repugnante a este espirito, pacifico e pacifista ao mesmo tempo. "A paz, dizia ele em pleno 1916, quando a Europa se dilacerava em luta cruenta, "é, além disso, igualmente, uma questão de equilibrio politico e de higiene social". Neste mesmo discurso, refletindo, "eu sei que falar de paz á gente que guerrêa apaixonadamente é uma inutilidade — porém si ninguem nunca fala em paz, como poderá vir esta? Pelo exgotamento geral — a paz do sepulcro"? (53) Toda esta bela elocução, valente e honrada, impregnada de sentimentos de paz, foi uma arenga a seus compatriotas para que evitassem a conflagração que naquele tempo devastava e consumia a Europa. Sua voz clamou em vão, pois o Brasil juntamente com tantas outras nações foi arrastado á hecatombe. Suportou Oliveira Lima a censura e a hostilidade dos compatriotas e de estrangeiros por sua devoção ao ideal de paz em meio do apaixonamento da guerra. Escrevia continuamente durante 1916 e 1917,

especialmente no "Diario de Pernambuco" e no "Estado de São Paulo" propugnando pela paz. Sua atitude viril e invariável custou-lhe amizades e popularidade. ⁽⁵⁵⁾ Ninguém qualificou este período da vida de Oliveira Lima melhor que Isaac Goldberg ao escrever: "It is easy Now, with the distance of a few years between us and the end of war that need never have been fought, to proclaim a humanistic, spiritual world unity. It was not easy for Lima while the war was going on; perhaps he, as well as any other, recognized the futility of the efforts to keep at least the western hemisphere of the world sane during the carnage; perhaps this was but an example of what one of his youthful disciples has called his quixotism". ⁽⁵⁶⁾ Transcrevemos algumas notas que nos proporcionou muito gentilmente sua ilustre viúva, tratando de sua atitude durante a Guerra Mundial.

"Minha atitude durante a guerra foi primeiro de imparcialidade e mais tarde de compaixão pelos alemães, atrozmente caluniados pelos aliados em seu esforço militar; martirizados pela fome enquanto a seu elemento civil, como consequência das privações do bloqueio. Minha sincera aspiração foi a "paz sem vitória que o Presidente Wilson proclamou como objetivo em um dos seus planos de ação antes que o Embaixador Page e outros o houvessem arrastado á guerra que o secretario Bryan quiz evitar. Com uma paz sem vitória, a guerra como meio de conquista e de cobiça ficaria desmoralizada. Não obstante eu creio que da guerra alguma coisa nova e boa resultará. O momento histórico em que vivemos é anárquico; a pressão atmosférica é terrível, porém, através do relampaguear, se vislumbra no horizonte a claridade de um novo dia. A humanidade tem direito a esperar algo melhor. Brandes disse que o pensamento independente se acha paralisado. Será talvez substituído por uma consciência coletiva que não será, já se sabe, nem a tirania sangrenta dos soviets, nem a monomania napoleônica da França". ⁽⁵⁷⁾

Este forte sentimento de pacifismo, mantido através dos terribes anos de 1914-18, chegou a constituir uma das grandes satisfações de sua vida. Não era para menos, pois Oliveira Lima pertenceu á minúscula falange dos valentes que durante a horrível prova de quatro anos pôde manter incólume sua integridade intelectual, sua honradez e serenidade de espírito, sem entregar-se á vileza de muitos que se venderam, propagando falsidades, incitando odios e denegrindo gratuitamente o inimigo accidental. Oliveira Lima manteve limpa sua consciência da verdade. Pôde jactar-se com justiça de sua posição imparcial durante o curso do conflito. Esta lembrança nos anos posteriores foi motivo de infinita satisfação.

Entre suas notas se encontra a seguinte declaração: "De duas coisas levo da vida um sentimento grato, ou pelo menos, em duas coisas demonstrei poder ser útil: em rehabilitar a figura de Dom João VI, que, segundo a corrente portuguesa havia sido ridicularizado por

Oliveira Martins, e em haver conseguido manter durante a guerra minha integridade moral. No Brasil, havia por Dom João VI certa ternura compassiva; em Portugal, sem embargo, não havia mais que aversão e desprezo e foi precisamente em Portugal que consegui o efeito maior, pode dizer-se que decisivo. No Parlamento um deputado monarquista fez calar a um deputado republicano que ridicularizava a D. João VI e me contou J. A. de Freitas que os Linhares tinham meu retrato em seu oratorio como o defensor da memoria de sua avó, enquanto que nos periodicos e nos livros a impressão começou a formar-se e radicar-se. Em quanto á guerra, fui, posso dizer, profeta. Via a sucessão dos acontecimentos e compreendi seu alcance. Escrevi uma série de artigos, creio que trinta, sobre as responsabilidades e as consequencias da guerra e teria muito pouco agora que alterar. Foram destinados ao "Estado de São Paulo" que não os quiz publicar depois do primeiro, porque o jornal se entregou á Inglaterra, aceitando do consulado inglez o suborno de 40.000 assignaturas. A cifra pode ser exagerada, mas é aproximada. Fiquei afinal sem jornal. O "Diario de Pernambuco" que me deu boa acolhida e me amparou, teve que desistir pois o Brasil entrou na guerra ao lado dos aliados". (58)

Oliveira Lima foi verdadeiro pacifista e não daqueles que professam a doutrina de paz depois de alcançar a vitoria ou que são pacifistas para os demais povos, porém desistem quando se trata de sua propria terra. Reuniu numerosas notas para um livro sobre a Guerra Mundial que desgraçadamente nunca chegou a escrever. Com respeito ao caso que acabamos de citar e o problema moral de manter certa equanimidade durante o histerismo geral, escreveu "O Imparcial" com acertada justiça:

"O snr. Oliveira Lima é, dos homens de talento e de renome que hoje possui o Brasil, um dos poucos que pensam, falam e escrevem com independencia. Por isso mesmo, e, porque não sabe dissimular, é frequentemente perseguido e caluniado. Ainda agora, ante a guerra europea está sendo ele alvo das hostilidades de que é vitima sempre que toma as atitudes ditadas pela sua razão. Honesto e sincero, odiando as bajulações, maximé quando transformadas em moeda pagadora de elogios inexpressivos, o nosso ex-ministro na Belgica não se deixou levar por sentimentalismos e interesses de raça, e julgou o conflito europeu com a retidão de um juiz imparcial. Isso foi bastante para que os ambiciosos de gloria facil explorassem com o sentido dessas palavras e desse juizo, criando para o eminente brasileiro uma atmosfera de antipatias e prevenções" (59)

Este vigoroso pacifismo era acompanhado pelo mais genuino liberalismo. E' mister que definamos este liberalismo que ostentava Oliveira Lima com tanto afinco. Não era liberal no sentido de indifferente, tolerante simplesmente por carencia de convicções. Crendo

firmemente que certas liberdades são essenciaes para o bem estar humano e para seu progresso moral, Oliveira Lima recebeu um rude golpe em consequencia da Guerra Mundial. Foi a época do desmoronamento de muitas ideologias. O conflito universal deu o impeto á supressão sistematica, ao nacionalismo ilimitado, á coação e á repressão. Para o historiador com uma orientação tão fixa na experiencia coletiva do passado, o novo estado de cousas parecia uma tendencia singularmente retrograda. A maquinaria repressiva do passado infligia ofensas especificas. Em nosso tempo, a heterodoxia politica tem sido tão mal tratada como a religiosa de antanho. "The last war has taught — at least it has taught me — a few things. To begin with, previous to the war. I thought mankind much better, although not as good as the philosophers of the school of Rousseau considered it. Then too, I firmly believed in freedom. But all of a sudden, when it seemed to me that liberties were most necessary, I saw every one of them suspended: liberty of locomotion, liberty of trading, liberty of industry, liberty of opinion, liberty of communicating one's impressions to his friends, liberty, even, of thinking, and not only of thinking aloud". (60)

Relata então o dr. Oliveira Lima quanto fora seu assombro ao ver succeder taes cousas, não na Alemanha, cujos textos e escolas haviam sido apontados como autócratas e chauvinistas, nem na França, onde a justiça havia sido substituida notoriamente pelo patriotismo, mas nas democracias de lingua ingleza, tão orgulhosas de suas liberdades tradicionaes, tão prontas em tempo de necessidade de renunciá-las. Para o verdadeiro liberal como Oliveira Lima, incapaz de jingoísmo (?) ou de patrioteria, a guerra foi uma prova amarga. Sua fé foi suficientemente forte para sofrer a mofa e o escarneio dos patriotas profissionaes sem fraquejar.

Em materia de religião Oliveira Lima era catolico romano e apostolico. Era o prototipo do catolico tolerante. Mario Melo o chama "catolico historico". Em realidade não se preocupava grande coisa com investigações religiosas. Sua obra não demonstrava nenhuma inquietação especial para problemas filosoficos ou metafisicos. Sua mentalidade não era abstrata, de modo que a especulação pura o atraía muito pouco. Ninguem pode duvidar de seu amor e reverencia pela Igreja Catolica. Fez referencia, ao ceder sua magnifica biblioteca á Universidade Catolica, que um dos motivos que havia influido em sua decisão de fazer a doação, foi o desejo, como catolico, de ver seus tesouros formarem parte da primeira instituição catolica de ensino dos Estados Unidos.

Seu catolicismo formou parte inapreciavel de sua herança cultural e espiritual. José Verissimo, descrevendo os traços distintivos de Joaquim Nabuco, emprega termos perfeitamente applicaveis á Oliveira Lima. Verissimo considerava a Nabuco, "catolico propenso ao tradi-

cionalismo monarquico, liberal e aristocratico" — toda uma amalgama que serve para enriquecer sua multiplice personalidade. ⁽⁶¹⁾

E' como bibliografo talvez mais que outra cousa que seu nome ha de perpetuar-se. Na Universidade Catolica de Washington, existe, devidamente instalada, a primeira coleção de Brasiliana fora do Brasil mesmo e uma das maiores da America em existencia. O dr. Mario Melo tem se visto obrigado a escrever a meudo para justificar perante seus compatriotas os motivos que levaram o dr. Oliveira Lima a presentear sua preciosa biblioteca a uma universidade norte-americana. Muitos brasileiros não tem querido compreender a razão desta importante resolução. Oliveira Lima fê-lo em primeiro lugar, porque considerava a cidade de Washington o centro logico da America. Havia nela numerosas bibliotecas, porém nem uma especializada em obras brasileiras. Em Washington, esta nova biblioteca adquiria um significado que no Brasil nunca alcançaria, pois na America do Sul não seria mais que uma coleção entre muitas. Ademais, a Universidade Catolica se comprometeu a transporta-la a Washington e consentiu em nomear ao dr. Oliveira Lima bibliotecario *ad vitam*.

Na data de celebrar-se o quarto centenario do nascimento de Luiz de Camões, fez-se a apresentação formal da biblioteca á Universidade Catolica. Nesta ocasião, Oliveira Lima falou, expressando sua esperança e seu desejo a respeito do serviço que prestaria sua coleção:

"I present to the venerable Rector the library I have donated, a library of 40.000 volumes, collected by me in forty years of time, book by book, pamphel by pamphlet. The opening of this library, with its general section and a section especially Ibero American, and more especially Portuguese and Brazilian, will not only add greatly to the material offered to the students of this country for the scientific knowledge of our countries, but will surely contribute to stimulate such studies and become in this way the best foundation of the Ibero American Institute which Right Reverend Bisshop Shahan was able to foresee. This Ibero American Library is not destined to be a necropolis of old books, many scarce and valuable. It will be in close contact with the cultural centres of Latin America, in order to obtain new publications and so afford the reader a contemporary view of its intelectual movements. I mean to devote to it, as well as to my chair the best of my experience and all of my diligence". ⁽⁶²⁾

Esta declaração foi seguida pela aceitação formal expressada pelo reitor Shahan, que, em frases faceis e adequadas, expressou a gratidão da Universidade pela doação que fazia Oliveira Lima. Algo do que contem esta esplendida coleção, fruto de quarenta anos de paciente organização, pode encontrar-se em um artigo escrito pelo

dr. James A. Robertson, redator da "Hispanic American Historical Review" e publicado na mesma revista em fevereiro de 1920.

Citemos para finalizar este ligeiro e superficial estudo desta grande figura, as palavras uzadas por Basilio de Magalhães, em seu opusculo sobre Adolfo de Varnhagen. Temos proclamado por varias vezes a afinidade entre estes dois preclaros historiadores do Brasil. As seguintes palavras atingem tanto a um como a outro. Sem parodiar, citemo-las textualmente:

"Oxalá tivéssemos a dita de contar muitos homens como esse, não apenas para legar-nos admiraveis compendios de historia, mas para elaborar as nossas leis e empunhar o leme do nosso governo. Pois que o verdadeiro patriotismo não consiste em palavras ocas e retumbantes, como em geral são as da celeuma historica dos parlamentos, da imprensa e das arruaças, e sim na meditada e percuciente visão de conjunto, do dinamismo e das necessidades do paiz, do ritmo no concerto do continente e da finalidade que lhe predestinam, no universo e na historia, os fatores do passado e as forças propulsivas do presente". (63)

NOTAS

- 1 — M. de Oliveira Lima — "Formação historica da nacionalidade brasileira". Madrid. Editorial America, 1918. Tradução e prólogo de Carlos Pereyra, pag. 13
- 2 — Oliveira Lima — "Homenagem dos seus amigos do Rio de Janeiro". Rio de Janeiro. Oficinas Graficas do Jornal do Brasil, 1917, pag. 18.
- 3 — Pereyra, ob. cit. pag. 16.
- 4 — Isaac Goldberg, "Brazilian Literature", New York, 1922, pag. 222.
- 5 — Max Fleiuss, "Apostilas de Historia do Brasil", Porto Alegre, 1924. pag. 6.
- 6 — Graça Aranha. "Machado de Assis e Joaquim Nabuco". São Paulo, 1923, pag. 38-39.
- 7 — Frase de Ruy Barbosa citada por Max Fleiuss na "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Tomo 104, volume 158, pag. 823.
- 8 — Goldberg, ob. cit. pag. 223.
- 9 — Pereyra — ob. cit. pag. 20.
- 10 — "Homenagem dos seus amigos do Rio de Janeiro", pag. 28.
- 11 — "Revista de Historia". Lisboa, volume XVI, pag. 308.
- 12 — Pereyra, ob. cit. pag. 17.
- 13 — Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Tomo 104, volume 158, pag. 836.
- 14 — Idem, pag. 836.
- 15 — Pereyra, ob. cit. pag. 16.
- 16 — Mario Melo, "Oliveira Lima intimo". Buenos Aires, 1920, pag. 5.
- 17 — Idem, pagina 5-6.
- 18 — "Revista de Historia", ob. cit., pags. 241-246.
- 19 — Idem, pag. 249.
- 20 — Martim Garcia Merou — "El Brasil intelectual", Buenos-Aires, 1900, pag. 436.
- 21 — Revista do Instituto, ob. cit. pag. 830.
- 22 — Advertencia citada em Garcia Merou — ob. cit. pag. 436.
- 23 — Homenagem, ob. cit. pag. 27.
- 24 — Oliveira Lima. "Memorias. Estas minhas reminiscencias". Rio de Janeiro, 1937.
- 25 — A parte III destas Memorias trata do tema geral de "Brasil e Estados-Unidos".
- 25 — Garcia Merou — ob. cit. pag. 437.
- 26 — Goldberg — ob. cit. pag. 229.
- 27 — Citado em Garcia Merou, ob. cit. pag. 437.
- 28 — Revista do Instituto, pag. 831.
- 29 — Machado de Assis. "Critica". Rio de Janeiro 1918, pag. 198.
- 30 — Idem, pag. 199.
- 31 — Revista do Instituto, pag. 835.
- 32 — Oliveira Lima — "Formação historica da nacionalidade brasileira", pag. 156.

- 33 — Idem, pagina 155.
- 34 — idem, pag. 172.
- 35 — Pereyra, ob. cit. pags. 13-14.
- 36 — Idem, pagina 13.
- 37 — Oliveira Lima — "Historia da Civilisação". São Paulo, 1922, pag. 4
- 38 — Fidelino de Figueiredo, prefacio de "D. Miguel no trono". Coimbra, 1933. pagina V.
- 39 — Goldberg, ob. cit. pag. 231.
- 40 — Citado por Max Fleiuss, "Revista do Instituto", pag. 825.
- 41 — Pereyra, ob. cit. pag. 19.
- 42 — Revista de Historia, pag. 308.
- 43 — Pereyra, ob. cit. pag. 19.
- 44 — "Formação", ob. cit. pag. 236.
- 45 — Idem, pag. 238.
- 46 — Idem, pag. 241.
- 47 — Oliveira Lima — "O reconhecimento do Imperio". Paris-Rio de Janeiro, 1901, pag. VII.
- 48 — Oliveira Lima — "New Constitutional Tendencies in Hispanic America", em "Hispanic American Historical Review", Volume V, Numero 1, 1922, pag. 25.
- 49 — "Historia da Civilisação", pag. 711.
- 50 — Enrique Finot, "Bolivar Pacifista", New York, 1936, pag. 127.
- 51 — Oliveira Lima — "A Evolução historica da America Latina", Madrid, 1916. pagina 251.
- 52 — "Historia da Civilisação", pagina 709.
- 53 — Oliveira Lima — "Pan Americanism and the League of Nations" em "Hispanic American Historical Review", Volume IV, numero II 1921, pagina 243.
- 54 — "Homenagem", ob. cit. pag. 31.
- 55 — Vejam-se "Memorias", pags. 111-112.
Referindo-se ao caso particular do notavel critico, José Verissimo, o dr. Oliveira Lima relata detalhes dos sentimentos apaixonadamente germanófilos deste: "aliadofilo exaltado e sincero, sem querer fazer disso cabedal para sua reputação de intelectual, armando a popularidade em França com uma glorificação do genio latino crucificado pelo genio germanico, sentia as dores francezas, como se fossem as proprias e estranhou tanto o meu espirito de neutralidade que acabou por mostrar-me de longe certa frieza á qual eu nunca corripondi sinão com affecto".
- 56 — Goldberg, ob. cit. pagina 228.
- 57 — Tomado de algumas notas ineditas facilitadas por dona Flora C. de Oliveira Lima.
- 58 — Idem.
- 59 — Paragrafo do "Imparcial" citado por Mario Melo em sua biografia de Oliveira Lima publicada na "Revista de Historia", pagina 255.
- 60 — Oliveira Lima — "New Constitutional Tendencies", pag. 28.
- 61 — Memorias, pags. 18-19. Nestas paginas acha-se uma definição concisa de sua attitude religiosa. Apesar de certa indiferença, é interessante notar sua expressão de profunda admiração pela abnegação e sacrificio dos jesuitas, que, no seculo XVI, contribuíram de maneira tão notavel á criação de uma sociedade brasileira.
- 60 — "The Catholic University Bulletin", Washington, D. C. volume XXX. Numero 3, 1924, pag. 21.
- 61 — Basilio de Magalhães, "Francisco Adolfo de Varnhagen", Rio de Janeiro, 1928, pag.19.

ALGUMAS OBRAS SOBRE MANOEL DE OLIVEIRA LIMA.

- Bandeira de Melo, A. — “Em defesa do snr. Oliveira Lima”, Recife, 1910, pags. 37.
- Carneiro Leão, A. — “Oliveira Lima”, Recife, 1914, pag. 35.
“Discursos sobre Oliveira Lima”, Lisboa, 1923. Publicados em “Aspectos da historia e da Cultura do Brasil”.
- Faria, Alberto — “Elogio de Oliveira Lima”. Edição da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1929.
- Figueiredo, Fidelino de — “Uma grande figura do Brasil” e “Oliveira Lima na Academia”, em Epicurismos, Lisboa, 1924.
- Fleiuß, Max — “Oliveira Lima”. Conferencia no Instituto Historico e Geografico Brasileiro, a 23 de maio de 1928. Publicada na Revista do Instituto Historico e Geografico, Rio de Janeiro, 1928, tomo 104, volume 158.
- Goldberg, Isaac — “Brazilian Literature”, New York, 1922. O capitulo VI da segunda parte trata de Oliveira Lima.
- Holmes, Ruth E. V. — “Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America”. Washington, 1927, pags. 367.
- McNeil, Paul — “Rare books in the Oliveira Lima Library”. Pan American Union Bulletin. Junho 1935.
- Melo, Mario — “Oliveira Lima intimo”. Texto portuguez na Revista de Historia, Lisboa, 1928, volume XVI. Texto espanhol publicado na Revista de Derecho Historia y Letras. Buenos Aires, 1920.
- Oliveira Lima, Manoel de — “Memorias. Estas minhas reminiscencias”. Rio de Janeiro, 1937. pags. 319.
- Oliveira Lima — “Homenagem dos seus amigos do Rio de Janeiro”. Officinas graficas do Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1917.
- Orbann, Victor M. — “Manoel de Oliveira Lima” — Esboço biografico e literario. Paris, 1908, pags. 19.
- Robertson, James A. — “The Oliveira Lima collection of Hispano Americana”. Publicado em The Hispanic American Historical Review. Volume III, Numero 1, Fevereiro de 1921.

Jean Jacques Dessalines

Fundador do Haiti

Na galeria de libertadores da America, de proceres, cuja intelligencia ou vontade forjaram nacionalidades e crearam povos, entre os Sucre, Bolivar, San Martin, Artigas, O' Higgins, ou Martí, occupa escasso lugar o primeiro entre os haitianos, o creador de Haiti independente, Jean Jacques Dessalines. Em todos os anos, no dia primeiro de janeiro, a republica haitiana celebra o aniversario da historica declaração de Gonaives, celebre manifesto de 1804, quando veio ao mundo a primeira nação soberana da America Meridional. O problema dessaliniano tem sido e é caracterizado por uma multiplicidade de fases, de lacunas e de graves erros de documentação. De todas as figuras imortalizadas pela luta titanica contra os franceses, Dessalines foi o menos destacado, o menos conceituado com nitidez historica e amplitude de perspectiva. Carece do simbolismo de Toussaint e da capacidade creadora de Christophe. Não legou tambem uma herança coletiva de visão e de mansuetude intelectual de Pétion.

Dessalines foi gigantesco, um baluarte e uma atalaya de força indomavel, porém sómente sua ferocidade foi ceticamente registrada pela historia; nunca sua grandeza vulcanica e desenfreada. Faze-lo destacar com relevo clarissimo, com luminosidade inconfundivel é tarefa de primeira dificuldade para a pena que o intente. O problema dessaliniano, como o definimos, não é só tira-lo do olvido e projetar luz aonde só se vêem trevas. E' muito mais. E' eradicar a maldade da fabula, do mito e da legenda que o envolve e que o oculta. Limpar, estudar e apreciar — labor triplice que tropeça com o obstaculo capital — carencia de fontes primarias. O cenario de Dessalines jamais foi propicio ao pacifico cultivo de letras nem á conservação dos vestigios historicos. Seu campo de ação foi demasiado vital, demasiado intenso. A destruição era a nota sobresalente e a guerrilha o metodo. A guerra da independencia de São Domingos teve esta particularidade: enquanto outras colonias, a do sul ou do norte, reclamavam direitos e exigiam privilegios, a luta haitiana foi luta pela existencia

e se diferenciava dos outros movimentos do mundo americano por aspirar a liberdade humana e não simplesmente liberdade política. A America do Sul repelia os espanhoes para alcançar uma dignidade politica; o Haiti exterminava os francezes para obter a propria existencia.

Pretenderemos a largos traços e em breve espaço revelar um negro, um escravo e um imperador. Queremos sintetizar a personalidade e o papel historico de um escravo que chegou a general francez e de um imperador que nunca aprendeu a ler. E' o quadro de um homem que reunia as qualidades primitivas ao serviço de uma causa civilisada. Quem foi na realidade Dessalines? Sucessor de Toussaint Louverture, fundador da independencia de Haiti e imperador durante dois anos efemeris de regime caótico. Os conceitos a seu respeito variam extraordinariamente. Poucos são satisfatorios nem se quadram com a realidade. Lothrop Stoddard o chama muito simplesmente, "this ferocious brute born in the wilds of the Congo".

(¹) Um contemporaneo francez que o conheceu e foi prisioneiro dele, o qualificou de "cruel, irascible e ferouche". (²) Um contendor, o famoso Pamphile de Lacroix, atacante francez de Crete á Pierrot contra Dessalines, o designou "la terreur des noirs". (³) Foi chamado de "plus feroce des hommes", (⁴) Um historiador moderno emprega uma frase não muito distinta: "this ferocious tiger". (⁵) Vandercook, autor conhecido da fantasia "Black Majesty" usa adjetivos fortes, "violent, heedless, unlettered", para caracterizá-lo. (⁶) Não somente existem, como se vê, juizos violentos e apaixonados a respeito de sua personalidade, senão tambem que nos detalhes mais elementares de sua vida ha uma confusão lamentavel — erros que tem tomado lugar em obras de grande seriedade sobre o problema haitiano. Parece que há um afán especial de agregar algum elemento adicional ao grafico e o pinturesco da vida de Dessalines, fazendo-o nascido no Congo. Varios autores o afirmam ingenuamente. Stoddard o diz, Vandercook o repete duas vezes, e o francez Métral fala de Dessalines como nascido "sur les cotes d'Afrique", e com certo traspasso geografico em sua analogia, conclue chamando-o "le Scythe africain". (⁷) Porém, haverá alguém mais irresponsavel que seu primeiro biografo (e quasi o unico) Dubroca, que descreve Dessalines como "o monstro que é objeto desta historia"? Logo acrescenta que suas atrocidades foram taes que "não pode ser comparado senão com os tigres — que habitam o clima ardente que lhe deu o ser". Continua esta mesma resenha biografica, tão parcial, tão ingenua, e tão insolente, ao mesmo tempo, dizendo "este africano feroz que fazia muito pouco tempo havia sido transportado á São Domingos das costas de Guiné". (⁸) A asseveração é ousada e carece inteiramente de fundamento. Não ha por que fazer Dessalines natural da Guiné ou do Dahomey. A proeza de um Dessalines dahomeano parece ad-

quirir maiores proporções que a de um Dessalines nascido humildemente escravo na habitação Cormiers, nas cercanias da Grande Rivière do Nord em Haiti.

Através de décadas, sem que se descerrasse nem uma só vez o veio que o oculta, nos chega este quadro sanguinaro e deshumano. E' o de um imperador negro, brutal e vingativo, movido pela paixão do exterminio, da matança e da perfidia. Os anos gravaram mais indelevelmente que nunca esta apreciação. Algumas vozes isoladas se ergueram para pedir que se lhe applique a rigidez de criterio da historia critica, a mesma honradez de juizo que toda figura de alto relevo merece e requer. Encontramos na obra meritória de Vergniaud Lecomte, algumas palavras medidas, moderadas e repletas de bom senso sobre este tema:

— Os historiadores francezes que descreveram o retrato de Dessalines o apresentaram como o matador de brancos e um ser cujo nome deve horrorizá-los. Os haitianos repetiram sem reparo a opinião dos adversarios a respeito desse antepassado. Não ha por que denegri-lo como o fez Pamphile de Lacroix. Ninguém pode exigir um espirito de justiça de Pamphile, esta consciencia trabalhada pelo preconceito e pela rivalidade. Dessalines não foi desacreditado, porque matava francezes, porque exterminava negros tambem da causa franceza; estas hecatombes eram previstas e inevitaveis, porém atreveu-se este Dessalines ser tão poderoso, que era o unico sobre quem repousava o governo e que poudeser o protetor dos brancos contra os negros insurrectos. Atreveu-se a abandonar o campo branco, burlar os melhores espiritos brancos, preparar uma insurreição, conduzi-la com inteligencia e vontade e chegar á independencia. Ele havia feito desaparecer em São Domingos todas as valentias, toda a atividade, todas as ideias destes representantes da civilização europea: ai tendes a causa do odio contra ele. Sabemos que nada apagará a primeira impressão dada, porém que importa, devemos á posteridade, devemos á verdade, refutar a opinião de que Dessalines foi um cruel e um barbaro. ⁽⁹⁾

Dessalines havia se feito á sombra da colonização franceza. Sua formação se devia ao *Code Noir* e á rigida e inflexivel segregação de raças, á brutalidade impessoal e coletiva que era a escravidão na antiga São Domingos. Leiamos a Moreau de St. Mery e tantos outros que deixaram paginas impereciveis sobre a opulenta colonia franceza em vespas da revolução. Nada menos afagadora e menos digna que a colonia carcomida de 1789. Dessalines nasceu entre 1749 e 1756 — a data é difficil de precisar — pois a quem importaria o nascimento de um escravo anonimo, outro negro entre os mil que infestavam São Domingos? A vida de Dessalines abarca dois periodos separados pelo ano dos anos, 1789, ou seja, São Domingos colonial e São Domingos ante a repercussão dos Estados Geraes, o juramento

da Cancha, e a Declaração dos Direitos do Homem, a São Domingos sacudido em seus alicerces pelo cataclisma revolucionario. Julguemos a Dessalines como protagonista neste cenario violento, que carecia tão completamente de claro-escuro. Julguemo-lo, repetimos, como escravo, e a escravidão nesta terra submetida á França não era cousa de ternura, de mansuetude nem de paz.

Muito antes que Dessalines apparecesse como figura sombria no cenario agitado de São Domingos, muito havia acontecido de enorme importancia para o futuro desenvolvimento da colonia. Já por 1789, o regime colonial, vetusto, arcaico, erigido sobre uma base rigida e estricte de casta, se desmoronava e a corrupção e podridão alcançaram proporções suficientes para que a rude sacudida que se verifica na longinqua Paris repercutisse com violencia e com simultaneidade em São Domingos. As castas coloniaes, estabelecidas em parte pela lei, que, si ao principio havia sido relativamente liberal sob o *Code Noir* de 1685 se haviam endurecido, intensificando-se até que nos fins do seculo XVIII, a colonia vivia subdividida em categorias hermeticamente isoladas uma da outra. Primeiro, os “grandes blancs”, os fazendeiros e ricos estancieiros, os donos verdadeiros da justiça, do governo e das terras; logo os “petits blancs”, a classe artesã e trabalhadora, ás vezes, apenas superior em condição de vida aos proprios escravos, e de quem um refrão creoulo dizia que bebião aguardente de cana e comiam cassava como os negros escravos. Além destas duas grandes classes de brancos, havia os “affranchis”, gente de cor livre, ou que havia sido libertada, que incluia negros e mulatos, e constituia numericamente uma classe quasi igual aos brancos. Pessoalmente livres, não tinha esta classe numerosos direitos e sofriam grandes restrições a respeito de sua vida economica. Folga dizer que para eles a vida politica estava vedada. Finalmente, a base e fundamento da sociedade colonial eram os escravos. Contra uns 30.000 brancos, 28.000 livres, achavam-se na colonia em vespas da revolução franceza uma totalidade de quasi meio milhão de negros, cuja mortalidade era tão elevada que se nota uma importação anual de trinta mil africanos para suprir as perdas ocorridas na colonia. ⁽¹⁰⁾

Talvez seria excessivamente difficil encontrar uma sociedade mais depravada socialmente e mais opulenta economicamente. S. Domingos era o paraíso do fazendeiro bem instalado, dono de numerosos escravos e fazendo caso omisso de quaesquer limitações á sua autoridade que impuzessem os estatutos da metropole que antes luziam nesta França ultramarina como letra morta. Em meio desta sociedade, estalou com a violência de um terremoto a revolução franceza. São Domingos, como era logico, tardaria algum tempo em reagir. Os acontecimentos metropolitanos se adeantariam antes que a colonia respondesse ás grandes mutações que se efetuavam na Europa. Durante um bom tempo, os brancos manteriam com mão ferrea sua autoridade

decadente. Porém somente por algum tempo, porque os acontecimentos se desenrolavam com intensidade e velocidade assombrosas. Os Estados Geraes, a abolição do feudalismo, a Declaração dos Direitos do Homem, todos estes sucessos encheram de pavor e de incerteza a minoria governante de S. Domingos. A massa amorfa e inarticulada dos negros seria uma horda irresistível, uma vez que a voz da liberdade e de direitos chegasse a seus ouvidos surdos. Exigiria tempo, e alguns anos transcorreriam antes que o sentimento de turbulência e de revolução penetrasse até o fundo social da colonia.

Não implica isto que a massa negra houvesse aceito docilmente e sem protesto através dos anos a subjugação desapiedosa e a dominação autoritaria dos colonos. Isoladamente, um que outro escravo havia em epocas distintas pretendido sacudir as cadeias da servidão que os atava. Um Makandal, pelo ano de 1750, africano de nascimento e dotado de uma intelligencia privilegiada, destacou-se entre os escravos. Inculcando uma devoção religiosa em seus adeptos, infundindo nos negros pouco a pouco, ideias de vingança e de rebelião, sublevou-os em 1758, provido de um plano de ação perfeitamente definido, para envenenar os poços, matar os brancos, e aterrorizar as grandes plantações em que se dividia a colonia. Makandal era um messias africano, cuja profecia consistia em que a rica terra de São Domingos pertenceria irremediavelmente aos negros no curso do tempo. Fracassou sua rebelião, porém foi precursora de outros movimentos similares mais perigosos e mais frequentes. Não era nem o primeiro nem o ultimo. Escravos fugidos, que escapando dos rigores da escravidão, se refugiavam nas montanhas inacessíveis, formavam nucleos que ameaçavam constantemente os colonos. Estes grupos de "marrons" ou fugitivos seriam anos depois um factor primordial na cruenta guerra da independencia.

Si afirmamos que os escravos não sentiram efeito algum com as deliberações em Paris, não podemos asseverar o mesmo no tocante á segunda classe — os livres. Gente sem privilegios, nem direitos e sem garantias, porém a meudo instruidos, capazes e perfeitamente concientes de sua condição, os livres seriam os primeiros a provocar a ira dos grandes colonos e os que iniciariam o violentissimo movimento para a liberação da raça.

Desde 1788, quando a decisão de convocação dos Estados Geraes chegou a conhecer-se, os colonos reclamavam representação e o direito de ser considerados como parte integrante da nação franceza. Quem teria este direito de representação na magna assembléa franceza? Para os colonos não podia haver mais que uma resposta: os brancos unica e exclusivamente. Os livres estariam rigidamente excluidos das eleições para a seleção de delegados. Depois de grandes discussões e largas supplicas, seis delegados da colonia foram admitidos em Paris. Sua opposição a tudo o que fosse concessão de maio-

res privilegios aos livres se fez patente. Resumamos em uma palavra esta etapa critica. Defendendo um sistema cerrado e exclusivista, negando-se a estender a declaração dos direitos pessoaes aos que eram igualmente homens exceto em côr, constituindo uma força uniformemente reacionaria na Assembléa Nacional Constituinte, os portavozes da colonia provocaram, por sua intransigencia, o primeiro conflito em 1790, em São Domingos. Não tardariam os mulatos a manifestar-se, maximé, quando alguns dentre eles se achavam em Paris, durante as sessões tumultuosas da Constituinte. Entre eles, nota-se Vicente Ogé, mulato livre de São Domingos. Dissimuladamente, regressou a colonia, e juntamente com Jean Baptiste Chavannes, projectou a primeira sublevação revolucionaria. Ocorreu dito movimento em 1791. Os mulatos livres se associaram á manifestação de Ogé, exigindo a promulgação do decreto de 28 de março de 1790, concedendo aos livres direitos eleitoraes. A rebelião foi destinada, não obstante, a uma finalidade tragica. Aniquiladas suas exiguas forças, os dois agitadores se refugiam na parte espanhola da ilha, donde foram devolvidos ás autoridades francezas. O processo sumario e a execução brutal constituem evidencia horripilante e concludente da animosidade e do apaixonamento dos colonos, vitimas, sem duvida, de um espanto ilimitado ante a ameaça de uma sublevação geral.

Quem lêr o decreto de morte de Ogé e de Chavannes compreenderá melhor a sociedade em que atuavam. Foi ordenado que se lhes rompesse vivos, na roda, com as faces voltadas para o sol, e que se os decapitassem, para que as cabeças, jorrando sangue, se colocassem em estacas sobre os dois caminhos principais que conduziã ao cabo Francês. Qual foi o efeito deste movimento, desditosamente impotente, sobre a mentalidade dos escravos? Seria difficil de dizer. Ogé e Chavannes não haviam tomado a iniciativa de rebelião para libertar os escravos. Ogé havia prometido solenemente que seu proposito era obter direitos para os livres exclusivamente. A sorte da massa escrava não haveria variado, provavelmente, no caso do sucesso dos fins de Ogé e seus colaboradores.

Não obstante, poucos mezes depois, em agosto de 1791, uma sublevação mais vasta e mais complexa estalou entre os escravos. Notavel por sua violencia encarniçada, foi capitaneado este assalto aos baluartes coloniaes por Boukman, Jean François, Jeannot e Biossou. Boukman foi o chefe do levantamento inicial. Africano de grandes proporções, de vigorosa personalidade e sacerdote de coudú, havia se distinguindo na platação Turpin. Empregava o culto voduistico como instrumento de propaganda e de difusão da rebelião. Não se pode exagerar a importancia capital do voudú na formação dos espiritos e no estabelecimento da coesão necessaria para o levantamento simultaneo e unanime dos escravos. A rebelião de agosto de 1791 chegou a todos os confins da grande chapada do norte. Empregava-se

o incendio, a matança e a tortura para destruir os brancos, sem distinção entre homens, mulheres e meninos. A teia incendiaria de Boukman chegou até o Cabo, mantendo a colonia inteira atemorizada durante as semanas de sua duração. A revolução estendeu-se com rapidez vertiginosa a grande numero de plantações onde existiam fortes nucleos de escravos. Em novembro do mesmo ano, arribou a São Domingos a primeira comissão civil, composta de Roume, Mirbeck e Saint Léger, encarregada da pacificação da ilha. Terminou com este acontecimento a primeira época da revolução. ⁽¹¹⁾ Quando é que Jean Jacques Dessalines aparece como participe no drama sangrento que se desenrolava em São Domingos? E' difficil dizer com exatidão. E' natural que haja incerteza a respeito da data de seu nascimento, as condições de sua vida e sua aparição inicial entre os insurgentes ativos. Antes de tudo, o nascimento de um escravo não era um acontecimento de primeira ordem, e carecia de significação exceto para o dono a quem lhe agradaria que um braço a mais se acrescentasse aos outros. Dessalines parece haver nascido em 1758 e alguns dizem a 20 de setembro, embora as opiniões variem, na plantação Cormiers na comuna ou districto da Grande Rivière du Nord. ⁽¹²⁾ Sua condição era algo especial, por ser escravo de um negro, apelidado Dessalines, nome que Jean Jacques adotou mais tarde, abandonando aquele de Duclos, o seu proprio. ⁽¹³⁾ Supõe-se escravo fugitivo, dos "marrons" que havia fugido das plantações. O fato de que haja ou não tomado parte na rebelião de Boukman é duvidoso. Seu biografo, Dubroca, apaixonado e mal informado, afirma que Biassou o promoveu no exercito por haver dado morte feroz a 300 brancos, colocando as cabeças das vitimas em estacas. Acrescenta o mesmo autor, sem oferecer provas, que "reunido ás bandeiras de Biassou não tardou Dessalines em distinguir-se entre os chefes negros". ⁽¹⁴⁾ A inexatidão habitual desta autoridade e a pobreza de seu folheto que pretende ser biografia, não oferece garantia alguma de veracidade enquanto a esta fase de sua carreira. Insinuou-se que participou da expedição de Ogé, com a idade de trinta e dois anos, entre os 250 homens reunidos por aquele chefe livre para o ataque ao Cabo. Menos provavel todavia parece esta associação devido a seu caracter de movimento politico dos livres sem que os escravos tivessem interesse em seu exito.

Sucessos de enorme importancia ocorreram entre 1791 e 1794, anos decisivos para a colonia em caos. Chegou a São Domingos a 18 de setembro de 1792, uma segunda comissão civil, dirigida por Santhonax, jovem advogado parisiense, encarregado de endireitar a torcida situação colonial. Estes anos criticos viram a Europa inteira coligada contra a França, depois da queda da monarquia, para impedir o avanço das ideias revolucionarias. Em São Domingos esta situação refletiu-se na invasão dos inglezes e a hostilidade da Espanha,

desde sua possessão de São Domingos. A 29 de agosto de 1793, Santhonax proclamou a abolição geral da escravidão no norte, e dito decreto foi sancionado pela metropole, mais tarde quando a abolição completa foi promulgada debaixo da data de 16 Pluviose do Ano II (4 de fevereiro de 1794).

Simultaneamente com estes acontecimentos de funda significação, fez sua aparição a excelsa figura de Toussaint Louverture, o primeiro entre os negros e que exerceria durante estes ultimos anos do seculo uma profunda influencia nos destinos da colonia. Nasceu escravo em 1743, e feito militar aos 50 anos, Louverture participava da grande rebelião dos negros em 1791, e logo passou ao serviço da Espanha, quíça, para obter a preparação militar que lhe fazia falta. Desligado da causa espanhola, Louverture jurou lealdade á França e combateu gloriosamente em seu serviço contra rebeldes internos, ingleses, e finalmente contra a gente de côr no sul, sob as ordens de Rigaud. Durante o ano de 1795, foi elevado ao posto de general de brigada, continuando a luta desesperada contra o invasor britânico. Observa Toussaint em suas Memorias que na batalha travada no dia 26 de agosto de 1795 entre varios militares, Dessalines se havia distinguido por seu valor e seu talento de soldado. ⁽¹⁵⁾

As brilhantes atuações das forças sob as ordens de Toussaint e dos demais chefes militares, permitiram-no, em 1797, desprender-se de Santhonax que havia decidido permanecer na colonia depois das eleições para novos deputados de São Domingos. Por estratagemas, Toussaint obteve sua partida, deixando a colonia indiscutivelmente em suas proprias mãos. O directorio de Paris, pouco satisfeito com a ascensão sensacional de Toussaint, designou ao general Hédouville para uma nova missão em São Domingos, desembarcando este comissionado em abril de 1798. A evacuação da colonia pelos ingleses e a consolidação da autoridade de Toussaint, não fez esperar por muito tempo a manifestação de rivalidade entre Hédouville e o chefe de côr. Toussaint levantou-se contra o representante metropolitano, declarando-se, por conseguinte, em franca rebelião. Hédouville se achava incapacitado para oferecer resistencia a Toussaint e sua decisão na delicada situação que o afrontava legou a São Domingos uma herança funesta para os interesses da população de côr. O general francês exonerou a Rigaud —, comandante no sul, de toda obediencia a Toussaint, incitando-o em forma indireta á luta fratricida entre suas proprias forças e as de Louverture. Andrés Rigaud, que ja se havia destacado na luta contra os ingleses, era mulato, nascido em Aux Cayes, e tomou as armas contra Toussaint em 1799, para logo ser desterrado para a França, em razão da derrota decisiva em 1800. Observa o militar francez Pamphile de Lacroix que os mulatos se agrupavam em torno de Rigaud contra os negros que invadiam o sul, convertendo-se a guerra em luta frenetica e encarniçada, sem que

houvesse nem compaixão, nem perdão entre as forças beligerantes. ⁽¹⁶⁾ Dessalines participou desta campanha debaixo das ordens de Toussaint, distinguindo-se na opinião de Lacroix como "un des êtres les plus féroces qu'ait produits l'humanité". ⁽¹⁷⁾ e, que, segundo a voz publica, aniquilou mais de dez mil pessoas de côr na terrível marcha através da península do sul de Haiti. Dessalines e Toussaint triunfaram implacavelmente contra a resistencia desesperada de Rigaud e Pétion. A ferocidade proverbial de Dessalines, segundo seu futuro secretario, Boisrond Tonnerre, foi consideravelmente mitigada durante a pacificação do sul, especialmente depois do sitio da cidade de Jacmel, onde se lhe atribuem atos de verdadeira moderação e humanidade. ⁽¹⁸⁾ Apenas alcançado o objetivo immediato da reconquista do sul, Toussaint voltou a seu projeto cubiçado da invasão da parte este da ilha. Correspondeu essa expectativa ao calculo de Louverture de diminuir o mais possivel a autoridade franceza e unir a ilha inteira sob sua dominação particular. Nos primeiros dias de 1801, começou a invasão e logo após algumas escaramuças, a cidade de São Domingos caiu em poder das tropas de Toussaint. O feliz termo das hostilidades provocou a proclamação da Constituição de 1801, votada a 9 de maio daquele ano. A autonomia da ilha foi definitivamente resolvida e Toussaint nomeado Governador Geral vitaliciamente com direito a escolher seu sucessor. A assembléa responsavel por esta decisão transcendental, tomou, além disso, numerosas medidas para a tranquillidade geral e a prosperidade material da colonia.

Toussaint dedicou enormes esforços na organização do Estado, designando o General Dessalines para a direção militar dos departamentos do sul e do oeste. Para afiançar mais sua intenção de intensificar o cultivo das terras, fez com que o general Dessalines se convertesse em agricultor, como proprietario de trinta e dois engenhos assucareiros. A energia militar de Dessalines manifestou-se interessadamente nesta nova empresa, derivando-se desta exploração de sua direção entradas que ascendiam anualmente a uns cem mil francos cada uma. ⁽¹⁹⁾ Duraria esta situação de relativa autonomia sem que se procedesse á separação de França? O primeiro consul via o problema de modo distinto e não tardou em enviar a famosa expedição sob as ordens de seu cunhado Leclerc para a submissão de São Domingos. Partindo de França a 14 de dezembro de 1801, a frota franceza chegou á bahia de Cabo Francês a 28 de janeiro do ano seguinte. A organização militar naquele momento, sob o mundo supremo de Toussaint era adquada e completa. Dessalines ocupava a direção militar em St. Marc., enquanto que Christophe, Vernet, Maurepas e outros de igual categoria ocupavam postos de notavel responsabilidade no governo autonomo. ⁽²⁰⁾ Alega Lacroix que Dessalines por este tempo não descansava no seu esforço para inflamar os animos e des-

pertar as paixões contra os franceses, insistindo que sua reaparição em São Domingos não significava outra coisa que o restabelecimento da odiada escravidão. ⁽²¹⁾ Leclerc desembarcou em Cabo Frances, em uma cidade incendiada por ordem de Christophe, seu comandante. A destruição deliberada da capital era já signal de resistencia e da opposição de Toussaint, a todo intento de reduzir a ampla autonomia que o mesmo havia creado para a colonia.

Dessalines, de St. Marc inaugurou uma campanha de matanças e de incendio sem igual nos anaes de São Domingos. Raivoso em seu odio aos francezes, fez com que se disseminasse o assolamento, a rapina e o saque por toda a região do Artibonite. Quando chegou a noticia de que os francezes marchavam sobre St. Marc, Dessalines annunciou o incendio da cidade. St. Marc era um praça fortificada, posto que os inglezes haviam levantado muralhas para sua defesa em 1793-94. Em fins de fevereiro de 1802, Dessalines, ao certificar-se de que o general Boudet se aproximava, ateou fogo a tudo, repartindo fachos entre seus sequazes, e logo incendiando pessoalmente sua propria residencia suntuosa. ⁽²²⁾ O incendio generalizou-se encontrando os francezes a povoação reduzida a escombros e á cinza. ⁽²³⁾ A ferocidade de Dessalines não conheceu limites. Antes de abandonar St. Marc, fez com que se matassem duzentos francezes, e conduziu até o interior outro numero crescido. ⁽²⁴⁾ A via crucis dos brancos os levou até Varretes, Petite Revière e a plantação Chirry. A chegada de Boudet a Varretes foi para encontrar o horrivel espectaculo de 800 brancos exterminados por ordem de Dessalines. ⁽²⁵⁾ Durante os dias 22 e 23 de fevereiro, Dessaline ordenou a matança dos francezes na Petite Rivière de l'Artibonite. Escutemos as palavras do naturalista francez, Descourtilz, testemunha ocular dos horrores desta larga peregrinação através dos campos haitianos. Quatro mil tresentos prisioneiros mais ou menos, eram conduzidos por Dessalines, cuja sorte dependia exclusivamente de sua ferrea vontade. Descourtilz descreve a ansiedade de que era vitima durante estes dias angustiosos em presença de Dessalines. Sobresáe nessa interessantissima cronica o conhecido incidente quando Descourtilz, ameaçado com a morte ás mãos de Dessalines, foi salvo, graças á humanitária intervenção de Madame Dessalines. Passemos a palavra a M. Descourtilz: "Eu caminhava para o suplicio, quando sua esposa, tremendo e alarmada abraçou-se a suas pernas para pedir-lhe que me perdoasse. Não, gritava mme. Dessalines, abraçando-se de novo a seu esposo furioso, que a repelia sempre. Não, que ele não se vá, gritava ela. O tigre ficou perplexo. Um movimento divino que ele não conhece, logra amortecer por um instante o aspecto de seu ressentimento. Fez-se compassivo pela primeira vez em sua vida". ⁽²⁶⁾ M. Descourtilz salvou-se finalmente debaixo da cama do quarto de Madame Dessalines, ocultando-se por indicação dela. A misericordia da esposa de Dessalines provocou o

qualificativo de “ange de paix e de Miséricorde”, do haitiano Snt Rémy. ⁽²⁷⁾

Esta marcha trágica de St. Marc foi o preludio da batalha de Crete à Pierrot, evento militar de primeira importancia e de alcance extraordinário para as fortunas da colonia. A fortificação que tinha este nome ficava a oito leguas de St. Marc, entre aquela cidade e Porto Príncipe. Havia sido construida pelos inglezes, e logo ocupada pelos negros, havendo-se convertido em deposito de materiaes de guerra. A ação verificou-se em principios de março, sendo um dos encontros, ao lado daquele da Ravine à Couleuvre, mais porfiados e sangrentos da guerra. Dessalines comandava, secundado por Magny, Lamartinière, Monpoint e Larose. Havia um destacamento de uns 1.200 indigenas para defender a posição contra uma força franceza notavelmente superior. Descourtilz, muito afortunadamente para a posteridade, esteve presente na fortaleza durante o sitio, em contáto continuo com Dessalines. O terrivel comandante infundia coragem e valentia á suas escassas forças com arengas fogosas, tendentes a despertar o desprezo para a vitalidade e a resistencia dos francezes. Empregava o general negro uma linguagem persuasiva: “Grand vent petite pluie”, costumava dizer, para que se compreendesse que a chegada e a invasão de grandes forças metropolitanas não inquietava aos indigenas que contavam com o clima, chuvas e fatores naturaes para eliminar os invasores. ⁽²⁸⁾

Hardy, Rochambeau, Lacroix e Boudet acometeram as posições indigenas. O sitio durou a maior parte do mês de março. Descourtilz descreve os sofrimentos inacreditaveis dos valentes defensores que resistiam sem poder romper a linha intáta dos francezes. Privados de agua e de comestiveis, os soldados negros chupavam as balas de chumbo na vã esperança de extrair algo que apasiguasse a sede que os atormentava. Sofriam, acrescenta o naturalista prisioneiro, “sem queixar-se, pela esperança de vingar-se”. ⁽²⁹⁾

Dessalines abandonou a fortaleza em busca de novos reforços, quando o galante defensor Lamartinière decidio a evacuação, obra de consideravel destreza militar, posto que as tropas negras tiveram que abrir caminho por entre as fileiras francezas, realizando uma das façanhas mais destacadas em qualquer guerra. Lacroix tributou sua admiração pelo valor e intrepidez dos audazes ex-escravos. A defesa custou caro ao general Leclerc, notando o perito militar Poyen que assediar 1.200 negros representou uma perda de mais de 1.500 soldados entre as forças francezas, sem que o exito de armas finalmente alcançado compensasse semelhante sacrificio. ⁽³⁰⁾ A penetração sistemática de Leclerc, sua vantagem indiscutivel em materiaes de guerra e o numero de homens disciplinados a sua disposição, decidiram a submissão dos chefes indigenas, exgotados pela incessante guerrilha que haviam conduzido contra os francezes.

Tudo parece indicar, embora as crônicas, especialmente as contemporâneas, confundam algum tanto os detalhes, que o general Christophe foi o primeiro a submeter-se a Leclerc, e esta submissão trouxe como consequência inevitável a de Toussaint e de Dessalines. Poyen insiste em que Leclerc convidou a Christophe a que se rendesse, sob garantia, e que este tomou a responsabilidade de tratar da questão de submissão com Toussaint em Ennery. ⁽³¹⁾ Assevera-se em outra fonte que Christophe insistiu primordialmente em garantias para suas tropas e a conservação de posto de sua officialidade. Não somente para si, sinão também para Dessalines e Toussaint igualmente. ⁽³²⁾ Afirma Lacroix que Christophe provocou a submissão posterior de Dessalines e finalmente de Toussaint. ⁽³³⁾ Nas memórias de Toussaint já citadas, aparece sua própria explicação dos fatos, dizendo que convidou Dessalines a que se entrevistasse com ele e o persuadiu que se submetesse, que o bem estar do paiz o exigia, e que ele conservaria seu mando em tal caso. ⁽³⁴⁾ Em maio de 1802, Leclerc suspendeu o decreto contra Louverture, restituindo-lhe suas faculdades de cidadão. A paz fez-se aparentemente entre os rebeldes e o chefe francês. A decisão de submeter-se a França levou Dessalines ao Cabo Francês para sua primeira conferencia com Leclerc. Ouçamos a descrição de Pamphile de Lacroix que o conheceu nesta ocasião, vendo-o, em sua chegada ao Cabo. “Encontrei na ante-sala o general Dessalines. O horror que me inspirava mantinha-me afastado dele. Perguntou quem eu era, aproximou-se de mim e sem olhar-me disse em voz rouca: “Eu sou o general Dessalines. Nos tempos passados ouvi falar muito do senhor”. Sua maneira e postura eram selvagens. ⁽³⁵⁾

Foi essa submissão dos chefes de côr uma verdadeira adesão á causa franceza? Não é licito duvidar, posto que o proprio Leclerc já-mais deixou de suspeitar das intenções de Toussaint. A rendição havia correspondido a uma necessidade absoluta. Talvez que esta rendição aparente desse tempo a que os poderes aliados de Toussaint e de Dessalines — o clima e a epidemia — realizassem o que o exercito tardaria em efetuar. Toussaint havia se retirado para a plantação George, nas cercanias de Ennery, onde se ocupava de seus trabalhos campestres sem querer, segundo as apparencias, imiscuir-se ativamente em assunto de natureza politica. Os antigos colonos reclamavam, com crescente insistencia, que Leclerc reconhecesse seus supostos direitos. O comandante geral cedeu diante da pressão dos proprietarios da colonia e procedeu á detenção de Toussaint, medida temeraria e perigosa, em vista da enorme popularidade de que gozava o chefe negro. No dia 7 de junho de 1802, procedeu-se a detenção de Toussaint; conduziram-no a Gonaives de onde foi deportado para a França.

Era difficil discernir com clareza as possiveis consequencias da decisão tomada por Leclerc. Os principaes subalternos de Toussaint, Christophe, Pétion, Dessalines, Maurepas eram precarios partidarios

da metropole. Qual seria sua atitude ante a surpresa e má fé de Leclerc? A tranquilidade manteve-se temporariamente. Era inevitável que Christophe e Dessalines, afóra os mais destacados dentre os militares indígenas, temessem a possível repercussão da politica de Leclerc. Tous-saint havia caído, nas ciladas armadas pelos representantes de Leclerc e deportado para a França para morrer de sentimento e de frio na masmorra de Joux. Dessalines sobresaía-se, indubitavelmente, como o chefe logico entre os negros. Era facil supor que um justo temor o induzisse a desconfiar da aparente benevolencia da politica de Leclerc. ⁽³⁶⁾

Charles Belair, negro de extraordinaria inteligencia e intrepidez, levantou-se contra Leclerc, por motivo da campanha deste para desarmar os insurgentes em todo o São Domingos. O levantamento de Belair teve consequencias desastrosas. Uma antiga rivalidade com Dessalines conduziu á feroz supressão por este ultimo da intentona de Belair. Sua detenção efetuou-se e depois de detido com sua esposa, Dessalines os matou com tresentos negros do 4.º Regimento que se achava sob as ordens de Belair. ⁽¹⁷⁾

Dessalines, não obstante, obedeceu por muito pouco tempo a Leclerc. O regime de terror inaugurado pelo governante frances atemorizava os chefes de côr. A defecção sobreviria na primeira ocasião propicia para o abandono das fileiras metropolitanas. O grito de alarma e de rebelião havia de repercutir por todos os campos e montanhas da ilha. Durante a noite de 13 para 14 de outubro de 1802 na pequena aldeia de Haut du Cap, nas cercanias da capital colonial, Clervaux e Petion proclamaram o levantamento. Dessalines não vacilou em aderir, levando consigo as tropas negras de seu comando. A deserção foi geral, entrando a rebelião em sua ultima fase: o aniquilamento das forças francezas.

Este abandono da causa metropolitana pelos negros teve sua explicação no temor que as represalias e o terror de Leclerc havia difundido na mente da população de côr, e a convicção frenetica do chefe francês de que só a destruição da maior parte da raça que povoava a colonia poderia restaurar a autoridade da metropole e assegurar a tranquilidade que havia prevalecido durante o tempo da escravidão.

Ao mesmo tempo é curioso e profetico observar que se discutia na França a restauração da escravidão nas ilhas ultramarinhas de seu dominio. Que poderemos concluir da intenção verdadeira da França, quando lemos nas colunas do "Moniteur Universel", de 30 Floreal do Ano X (1802) a seguinte expressão do deputado Bruix?: "E' necessario que os negros em grande numero sejam escravos. Tudo o exige; a segurança do colono, a atividade do cultivo, a conservação das colonias e o interesse do tesouro publico, comercio e fazenda". ⁽³⁸⁾ O mesmo deputado da nação franceza, durante esta

epoca de pleno consulado, gritou a seus pares, em energico protesto contra a iniquia libertação dos escravos: "Poderia contar a França com suas colonias povoadas por negros livres?" Na mesma sessão celebre, impulsionado pelo sentimento de indignação contra uma politica debil que permitia que os negros alcançassem liberdades, o deputado Rignault considerado pelo "Moniteur" como "orador do governo" fez saber sua opinião de que "o interesse das nações continentaes creou e sancionou este meio unico de cultivo que é a escravidão, a qual nenhuma delas pode renunciar sem perder suas vantagens no equilibrio da Europa e sem baixar do posto ou nivel em que se encontra". (39). Taes palavras expressadas com autoridade pelos representantes do povo francez jamais poderiam reconciliar-se com as ardentes aspirações dos ex-escravos. Quer se conhecesse em São Domingos ou não a natureza destes discursos parlamentares em Paris, era seguro que nenhum chefe negro cria que a realisação da politica bonapartista seria outra coisa que a nova escravisação de São Domingos. Vitima da febre amarela que fazia estragos, dizimando as mingradas forças francezas, Leclerc morreu a 2 de novembro de 1802, nos começos da grande rebelião. O general Rochambeau succedeu-o no alto comando. Era um tirano de primeira categoria e verdugo ostensivo da colonia em chamas. Encontraremos na politica maligna, sangrenta e deshumana de Rochambeau muitas explicações das medidas ferozes empregadas pelos insurgentes. Levando sua crueldade a um extremo inaudito, Rochambeau iniciou as matanças sistematicas, afogando as vitimas em grandes grupos e empregando ferozes cães de caça, importados de Cuba para perseguir os negros. (40) Rochambeau utilisava estas feras não só para castigo dos rebeldes sinão para fins de legitima guerra, notavelmente no ataque a Petit Goave, aonde enviou Neterwood para desalojar os defensores com os cães. As taticas barbaras do novo comandante intensificaram a resistencia. Confessa o francez Poyen que "as acusações levantadas por Dessalines contra os francezes não careciam, desgraçadamente, de base, e algumas das crueldades exercidas contra a gente de côr fizeram que a povoação desta raça se levantasse contra nós". (42) A guerra tornou-se então luta primitiva e sem quartel. A ferocidade franceza repercutia, provocando represalias dos indigenas. (43) A unidade de mando das tropas insurgentes sob Dessalines foi alcançada mediante a memoravel decisão de Pétion de permitir que seu antigo inimigo na luta de Toussaint e Rigaud tivesse agora a direção suprema dos exercitos libertadores. Dessalines, por esta determinação desinteressada de Alexandre Pétion, chegou a ocupar o posto elevado de Toussaint. Só lhe faltava distinguir-se na politica como na tosca vida militar para ser o governante reconhecido de São Domingos. Porém que contraste entre os dois caudilhos, cujos destinos agora se confundiam. Dessalines contava já quarenta anos; homem inculto, impla-

cavel, militar de talento, sem possuir vestígios de cultura convencional. Era negro de puro sangue; ex-escravo de negro, e generalissimo dos exercitos indigenas de São Domingos. Pétion que tão voluntariamente submeteu-se a Dessalines, era mulato, de educação e cultura francesas, homem de distinção, de maneiras e de ciencia. O genio militar de Jean Jacques Dessalines nunca recebeu testemunho mais eloquente, nem reconhecimento mais desinteressado, que naquela época quando velhos rancores e desinteligencias pessoas foram sacrificados para fazer frente unica á intransigencia franceza.

Dessalines foi, não obstante, a figura predominante durante muito pouco tempo. Sua ascensão havia sido lenta e dura, ganha a força de largos anos de guerra. Permaneceu no poder quatro anos. Neste breve espaço de tempo foi subalterno, generalissimo, governador geral e imperador. Carreira vertiginosa, tragica e fecunda em proezas e logros. Deixemos que Dubroca nos descreva o novo generalissimo: "Dessalines conta agora cerca de quarenta e seis anos. Sua altura é de cinco pés e duas polegadas; de complexão robusta, pequeno e gordo. O aspeto de sua fisionomia oferece algo de aspero e selvagem. A cabeça é grande e o pescoço curto. Seu olhar feroz, o nariz muito largo, chato e os labios grossos. A farda que mais usa é a de general de divisão; leva sempre uma faixa carmesin, o sabre e um par de pistolas". ⁽⁴⁴⁾

Durante o ano de 1803, celebrou-se a congresso de Arcahaie, no povoado do mesmo nome, não muito distante de Porto Principe. O congresso teve uma repercussão extraordinaria. A celebração desta assembléa culminou a estreita colaboração entre Pétion e Dessalines. Presidida por este ultimo, a assembléa adotou o pavilhão nacional vermelho e azul, eliminando-se o branco, da bandeira franceza. Dessaline proseguuiu com energia a guerra, passando com rapidez ao sul do paiz. A 5 de julho chegou a um acampamento nas proximidades de Aux Cayes e fez as pazes com Geffrard, comandante daquela região meridional. Recebeu este de Dessalines o encargo de conquistar o sul para a revolução. Foi nesta ocasião que Dessalines conheceu a seu futuro secretario e conselheiro, Boisrond Tonnerre. ⁽⁴⁵⁾

Em agosto daquele ano Jérémie caiu em poder dos revolucionarios sob o comando de Ferou. Progressivamente Geffrard assediou a cidade de Jacmel que foi evacuada pelos francezes. Pétion foi encarregado do ataque a Uéogane e em outubro já Dessalines ocupava a cidade de Porto Principe, completando a reconquista do sul e do oeste. Havia chegado o momento de dirigir a campanha para o norte, e Dessalines determinou caçar a Rochambeau em seu proprio refugio. A maior intranquilidade e inquietação reinavam em todas as partes. Não existia nem governo, nem segurança, nem ordem. Os exercitos despojavam tudo. Conta um viajante por esta época, que costeando a parte sul de São Domingos, "nos mantivemos afastados da costa,

porque havíamos ouvido dizer que os negros insurretos se achavam por estas comarcas. Escondidos com seus barcos nas bahias, assaltavam os navios que se aproximavam demasiado á costa". (46)

Em fins de outubro permanecia em poder dos francezes, somente o Cabo e o Mole São Nicolau. Em novembro, Dessalines abandonou Gonçalves, rumo ao norte, para desalojar definitivamente a Rochambeau do Cabo Francês. Iniciou-se a ultima etapa da epopeia da independencia negra de Haiti. A intensidade feroz que tanto havia distinguido a guerra anterior se fez ainda mais manifesta durante as ultimas semanas que a finalizavam. Conta Métral que "no Cabo, em Fort Dauphin, em Port-de Paix, St. Marc e Porto Príncipe não havia outra cousa sinão lâtegós, forcas e fogueiras; e soldados e colonos ocupados em matar e afogar seres humanos. (47) Rochambeau jamais abrandou-se. Levantava á plena vista dos indigenas assediadores centenaes de estacas adornadas com as cabeças dos homens de côr que, por desdita, caíram prisioneiros. O general francês executou no Cabo quinhentos desses infelizes. (48) O horror, a amargura, e a intensa animosidade dos insurretos cresciam com vehemencia. No dia 18 de novembro, os negros lançaram-se tumultuosamente contra os parapeitos franceses de Vertières. Nomes famosos nos annaes da história haitiana combateram com valentia incalculavel naquele dia decisivo. Christophe, Capois, Gebart e Clervaux entre outros, e muito particularmente Dessalines, cujo genio de tático se destacou com singular brilhantismo no combate que terminou gloriosamente a guerra da independencia. No dia 19, Rochambeau rendeu-se e no dia seguinte o exercito indigena fez sua entrada triumphal no Cabo.

A hora do recolhimento, da paz e da ordem havia soado. Estariam preparados os guerreiros indigenas para empreender a tarefa mais difficil e delicada da paz? O paiz carecia de tudo, e Dessalines era o chamado a dotar esta nação do que necessitava, havendo lhe dado a vida. Com sobrada razão se justifica a exclamação de Pauléus Sannon, o distinguido historiador haitiano: "Em que escola haviam aprendido os negros rebeldes a moderação e o perdão? Depois de crimes vergonhosos, onde os civilizados haviam demonstrado a medida de seus sentimentos humanos depois das matanças de Rochambeau, ainda recentes, quem a esta hora suprema, quando o drama finalizava, poderia falar de moderação a Dessalines e a Boisrond Tonnerre?" (49)

O chefe militar, cuja tenacidade havia creado a primeira nação independente no novo mundo depois dos Estados Unidos, era o chamado a erigir a estrutura do Estado; e o generalissimo analfabeto a dirigir a construção da nacionalidade. Consolidado o triumpho, Dessalines convocou o povo haitiano que se reunisse em Gonaives a 1.º de Janeiro de 1804, onde a independencia foi affirmada e proclamada aos quatro ventos. Cenário da deportação de Toussaint, centro do

paiz e cidade de renome revolucionario, Dessalines escolheu esta modesta cidade para o ato da separação, desejando revesti-lo de toda a solenidade que a ocasião requeria.

A tradição insiste que Charéron, associado de Dessalines, redatou o primeiro ato da independencia, documento ponderado, certo e conceituado, em termos elevados, cuja inspiração eram os direitos teóricos que haviam caracterizado as revoluções franceza e norte-americana. Não quadrava esta elevação de pensamento com os espiritos excitados pelo rancor e o entusiasmo que os transbordava. Dessalines insistiu que a proclamação refletisse toda a angustia e toda a intensidade do drama que terminava. Diz a tradição que Boissond-Tonnerre exclamou, cheio de justa indignação que “para redatar o ato de nossa independencia, é mister a pele de um branco para pergaminho, seu cráneo para tinteiro, seu sangue para tinta e uma baioneta para pena”. ⁽⁵⁰⁾ Treis atos foram aprovados nesta ocasião; um, declarando a nação livre; o segundo a proclamação do generalissimo ao povo invocando odio eterno a França, e o terceiro dos generaes ali reunidos, designando-o a Dessalines governador general vitalicio com amplos poderes. ⁽⁵¹⁾ A ditadura personalissima seguiu a obtenção da independencia. Haiti começou sua existencia turbulenta sob a sombra da prolongação do mandato, principio funesto que não deixou de ter uma repercussão através dos anos de sua vida nacional. Mereceria Dessalines a honra que lhe concediam? Possuia realmente talento de administrador? Sua seleção respondia ao desejo de homenagear ao militar audaz, engenhoso e tenaz. Viu-se envolvido então em responsabilidades alheias a tudo o que havia sido sua experiencia. Escutemos a sabia descripção de Pauléus Sannon, explicativa da situação prevalecente naqueles fins indecisos de 1804: “Sobre as ruínas ainda fumegantes era necessario fundar o estado e edificar o futuro. E sobre que homens caiu uma tarefa tão delicada e tão complexa? Sobre antigos escravos, desprovidos a maioria da mais rudimentar cultura; bravos, audazes, sem duvida, porém sem possuir outras virtudes que aquelas de soldados, vehementes, violentos, impacientes, duros e habituados á obediencia passiva, prontos a dar golpes com o bastão ou o sabre”. ⁽⁵²⁾

A independencia não houvera sido realidade sem o mando energico e abnegado de Dessalines. Seus dois anos de mando civil eram, não obstante, obscuro, indecisos, durante os quaes o chefe de Estado tateava, torpemente dirigindo a nave nacional por aguas sumamente dificeis e traiçoeiras.

Apenas terminadas as cerimoniaes de inauguração da nova nação, Dessalines propoz o projeto que lhe parecia ser o ato final e definitivo que cerraria o livro de contas com a França e que limparia o solo haitiano do núcleo que ameaçaria para sempre sua tranquillidade e sua independencia. Encontravam-se ainda numerosos francezes

em Haítí, velhos colonos, famílias inteiras que haviam experimentado os horrores da guerra prolongada e ainda mantinham sua residência no paiz. Que se faria com eles? O chefe implacavel decidiu-lhe a sorte — a medida mais drastica que imaginar-se pode. Os francezes seriam aniquilados, matados desapiadadamente para que seu sangue regasse o solo de Haítí livre. Assevera-se que Pétion, horrorizado ante esta decisão horripilante, guardou silencio. Christophe, que sentia repugnancia pelo caráter sanguinário, manteve-se calado. Em fevereiro, o decreto foi promulgado para a matança em massa dos francezes, residentes no paiz, excepção feita para os medicos, sacerdotes e alguns outros. Era dirigido principalmente contra os colonos, os proprietarios e os possuidores de terras. Os horrores da escravidão inflamavam o espirito dos recém libertados. Dessalines nunca deixou de recordar que seu corpo conservava as cicatrizes das chicotadas que havia recebido como escravo. Olho por olho e dente por dente era a lei do novo governador geral. O ex-escravo obteve terrivel vingança em nome de seu povo creado do nada; as matanças se efetuavam sistematicamente. Em cada comuna e em cada povo (povoação) levou-se-as a cabo, evitando que a tragica nova corresse adeante para que a população franceza não pretendesse fugir, espantada da calamidade que se aproximava. ⁽⁵³⁾

Existem para satisfação nossa, as memorias, um tanto raras, de um francês que se salvou em Jérémie da matança geral. Foi talvez o unico sobrevivente do terrivel suplicio e suas modestas memorias, descritivas do horror daqueles dias em angustiosa incerteza, refletem com fidelidade a natureza da execução da feroz medida. Relata Chazotte, o francês a quem fazemos referencia, que no dia 7 de março de 1804, de madrugada, Dessalines fez sua entrada na cidade de Jérémie. Todos os brancos, contemplavam sua passagem, saudando-o sem que ele respondesse. Olhava-os, segundo a linguagem da cronica: “com os olhos ferozes de um tigre esfomeado”. No dia seguinte, todos os brancos foram chamados á praça maior para um censo. Deu em resultado, 1436 brancos naquela cidade. No dia 9, escutaram uma arenga de Dessalines, pronunciada na lingua nacional, (visto que não falava o francês correntemente). Algum tempo ainda se passou antes que se iniciasse a matança. Passemos a palavra a Chacotte: “Subi ao segundo andar para descansar. Havia dormido um pouco, quando de repente ouvi gritos estridentes, gritos de desafio, de desespero e de raiva. Levantei-me do sofá com o coração gelado e á luz de inumeras tochas ví uns 400 brancos despídos, arrastados violentamente sobre as pedras irregulares da rua pela soldadesca. Pararam defronte ao quartel de Dessalines. Cobri os olhos com as mãos. Olhei novamente e ví o sangue brotar das feridas dos moribundos. Desmaiei e caí ao sólo. “No dia 15, Dessalines abandonou a cidade para proseguir a mesma tarefa por toda a peninsula do sul”. ⁽⁵⁴⁾

Em Porto Príncipe, Pétion fez o possível para diminuir o sacrificio de vida humana. Em abril, chegou ao Cabo, onde, segundo Beaubrun Ardouin, "Christophe, longe de mostrar-se partidario da matança geral, tratou até de salvar algumas vitimas". ⁽⁵⁵⁾ Nem todos os de raça branca, sofreram este exterminio. Dessalines permitia a naturalisação de estrangeiros e de alguns franceses, notavelmente uns polacos dos que haviam vindo a Haítí nos regimentos de Leclerc, e agora recebiam de Dessalines numerosas demonstrações de estima e de consideração. ⁽⁵⁶⁾

Antes que terminasse o ano de 1804, Dessalines deixou-se convencer facilmente a que se proclamasse o imperio. Foi quiçá em imitação do Primeiro Consul, que por esta epoca, aboliu os ultimos vestigios de um republicanismo em ruinas. A coroação teve lugar em outubro, no Cabo, dentro da maior solenidade. Dessalines, escravo e fugitivo, havia chegado a Jacques I, imperador de Haítí. Seu antigo amo, negro do norte, viveu para vê-lo seu soberano.

Antes que o imperio fosse consolidado, o imperador empreendeu a obra que tanto entusiasmo havia sempre despertado em Toussaint, a conquista do este da ilha. Através da historia haitiana percorre com notavel frequencia este empenho em realisar a unificação do territorio insular para que a haitianização se efetuasse por inteiro. O que Toussaint realisou por um breve espaço de tempo e que Dessalines intentou, foi convertido em realidade por Boyer, logo perdido em 1844, e intentado de novo por Soulouque. De fevereiro a março, o imperador poz em movimento as forças nacionaes. Desde Petite Rivière de l'Artibonite e o Cabo, mais de 25.000 homens se reuniram para cruzar o territorio oriental na guerra de conquista. Dessalines assediou a cidade primaz, porém, a noticia da aparição de uma frota franceza, fez levantar o sitio e retornou precipitadamente para Haítí. O imperio vivia em continua aflicção e temor das represalias dos francezes.

Dessalines jamais aceitou auxilio, socorro nem proteção dos ingleses, apesar da insistencia com que seus agentes pretendiam obter influencia no novo estado. Um agente britânico saíu de Jamaica em 1804 para propor um convenio ou tratado a Dessalines. ⁽⁵⁷⁾ Um emissario dos Estados Unidos tambem se entrevistou com o Imperador em Gonaives oferecendo-lhe estabelecer relações com a republica do norte. ⁽⁵⁸⁾ Barcos norte-americanos frequentavam os portos haitianos. Enquanto isso o imperador escolheu como sede de seu governo a pequena cidade de Marchand, a umas sete leguas de Petite Rivière nas planicies de Artibonite.

Internamente o paiz se organisava gradualmente. Dessalines havia creado a ditadura imperial, sem obter o titulo mediante o pleno conhecimento de seus antigos companheiros de armas. Recusou crear uma nobreza, afirmando que ele era o unico nobre. Seu sucessor se-

ria escolhido por ele, sem que existisse forma alguma de governo representativo. Este imperio era de pouca duração. O estado era uma camarilha militar, seu regime o despotismo do caudilho do campo de batalha que se converteu em governante civil. Dessalines carecia totalmente de talento administrativo. Sua arbitrariedade afastou numerosos haitianos de capacidade, e sua arrogancia imperial alienou a outros tantos. ⁽⁵⁹⁾ Observa Ardouin que sua determinação de relegação ao olvido a prioridade militar na sucessão, serviu para provocar as hostilidades de Christophe. ⁽⁶⁰⁾ Pétion achava-se afastado do Imperador, por motivos de indole diversa. Dessalines não esquecia que seu projeto mais caro, o casamento de Pétion e sua filha Célimène havia fracassado. Não nos estranha que Dessalines concebesse a negativa de Pétion como motivada por algum oculto preconceito de côr. O Imperador não admitia que houvesse em Haítí outra classe de gente que negros — titulo oficial de todos os habitantes, não importava o matiz racial a que pertencessem.

A legislação Dessaliniana foi animada pela defesa do solo, animosidade contra os francezes e uma determinação ferrea de que o branco jamais pisa-se terra haitiana como dono. Observe-se o artigo XII, da Constituição Imperial que resava: "Nenhum branco, qualquer que seja sua nação, não pisará pé neste territorio a titulo de dono ou de proprietario; e não poderá no futuro adquirir propriedade alguma". ⁽⁶¹⁾ O conceito exato de Dessalines reflete-se concisamente em sua declaração: "Fizemos a guerra para os demais, antes de tomar as armas contra Leclerc, e os homens de côr, os filhos de brancos não reclamaram a herança de seus paes. Como é possível depois que expulsamos os colonos, que seus filhos reclamem agora suas propriedades? Os negros, cujos paes estão na Africa não terão então nada? Senhores, si a coisa continua assim, tudo anda muito mal. Negros e mulatos combatemos contra os brancos e os bens que conquistamos derramando nosso sangue, pertencem a todos. Entendo que eles deveriam ser repartidos com equidade". ⁽⁶²⁾

O regime de Dessalines decaía rapidamente. Seu sistema abrigava conspiradores e o ambiente era infestado de hostilidade e de medo. O Imperador vivia perpetuamente sobre um vulcão. Seu metodo na guerra não podia servir na paz. Resumia-se na frase que se lhe atribue em palestra com Francisco de Miranda que a revolução se faz, não com arengas, proclamações e discursos, senão a "cortar cabeças e queimar casas". ⁽⁶³⁾ Funesta doutrina quando Haítí recuperava sua normalidade, depois de vinte anos de hecatombe. As conspirações cresciam. Ha algumas dificuldades em fixar a responsabilidade da tragedia que acabou com o Imperio em Point Rouge em 1806. Christophe indubitavelmente encabeçava o movimento para a derrocada de Dessalines. Pétion era cúmplice, provavelmente. Negam alguns a participação de Pétion em semelhante actuação. Asse-

vera Ardouin que o complot se desenvolvia efetivamente entre Christophe, Pétion e Geffrard, e que o atentado contra a vida do imperador foi resolvido por estes treis. ⁽⁶⁴⁾ Desde janeiro de 1806, parece que Dessalines desconfiava das intenções de Pétion e de Geffrard. Suspeitou que projetavam eles o regresso de Rigaud. Observe-se já o temor de que se levantasse de novo o estandarte dos mulatos para dividir a família haitiana. Morreu de repente Geffrard, comandante do sul. Dessalines seguiu para esta região, examinando detalhadamente a obra de sua administração. Achou a situação caótica. Violações de seus estatutos, contrabando e desfalques em toda a parte. Irritado, acabrunhado, castigou severamente o sul. Desesperadamente lutou para que a questão de títulos sobre as propriedades se normalizasse. Analfabeto; incapaz de dirigir uma tarefa tão delicada e complexa, o imperador regressou a Marchand. Não demorou a sublevação em estalar. Seu proprio ministro da guerra Gérin, a encabeçou. Pétion, Magloire Ambroise e outros aderiram rapidamente ao movimento. Colhido de emboscada, nas cercanias de Porto Príncipe, caiu crivado pelas balas dos insurretos, no dia 17 de outubro de 1806. Seu cadaver mutilado, foi deixado sobre a estrada. Despojado e ultrajado, os restos do Imperador foram arrastados a Porto Príncipe. O cadaver ficou largas horas insepulto sob os golpes de bengala e de sabre do populacho. Uma demente, chamada Défilée, iluminada quíça por precaria inteligencia, ante o espectaculo horripilante, deu-lhe sepultura.

Aos quarenta e oito anos, o fundador de Haiti caiu martirizado. Seus pecados o perseguiram e suas virtudes tardaram a esclarecer-se. Sua posição nos anaes historicos haitianos é segura. Não podemos classificar a Dessalines, o mais feroz dos homens, nem monstro sem sentimentos humanos no coração como o denomina Laujon. ⁽⁶⁵⁾ A apreciação de Ardouin é mais equanime: "A natureza o havia creado para conquistar e não para governar. Não poudo compreender que seu papel de revolucionario havia sido cumprido e que o de administrador e de governante, começava depois do exito da independencia". ⁽⁶⁶⁾ Era antes o que Hannibal Price chamava o "ignorante sublime". ⁽⁶⁷⁾ Sua obra duradoura não admite duvida. Em realidade, "o ato de independencia foi o ponto de partida de uma grande revolução agraria e uma repartição das propriedades que foi sancionada pela constituição imperial". ⁽⁶⁸⁾ Sua obra perdurou para fazer da moderna nação haitiana o que é, a unica terra americana onde a raça negra levantou seu estado e sua sociedade. Trabalhou em beneficio de sua raça, e sua raça não lhe esquecerá.

NOTAS BIBLIOGRAFICAS

- 1 — T. Lothrop Stoddard — *The French Revolution in San Domingo*, Boston, New York, 1914, pag. 282.
- 2 — Descourtilz M.E. — *Voyages d'un naturaliste et ses observations*. Paris, 1809, 3 volumes, Vol. III, pag. 354.
- 3 — Lacroix, Pamphile de, *Mémoires pour servir à l'histoire de la Révolution de Saint Domingue*. Paris, 1819.
- 4 — Laujon, A. de L. — *Souvenirs et Voyages*, Paris, 1835, pag. 279.
- 5 — Davis, H. P. — *"Black Democracys — The Story of Haiti"*, New York, 1929, pag. 55.
- 6 — Vandercook — *"Black Majesty"*, New York, 1928, pag. 79.
- 7 — Métral, A. — *"Histoire de l'Expédition des français á Saint Domingue sous le Consulat de Napoleon Bonaparte"*, etc. Paris, 1825, pags. 46-47.
- 8 — Dubroca, — *"Vida de J. J. Dessalines, Gefe de los Negros de Santo Domingo"*, Madrid, 1805, pag. 2.
- 9 — Vergniaud Lecomte, — *"Henri Christophe dans l'histoire d'Haiti"*. Paris, 1931, pag. 131.
- 10 — Veja-se Dantês Bellegarde, — *"Pages d'Histoire"*. A segunda secção trata do tema, *"La société française de Saint Domingue en 1789"*.
- 11 — Consulte-se Bryan Edwards, *"An Historical Survey of the Island of Saint Domingo"*, etc. London, 1796.
Contem notas curiosas de uma testemunha ocular sobre os horrores da revolução de 1791.
- 12 — Rosemond Jules, — *"Conférence Historique sur la vie de J. Dessalines"*, Port-au-Prince, 1903.
St Rémy, autor haitiano de Aux Cayes, em suas notas ás Memórias do *"Général Tousseaint Louverture, écrits par lui même"* (Paris, 1853) assina a data de 1749 para o nascimento de Dessalines.
- 13 — Madiou, Thomas — *"Histoire d'Haiti"*, vol. III, Port-au-Prince 1922.
Uma nota do historiador Madiou esclarece: *"Dessalines em sua juventude se chamava Duclos. Quando foi vendido por seu primeiro amo, que era branco, a um proprietario negro, chamado Dessalines, tomou o nome deste"*, pag. 111.
Veja-se também, Malo, *"Histoire de l'Ile de Saint Domingue"*, etc. Paris, 1819, pags. 305 e 6.
- 14 — Dubroca, ob. cit. pag. 7.
- 15 — Descrições geraes sobre esta epoca, encontram-se em Madiou, obra citada, vol. I, e em Ardouin, *"Études sur l'Histoire de Haiti"*, vol. III (segunda parte, Port-au-Prince, 1930). Em ambos os casos se trata de uma reimpressão das duas obras historicas fundamentaes sobre Haiti. A de Ardouin chega somente ao terceiro tomo dos onze originaes. Dorsainvil, *"Manuel d'Histoire d'Haiti"*, Port-au-Prince, 1934.
- 16 — Lacroix, ob. cit. I, pags. 374-5.

- 17 — Idem, I, pag. 393.
- 18 — Boisrond Tonnerre, "Mémoires pour servir á histoire d'Haiti", Paris, 1851, com notas de St. Rémy, pag. 17.
- 19 — Lacroix, ob. cit. II, pag. 47.
- 20 — Idem, II, pags. 65-66.
- 21 — Idem, II, pag. 103.
- 22 — Idem, II, pag. 142.
- 23 — Métral, ob. cit. pag. 72-3.
- 24 — Rosemond, ob. cit. pag. 30.
- 25 — Lacroix, ob. cit. II, pag. 153.
- 26 — Descourtilz, ob. cit. III, pags. 303-4.
- 27 — St. Rémy, "Pétion et Haiti" — "Étude monographique et historique". Paris, vol. III, pag. 40.
- 28 — Descourtilz, ob. cit. III, pag. 282. A frase empregada por Dessalines traduz-se, "Muito vento, pouca chuva".
- 29 — Idem, III, pags. 364-5.
- 30 — Poyen, H. — "Histoire militaire de la Révolution de Saint Dominique", Paris, 1899, pags. 16-62.
- 31 — Idem, pags. 195-6.
- 32 — Malo, ob. cit. pag. 252.
- 33 — Lacroix, ob. cit. II, pag. 180.
- 34 — "Mémoires de Toussaint Louverture", Paris, 1851, pag. 71.
- 35 — Lacroix, ob. cit. II, pag. 191-2.
- 36 — Malo, ob. cit. pag. 260.
- 37 — Lacroix, ob. cit. II, pag. 218. Ha uma breve descrição do acontecimento em Dorsainvil, "Manuel d'Histoire de Haiti", pag. 143.
- 38 — "Gazette Nationale ou Le Moniteur Universel", numero 243. Sessão de 30 Floreal, Ano X (1802).
- 39 — Idem. E' curioso o projeto de 28 Floreal com referencia ao restabelecimento da escravidão e o tratamento dos negros. O "Moniteur Universel" inclúe abundantes pormenores das medidas para este fim.
- 40 — Métral — ob. cit. pag. 182. Veja-se tambem, Bouvet de Cressé, "Histoire de la Catastrophe de Saint Domingue", Paris, 1824. I, pags. 65, 66 e 67.
- 41 — Idem, pag. 197.
- 42 — Poyen, ob. cit. pag. 361.
- 43 — Bonnet E. — "Souvenirs historiques de Guy Joseph Bonnet", Paris, 1864, pag. 104.
- 44 — Dubroca, ob. cit. pag. 127.
- 45 — Pauléus Sannon — "Boisrond Tonnerre et son Temps", Port-au-Prince, 1904, pags. 1-2.
- 46 — C. C. Robin — "Voyage dans l'intérieur de la Louisiana, de la Floride Occidentales et dans les Iles de la Martinique et de Saint Domingue pendant les années 1802, 1803, 1804, 1805", 2 tomos, Paris, 1807.
- 47 — Métral, ob. cit. pag. 179.
- 48 — Idem, pag. 175.
- 49 — Sannon, ob. cit. pag. 5.
- 50 — Ardouin, ob. cit. Vol. VI, pag. 24 (da primeira edição de Paris, 1856).
- 51 — Veja-se para estes importantes documentos, a coleção "Recueil général des lois et actes du gouvernement d'Haiti, depuis la proclamation de son indépendance jusqu'à nos jours", por L'Instant de de Pradine, Segunda edição, Paris, 1886, vol. I, pags. 1, 2, e 5.
- 52 — Sannon, ob. cit. pag. 6.
- 53 — Veja-se L'Instant de Pradine, ob. cit., vol. I, pag. 21, "Procamation relative au massacre des français".

- 54 — Chazotte, Pierre Etienne — "The Black Rebellion in Haiti", publicado particularmente em Philadelphia, EE. UU., 1927, das memorias escritas em 1804. Um testemunho ocular da matança de Jérémie, repleto de detalhes personalissimos, pags. 42-47.
- 55 — Ardouin, ob. cit. VI, pag. 59.
- 56 — Idem, VI, pag. 381.
- 57 — Laujon, ob. cit. pag. 8.
- 58 — Ardouin, ob. cit. VI, pag. 108.
- 59 — Idem, VI, pag. 400.
- 60 — Idem, VI, pag. 384.
- 61 — Veja-se a Constituição Imperial, dada em 20 de maio de 1805, em L'Instant de Pradine, ob. cit. I, pag. 47.
- 62 — Ardouin, ob. cit. VI, pag. 208.
- 63 — Idem, VI, pag. 242.
E' difficil produzir certeza acerca da conversação que se alega mantida entre Dessalines e Miranda. Os "Archivos de Miranda", Caracas, 14 tomos, do governo venezuelano nada revelam sobre este particular. "Coupez têtes, brulez cases", significa "corte cabeças, queime casas".
- 64 — Idem, VI, pag. 229.
- 65 — Lanjouin, ob. cit. pag. 279.
- 66 — Ardouin, ob. cit. VI, pag. 390.
- 67 — Hannibal Price, "De la rehabilitation de la race noire", Port-au Prince, 1900, pag. 690.
- 68 — Reynaud, R. "Le régime foncier en Haiti", Paris, 1934, pag. 77.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

- Ardouin, Beaubrun — "Études sur l'Histoire d'Haiti", 11 volumes, Paris, 1856. O tomo VI trata especificamente da epoca do Imperio de Dessalines.
- Boisrond Tonnerre — "Mémoires pour servir à l'Histoire d'Haiti", étude critique de St. Rémy", Paris, 1851.
- Bonnet, Edmond, "Souvenirs historiques de Guy Joseph Bonnet. Documents relatifs à toutes les phases de la Révolution de Saint Domingue, recueillis et mis en ordre par Edmond Bonnet". Paris, 1864.
- Bouvet de Cressé, A. J. B. "Histoire de la Catastrophe de Saint Domingue", 2 volumes, Paris, 1824.
- Carteaux, F. "Sotrées Bermudiennes, ou entretiens sur les événements qui ont operé la ruine de la partie française de l'île de Saint Domingue". Bordeaux, A. V. (1802).
- Castonnet des Fosses, H. "La Révolution de Saint Domingue", Paris, 1893.
- Chalmers, C. "Remarks on the late war in S. Domingo", London, 1803.
- Chazotte, Pierre Etienne, "The Black Rebellion in Haiti. The experience of one who was present during four years of tumult and massacre. Edited by Charles Platt. Privately printed Philadelphia 1927". Escrito em 1804, traduzido em 1837, publicado em 1840. (O exemplar consultado existe em copia datilografada na Bibliothèque Haitienne des Frères de Porto Principe).
- Dalmas, M. — "Histoire de la Révolution de Saint Domingue, depuis le commencement jusqu'à la prise de Jérémie e du Mole St. Nicolas par les anglais", volumes, Paris, 1814.

- Descourtilz, M. E. — "Voyages d'un naturaliste et ses observations". 3 volumes, Paris, 1809. A segunda parte do tomo III se intitula: "Détails de ma captivité par quarante mille négres, contenant des anecdotes secrètes sur les règnes de Toussaint-Louverture et Dessalines, chefs des negres révoltés à Saint Domingue".
- Dorsainvil, J. C. — "Manuel d'Histoire d'Haiti", Port-au-Prince, 1934.
- Dubroca, "Vida de J. J. Dessalines, Gefé de los negros de Santo Domingo". Traduzido do francês, Madrid, 1805. A obra original "Vie de J. J. Dessalines" foi publicada em Paris, em 1804.
- Dubaciné Vaval, "Conférence historique: Dessalines devant l'histoire" "Conference faite aux Vayes, 10 octobre 1903. Port-au-Prince, 1906.
- Edwards, Bryan, "An historical survey of the island of Saint Domingue, an account of the revolt of the negroes in 1791 and a detail of the military transations of the British army in that island in 1793 and VGTD. London, 1796".
- Gragnon Lacoste, "Toussaint Louverture, Général en chef des armées de Saint Domingue, surnomé el Premier des Noirs", Paris, 1877.
- Harvey, Sketches of Haiti from the expulsion of the French to the death of Christophe", London, 1827.
- Hérard Dumesle, "Voyage dans le nord d'Haiti, ou révélations des lieux et des monuments historiques". Aux Cayes, 1824.
- Inginac, J. B. "Mémoires depuis 1797 jusqu'à 1843", Kingston, 1843.
- Janvier, "Les constitutions d'Haiti", Paris, 1885.
- Lacroix, Lt. Ge. Pamphile de, "Mémoires pour servir à l'histoire de la Révolution de Saint Domingue", 2 volumes, Paris, 1819.
- Laujon, A. de, "Souvenirs et Voyages" 2 tomos em um. Paris, 1835.
- Précis historique de la dernière expédition de Saint Domingue, Paris, 1805.
- Lattre, P. A. de, "Campagnes des français à Saint Domingue et réfutation des reproches faits au Capitaine Générale Rochambeau, Paris, 1805.
- Lecomte Vergniaud, "Henry Christophe dans l'histoire de Haiti". Paris, 1831.
- Lepinasse, Beauvais, "Histoire des affranchis de Saint Domingue", Paris, 1882.
- Linstant de Pradine, Le Bon, "Recueil générale des Lois et Actes du gouvernement d'Haiti", Segunda edição, 8 volumes, Paris, 1886. O primeiro tomo abrange os anos 1804-1808.
- Madiou, Thomas "Histoire d'Haiti", 3 volumes, reimpressão. Port-au-Prince, vol. I, 1922, vol. III, 1923, e vol. III, 1922.
- Malenfant, Col. "Des colonies et particulièrement de celle de Saint Domingue, mémoire historique et politique", Paris, 1819.
- Malo, Charles, "Histoire de l'île de Saint Domingue depuis sa découverte jusqu'à ce jour, suivie de pièces justificatives". Segunda edição, Paris, 1819.
- Métral, Antoine, "Histoire de l'expédition des français à Saint Domingue sous le consulat de Napoleon Bonaparte suivies des memoires et notes d'Isaac Louverture, sur la même expedition et sur la vie de son pere", Paris, 1826.
- Moreau de St. Rémy, "Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de Saint Domingue, avec des observations générales sur la population, sur la caractère et les moeurs de ses divers habitants: sur son climat, sa culture, ses publications, son administration, etc. Accompagnés de détails les plus propres à faire connaître l'état de cette colonie à l'époque du 18 octobre, 1789". 2 vls., Philadelphia, 1797.

- Nemours, Col. "Histoire militaire de la Guerre d'Independance de Saint Domingue, Tomos I e II, Nancy, Paris, 1928.
- Peytraud, L. "L'Esclavage aux Antilles françaises avant 1789". Paris, 1897.
- Poyen, Lt. Col. H. de, "Histoire militaire de la Révolution de Saint Domingue", Paris, 1899.
- Rainsford, Marcus, "An historical account of the Black Empire of Haiti comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingue, with its antient and modern state". London, 1805.
- Rosemond, Jules — "Conférence historique sur la vie de J. J. Dessalines", 17 octobre, 1903. Port-au-Prince, 1903.
- ST Rémy, "Pétion et Haiti", étude monographique et historique". 5 volumes. Foram publicados na seguinte ordem: vol. I, 1854, vol. II, 1854, vol. III, 1855, vol. IV, 1856, e vol. V, 1857. Paris.
- Sannon, Pauléus, "La Guerre de l'Independance". Port-au-Prince, 1925; Boisrond Tonnerre et son Temps", Port-au-Prince, 1904; "Histoire de Taussaint Louverture", volume I, Port-au-Prince; 1920; vol. II, 1933 e vol. III, 1933.
- Stoddard, Lothrop, "The French Revolution in San Domingo", Boston e Nova York, 1914.
- Gazette Nationale ou le Moniteur Universal, Paris. Especialmente os numeros do ano X. (1802).